



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

LUCAS RODRIGUES LOPES

**MORADORES DE RUA EM VÍDEOS DO YOUTUBE:
(DES)(RE) TERRITORIALIZAÇÕES DO ESPAÇO-TEMPO
NO(S) DISCURSO(S) DE SI E DO(S) OUTRO(S)**

**CAMPINAS,
2018**

LUCAS RODRIGUES LOPES

**MORADORES DE RUA EM VÍDEOS DO YOUTUBE:
(DES)(RE) TERRITORIALIZAÇÕES DO ESPAÇO-TEMPO
NO(S) DISCURSO(S) DE SI E DO(S) OUTRO(S)**

Tese de doutorado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do título Doutor em Linguística
Aplicada na área de Linguagem e
Sociedade

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Rodrigues Faria Coracini

Este exemplar corresponde à versão

final da Tese defendida pelo aluno Lucas Rodrigues Lopes

e orientada pela Profa. Dra. Maria José Faria Rodrigues Coracini

**CAMPINAS,
2018**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES, PROEX- 0487

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Dionary Crispim de Araújo - CRB 8/7171

L881m Lopes, Lucas Rodrigues, 1985-
Moradores de rua em vídeos do YouTube : (des)(re)territorializações do espaço-tempo no(s) discurso(s) de si e do(s) outro(s) / Lucas Rodrigues Lopes. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Maria José Rodrigues Faria Coracini.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Pessoas desabrigadas - Brasil. 2. YouTube (Recurso eletrônico). 3. Espaço e tempo. I. Coracini, Maria José Rodrigues Faria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Homeless people in YouTube videos : space-time (des)(re)territorializations into their discursive practice and others'

Palavras-chave em inglês:

Homeless persons

YouTube (Eletronic resource)

Space and time

Área de concentração: Linguagem e Sociedade

Titulação: Doutor em Linguística Aplicada

Banca examinadora:

Maria José Rodrigues Faria Coracini [Orientador]

Cláudia Hilsdorf Rocha

Maria de Fátima Silva Amarante

Claudete Moreno Ghiraldelo

Sandra Aparecida Silva

Data de defesa: 14-08-2018

Programa de Pós-Graduação: Linguística Aplicada



BANCA EXAMINADORA:

Maria José Rodrigues Faria Coracini

Cláudia Hilsdorf Rocha

Maria de Fátima Silva Amarante

Claudete Moreno Ghiraldelo

Sandra Aparecida Silva

**IEL/UNICAMP
2018**

**Ata da defesa, com as respectivas assinaturas dos membros da banca, encontra-se no
SIGA - Sistema de Gestão Acadêmica.**

A rua

(As)simetrias

Subidas

Descidas

Corpos estendidos

Silenciam

Em pé

Vociferam

Os prédios anunciam

Os caminhos (a)firmam

As faces denunciam

De dia, dispersados

À noite, (a)juntados

A fome anuncia a calada dos julgados

Entre verticalidades

Há horizontalidades

Muitas vezes, personalidades

O outro diz que são banalidades

Diz ser da criminalidade

Mas ninguém sabe ao certo sua (histori)(c)idade

(Lucas Rodrigues Lopes, Abril de 2015)

Dedico este trabalho à minha mãe, Jerônima, com quem aprendi que os discursos são multifacetados e requerem análise!

A genealogia é cinza; ela é pacientemente documentária. Ela trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos. ... Daí, para a genealogia, um indispensável demorar-se: marcar as singularidades dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história — os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos (FOUCAULT, 2002, p.12)

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Maria José Coracini, pela maestria com que conduziu o caminho da orientação deste trabalho ao longo destes quatro anos e meio, por me apresentar os estudos do discurso de uma outra ótica: Desconstrução, e por me ensinar o árduo caminho de um(a) pesquisa(dor).

À Profa. Dra. Cláudia Hilsdorf Rocha, de quem fui aluno e orientando em área complementar, pelas reflexões e leituras na área de Ensino e Aprendizagem de Línguas. Obrigado por me fazer mergulhar no amplo e difuso espaço dos multiletramentos bem como pelo aceite para compor a banca de defesa de meu doutorado.

À Profa. Dra. Claudete Moreno Ghiraldelo, pela solicitude em participar das qualificações de projeto, de tese e da defesa. Obrigado por ser tão pontual em suas anotações e por trazer outras vertentes e contribuições teóricas. Essas foram de extremo enriquecimento!

À Profa. Dra. Maria de Fátima Silva Amarante, pela persistência, pela firmeza e pelo rigor teórico. Meu muito obrigado por ter me apresentado os textos da Profa. Dra. Maria José Coracini. Ainda me lembro do livro “A celebração do Outro”, leitura obrigatória nas aulas de Introdução aos Estudos do Discurso, na Pontifícia Universidade Católica, no curso de Letras da turma 04. Obrigado pelo percurso na Iniciação Científica, pelas contribuições assertivas na banca de qualificação de mestrado, de doutorado e, agora, na defesa.

À Profa. Dra. Sandra Aparecida Silva, pelo aceite em compor a banca de defesa deste trabalho, por compartilhar seu olhar teórico e pontual nas aulas de Língua Portuguesa. Obrigado pelo lugar singular de escuta!

Às Profas. Dras. Cátia Veneziano Pitombeira, Eliane Righi de Andrade e Tereza Machado Maher, pelo aceite em compor a banca (suplentes).

Aos colegas do grupo de pesquisa “Vozes (in)fames: exclusão e resistência”, pelos debates e apontamentos nas sessões de orientações. Em especial à Orru, à Rejane, ao Paulo e ao Casalinho, à Giu, à Tiemi.

Aos meus colegas de trabalho, por tornarem o percurso acadêmico menos dolorido e árduo. Em especial ao Prof. Dr. André de Moura Giraldi e aos profs. Me. Mateus Fuini, César Bagnolo e Luiz Henrique Biazotto.

À Carina Merheb, mãe do eterno Goozie, por me desafiar, por não estar de contento com a educação estadual, por lutar como mulher-professora. Sobretudo, por dizer: Tudo vai ficar bem!

À Carla Fernanda Anastácio, por nunca desistir de mim e dizer que nasci para dar aulas.

À Carla Germano, minha analista, pelo percurso, pela supervisão na área clínica e por todos os ensinamentos. Além disso, por me fazer acreditar que é preciso beber de diferentes águas e mergulhar em diversos rios para compor minha história e repertório de vida.

À Cris Parente, por me escutar toda quinta-feira à tarde nos plantões de HAE.

Ao Artur Rocha, amigo e professor, pelas risadas desvairadas quando o que mais queria era sumir, ficar em casa nem ver ninguém.

Ao Éderson Silveira, pelo olhar crucial, por fazer emergir vozes silenciadas, pela escrita dos subalternos.

Ao Gui Soares, pela amizade, pelo carinho, pela escuta. Você importa!

Ao Jeferson Cipriano, pela amizade, pelas risadas, pelo carinho que conseguimos construir em tão pouco tempo.

Aos meus familiares, por entenderem minha ausência e, mesmo assim, darem carinho, atenção e colo. Em especial, ao Tuto, por exercer a função paterna quando eu mais precisei e à Lêla, por me dizer que tudo na vida depende da importância que se dá.

Aos funcionários da secretaria de pós-graduação do IEL, pela atenção, pelo interesse em resolver as demandas acadêmicas que diversas vezes tiram nosso sono.

À CAPES, pelo apoio financeiro. Sem o qual, não teria encurtado lonjuras nem conseguido me manter nas muitas idas e vindas.

Aos Deuses por nunca desistirem de mim, por serem meu escudo e por me darem força quando mais precisei! Axé!

RESUMO

Nesta pesquisa de doutorado, intitulada **Moradores de rua em vídeos do YouTube: (Des)(re)territorializações do espaço-tempo no(s) discurso(s) de si e do(s) outro(s)**, nosso olhar voltou-se para moradores de rua bem como para suas narrativas de vida que, veiculadas em sites da internet, mais especificamente no *YouTube*, permitiram-nos melhor compreender os sujeitos que deixam de ocupar um teto, passando a ocupar a rua. O entrelugar do estar na rua e do fazer parte de um lugar em trânsito que não é visto como moradia revela a complexidade de sujeitos e faz reverberar reflexões acerca da produção de subjetividades na contemporaneidade. O desenvolvimento deste trabalho deu-se por meio de diálogos e alinhavos teóricos entre o campo da Linguística Aplicada, mais especificadamente os estudos do discurso, e áreas convergentes que pudessem nos possibilitar sedimentar a discussão visando ao olhar transdisciplinar. Desse modo, propusemos esta pesquisa pautada no crescimento vertiginoso da população de rua no Brasil, visto que ela pode instituir uma nova ordem discursiva a respeito do contraste entre um teto (des)ocupar e a rua (fazer morada); constituindo, assim, um lugar de escuta dos que se estabelecem e são estabelecidos à margem da sociedade, rompendo as amarras sociais de que só se faz cidadania se tiver um endereço fixo, casa para morar e conta de luz ou água para pagar. Em vista disso, o presente trabalho teve como objetivos, a partir de um viés discursivo-desconstrutivista, problematizar as representações de sujeito e de corpo a partir de dizeres de 21 moradores de rua, 36 recortes discursivos, extraídos de entrevistas do *YouTube*, bem como discutir a incidência de representações espaço-temporais. Partimos do pressuposto de que o discurso constitui as identidades em condições sócio históricas e que um dos modos de seu funcionamento é a espacialidade-temporalidade, apostamos na hipótese de que os dizeres de moradores de rua são constituídos por representações de espaço e de tempo cujos efeitos remetem a alterações das relações de poder. Pretendemos, então, contribuir à reflexão e à melhor compreensão sobre aqueles que se encontram em situação de rua.

Palavras-chave: moradores de rua; discurso; YouTube; espaço; tempo.

ABSTRACT

In this doctor's degree research, entitled **Homeless people in YouTube videos: Space-time (dis)(re)territorializations into their discursive practices and others'**, our focus had been homeless people and their lives' narrative which are presented on internet sites, mainly on *YouTube*, which allowed us to better understand the ones who have left home to rather live on the streets. The in-between place in being on the street and as well as being in a movement place which is not considered a home reveals humankind's complexity and it brings into reflection contemporary subjectivity production. This work development had been carried out by theoretical dialogues and different approaches from Applied Linguistics, mainly from Discourse Studies, also from convergent study areas in order to propose a transdisciplinary view. Thus, we have proposed this doctor's degree research due to the homeless people increasing rate, since they can institute a new discursive order about a contrastive house (des)occupy and leaving/living the street, constituting a place for hearing the ones who establish and are established to be living on the edge of society breaking into the rules about citizenship is only built when you are an electricity or water bill holder as well as when you have a house to move in. Taking this into account, this current work aims at discussing subjectivity and space-time representations from discursive-deconstructive lens from 21 homeless people interviews, 36 discursive passages, extracted from *YouTube*. We believe that discourse constitute social and historical identities and one of the functioning settings is spatiality-temporality, we also propose that in homeless people's interviews emerge space-time representations in which refer to power relations alterations. Assuming that, we intend contributing to a better reflection upon those who are on the street and as well as to our comprehension about them.

Key-words: Homeless people; discourse; YouTube; space; time.

SUMÁRIO

MARCO ZERO - INTRODUÇÃO.....	15
 CAPÍTULO 1 – ESPAÇO URBANO, HETEROTOPIAS, (DES) TERRITORIALIZAÇÕES.....	19
1.1 Horizontalidades e verticalidades no espaço urbano da cidade.....	19
1.2 Sobre as heterotopias	22
1.3 Territorializar, desterritorializar e reterritorializar: notas sobre a (des)ocupação das ruas	26
 CAPÍTULO 2- DISCURSOS, SUJEITOS, IDENTIFICAÇÕES	33
 CAPÍTULO 3 – CONSTRUÇÃO DO CORPUS	59
3. 1. <i>YouTube: Broadcast yourself</i>	59
3. 2 Aspectos metodológicos	62
 CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DO CORPUS	65
4. 1 Mo(vi)mentos: O morador de rua nas malhas do discurso no YouTube	65
Eixo 1 - O morador de rua a partir das representações de si	65
Eixo 2 - O outro sob o olhar de moradores de rua	85
Eixo 3 - O espaço-tempo e poder nas relações dos moradores de rua .	98
 CONSIDERAÇÕES FINAIS: APONTAMENTOS DE UMA ANÁLISE DISCURSIVA	116
 Referências	120
ANEXO 1- O morador de rua sob seus próprios olhos	125
ANEXO 2 - O outro sob o olhar de moradores de rua	130

ANEXO 3 - O espaço-tempo e poder nas relações dos moradores de	
rua	134

MARCO ZERO - INTRODUÇÃO

Buscando dar continuidade ao trabalho de observação e de análise discursiva, desenvolvido na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) que deu origem à dissertação de mestrado **O blogueiro e suas práticas - Corpos carnavalizados e interações multifacetadas**, quando nos interessava analisar de forma discursiva a construção da homossexualidade nos *blogs* veiculados pelo site *Blogger*, buscando compreender como o corpo, o discurso do outro e o uso vocabular são construções que, possivelmente, traçam uma identidade tanto do blogueiro como de seu parceiro.

Nesta pesquisa de doutorado, intitulada **Moradores de rua em vídeos do YouTube: (Des)(re)territorializações do espaço-tempo no(s) discurso(s) de si e do(s) outro(s)**, nosso olhar volta-se para moradores de rua bem como para suas narrativas de vida que, veiculadas em sites da internet, mais especificamente no *YouTube*, permitem-nos melhor compreender as vivências de quem deixa de (des)ocupar um teto, passando a (des)ocupar a rua. O entrelugar do estar na rua e do fazer parte de um lugar em trânsito que não é visto como moradia revela a complexidade de sujeitos e faz reverberar reflexões acerca da produção de subjetividades na contemporaneidade. Sobre isso, trago as contribuições de Coracini (2010a; 2013) que teceu gestos de interpretação a partir de discursos de moradores de rua situando o espaço público como morada, o que traz à tona um paradoxo constitutivo de tal instância.

Os que estão na rua fazem do espaço público a sua “casa”, que se vê representada como um recipiente (“dentro” da rua), como um lugar fechado, com paredes e teto, em que o dentro e o fora se unem por um hífen, espaço sem espaço, onde figuram os que não têm teto de concreto, tijolos e telhas; “moram” [...] na rua, no espaço aberto, aparentemente sem limites, que se restringe à rua X, calçada Y, ou calçada simplesmente, rua simplesmente, protegidos pelo sol, pela lua, pelo céu e por uma coberta de tecido envelhecido, de lã ou de algodão, doados pela “generosidade” de alguns, ou, ainda, por jornais, caixas de papelão, que catam no lixo ou dos supermercados, desdobrados em colchão (CORACINI, 2010a, p. 102).

A fim de entender melhor minha trajetória pelos estudos do discurso, cabe destacar que meu interesse por entender como diferentes discursos emergem, promulgam, nomeiam, incluem e excluem parcelas da população de uma cidade vem desde o 3º ano da graduação em Letras Português – Inglês, na Universidade Pontifícia Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS), momento em que tive maior contato com uma disciplina,

naquela época, chamada de Introdução aos Estudos do Discurso, que me direcionou para uma pesquisa de Iniciação Científica (IC), atividade que propiciou discussões e reflexões neste campo.

A minha relação com a rua é um caso antigo e inquietante. Segundo meus pais, desde muito pequeno, sempre observei o dinamismo dela e os diferentes caminhos que transeuntes podem (per)correr. Estabeleço essa dicotomia verbal, entre correr e percorrer, uma vez que os espaços urbanos geralmente podem apresentar movimentos e momentos que alternam entre a alta velocidade que faz emergir a rapidez, a versatilidade e temporalidade bem como podem trazer à baila um lado *slow motion* no qual motes tais como, por exemplo, calma, demora, idas e vindas são predicativos daqueles que por aquele espaço transitam.

Vasculhando a memória, consigo lembrar que, desde muito cedo, a palavra “rua” permeou conversas e discussões em casa. Se meu pai não estivesse em casa, ele estava na rua em busca de trabalho e sustento para a família. Meus irmãos mais velhos e eu podíamos brincar na rua. Entretanto, com o passar das horas e o escurecer do dia, éramos instados por uma voz estridente no portão que anunciava que tínhamos casa e que à rua não pertencíamos. Assim, adentrávamos nossa casa e, de banho tomado, sentávamos à mesa. Em contrapartida, à luz da complexidade religiosa, era nos ensinado que, no espaço da rua, estavam emergentes o perigo e a marginalidade.

Mal sabia minha mãe que seu irmão caçula, meu tio, buscava na rua seu escudo de uma ilusória libertação. Nas palavras dele, era “[...] mais fácil ser morto por alguém desconhecido do que ser enlaçado pelas artimanhas do sistema”. Surge daí a razão para um menino leigo, que sempre vivenciou a clausura religiosa e suas regras, entender melhor a si e como as pessoas que (des)ocupam as ruas podiam se dizer mais livres, mais desprendidas do sistema e mais “donas” de si¹. Também uma série de inflexões eram trazidas à minha atenção por meu tio², um hábil construtor que operava a partir de gestos que desenhavam (trans)formações no horizonte de uma cidade: prédios, conjuntos habitacionais e empresariais que arrastam para junto de si milhares de pessoas todos os

¹ Este trabalho insere-se no grupo de pesquisa interinstitucional, coordenado pela Prof^a Dr^a Maria José Coracini, intitulado “Vozes (In)fames: exclusão e resistência”, registrado junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Esse grupo de pesquisa tem tido como objetivo trazer para o campo de estudos da linguagem discussões a respeito das representações daqueles que habitam a borda, dos que “não têm fama” ou, nas palavras de Foucault: os infames. Nessa direção, as pesquisas que se inserem nesse grupo buscam dar visibilidade às representações de si e do outro, de populações de rua, (i)migrantes, mulheres, adolescentes, alunos surdos, idosos, presidiários, dentre outros.

² Esse mesmo tio optou por morar nas ruas da cidade de Campinas. Ele voltava para nos ver em épocas festivas, como Natal e alguns feriados, mas, no ano de 2010, ele desapareceu e nunca mais voltou.

dias, fazendo emergir, desse modo, uma verticalidade (im)posta aos olhos de quem por ali passa(va). Mas, se ali havia linhas verticais, também existia, em contrapartida, um lado-outro. Desse lado-outro emerge minha inquietação.

Sempre me questioneei a respeito da horizontalidade. Buscava compreender a razão pela qual os prédios corporativos eram frequentados por pessoas bem vestidas, com crachás que as identificavam quando passavam por portarias e as descidas de carros luxuosos com seus motoristas, guiando estes a lugares privilegiados e separados dos demais, mas as ruas, os viadutos, as praças e os semáforos eram infestados por pessoas que os percorriam, de tempos em tempos, maltrapilhos, com seus cobertores, com seus papelões ou folhas de jornais, pessoas que tinham em suas faces muitas vezes a impressão da não-identidade, desconhecidas e sem identificações.

Dessa forma, esse trabalho tem como objetivo, a partir de um viés discursivo-desconstrutivista, problematizar as representações de sujeito e de corpo a partir de dizeres de moradores de rua, extraídos de entrevistas do *YouTube*, bem como discutir a incidência de representações espaço-temporais. Partindo do pressuposto de que o discurso constitui as identidades em condições sócio-históricas e que um dos modos de seu funcionamento é a espacialidade-temporalidade, formulamos a hipótese de que os dizeres de moradores de rua são constituídos por representações de espaço e de tempo cujos efeitos remetem a alterações das relações de poder. Pretendemos, então, contribuir à reflexão e à melhor compreensão sobre aqueles que se encontram em situação de rua. A fim de cumprir nosso caminho de pesquisa, elencamos pelo menos três perguntas que nos guiarão:

- i) Que representações espaço-temporais emergem de/em dizeres de moradores de rua, em entrevistas veiculadas pelo site YouTube?
- ii) Como eles se dizem e dizem a respeito de outros que passam na rua?
- iii) Haveria incidências de tempo e espaço nas representações das relações de poder? Em caso afirmativo, como elas se apresentam?

Desse modo, propomos esta pesquisa de doutorado pautada no crescimento vertiginoso da população de rua no Brasil, visto que ela pode instituir uma nova ordem discursiva a respeito do contraste entre um teto (des)ocupar e a rua (fazer morada); constituindo, desse modo, um lugar de escuta dos que se estabelecem e são estabelecidos à margem da sociedade, rompendo as amarras sociais de que só se faz cidadania se tiver um endereço fixo, casa para morar e conta de luz ou água para pagar.

Estão situadas, neste contexto, discussões acerca daqueles que, em situação de extrema pobreza, ocupam e desocupam as ruas, podendo contribuir para a desconstrução de um dos muitos pilares de sustentação da sociedade que, ao longo dos anos, marca o diferente da norma e silencia os ditos anormais e fora da lei da ordem vigente. Justificamos, também, o desenvolvimento deste trabalho porque ele trata de um grupo social marginalizado pela sociedade hegemônica que evita perceber sua presença, pois fedem, incomodam, pedem esmolas e comida, e tiram atenção do seu olhar já cauterizado para evitar o diferente.

Assim, esta pesquisa insere-se no amplo e difuso campo que é a Linguística Aplicada (LA), interessando-nos investigações aplicadas sobre estudos da linguagem como prática social, já que, conforme Menezes (2009), entendemos que o que é típico do discurso é sua natureza social, fazendo com que seus sujeitos construam significado ao se envolverem e ao envolverem outros no discurso em circunstâncias culturais, históricas e institucionais particulares.

Ainda, a respeito desse campo, Moita Lopes (2006) admoesta que o discurso tem sido cada vez mais representado em pesquisas de LA em consequência de seus envolvidos estarem agindo no mundo por meio da linguagem e estarem, portanto, construindo a sua realidade social e a si mesmos. A partir desses olhares, propostos por pesquisadores da LA, nós, adotando um viés desconstrutivista do discurso, com base nos estudos de Michel Foucault, Jacques Derrida e Lacan, apreendemos o conceito de linguagem como o modo pelo qual os sujeitos podem se inscrever no mundo e nas diferentes discursividades nele presentes (ANDRADE, 2008).

Vale destacarmos que o corpus será composto com base em 21 entrevistas com moradores de rua, 36 recortes discursivos, veiculadas no YouTube, portanto, disponíveis a qualquer pessoa que queira acessá-las, com duração variada e que, transcritas, nos servirão como aporte discursivo para melhor compreender a narrativa daqueles que se encontram em situação de rua.

CAPÍTULO 1 – ESPAÇO URBANO, HETEROTOPIAS, (DES) TERRITORIALIZAÇÕES

1.1 Horizontalidades e verticalidades no espaço urbano da cidade

Na seção anterior fizemos uma introdução a fim de delinear como se deu nossa escolha pelo objeto de pesquisa. O desenvolvimento deste trabalho dar-se-á por meio de diálogos e alinhavos teóricos entre o campo da Linguística Aplicada, mais especificadamente os estudos do discurso, e áreas convergentes que possam nos possibilitar sedimentar a discussão visando ao olhar transdisciplinar. Em consonância com Coracini (2010a, p. 92), pensamos que “[...] as análises do discurso são, por natureza, transdisciplinares, isto é, originaram-se na confluência de teorias oriundas de outras disciplinas e ou áreas de conhecimento”.

Assim como o espaço urbano que não é somente vertical ou somente horizontal, cabe destacarmos que a cidade se revela num entrelaçamento de lugares, sujeitos cindidos e incompletos e produções de discursividades e subjetivações diversas. Esses descontornos do espaço é que vão permitir observar entrelugares, moradas e ausências que se tornam significativas para o esquadramento discursivo daquilo que a cidade (não) é. Devido à complexidade do estudo, do fato de tomar a cidade não como uma unidade, mas a partir do viés de uma fragmentação constitutiva torna-se necessário estabelecer passos transitando por considerações acerca do espaço-tempo, sob o enfoque de estudiosos das Ciências Sociais e Humanas, predominantemente, aqueles que pesquisam ou pesquisaram sobre Geografia Urbana, Espaço e Cidade.

O espaço de uma cidade organiza-se, numa primeira passada de olhos, como um conjunto de diferentes usos do território justapostos entre si. Percebe-se esse jogo de arranjo espacial por contrapor os grandes centros comerciais e corporativos de uma cidade aos bairros residenciais às áreas de lazer. A partir desse desenho, é percebido como o espaço urbano é ora fraturado ora unido. Correa (2014, p. 7) afirma que “[...] o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável”. Esse teórico, que pesquisa os espaços de ocupação de uma cidade, atesta que a articulação das ruas de uma cidade acontece de modo a fazer emergir práticas de poder e de ideologia.

Para Correa (2014), a natureza social é a forma como se dão as relações espaciais num contexto em que estão situadas as classes sociais. Tais relações unem a cidade articulando as partes que a compõem. Desse modo, o olhar, situado entre a articulação e a fragmentação, pode ser retomado a partir da discussão empreendida pelo pesquisador já que os moradores de rua vivem e se reproduzem, além de instaurarem, no bojo da sociedade de classes, mitos, crenças e valores. A esse respeito, poderíamos pensar em como determinadas regiões de uma cidade podem fazer evocar a dimensão do simbólico que, projetados nas formas espaciais, tornam monumentos, ruas, igrejas lugares significativos aos que moram na rua. Assim sendo, caracterizar o espaço de uma cidade como fragmentado e articulado torna-se importante, pois é um modo de entender como se constituem os diferentes usos de territórios de uma cidade.

Ainda, considerando as linhas de uma cidade como fragmentadas e articuladas, nesse caso, mais especificamente a rua, discorrer a respeito dos grupos sociais excluídos faz-se necessário. Na sociedade de classes, são percebidas discrepâncias sociais no que se refere ao acesso a bens e a serviços produzidos socialmente. A respeito disso, Correa (2014) alerta-nos de que o acesso de bens como a habitação é seletivo, pois nem todos têm condições suficientes para ter uma moradia. Tal instância, segundo a autora, se articula a um contexto mais amplo de problemática social excludente.

A esse respeito, chamamos a atenção ao fato de que ocupar a rua e fazer dela sua moradia pode se caracterizar como forma de resistência. Para pensar a ocupação de um espaço, devemos levar em consideração também a ocupação de espaços outros que são percebidos fora da homogeneidade destinada às moradias tradicionais. A resistência se dá não apenas por uma escolha do sujeito, mas atesta um caráter de subversão visto que morar no in-morável, habitar o invivível, espaço de trânsito, se define a partir da produção de subjetividades daqueles que são percebidos frequentemente como subalternos. Correa (2014, p. 30) é pontual nessa particularidade ao considerar que, quando se buscam estratégias de sobrevivência, a produção do espaço passa a ser uma estratégia, uma forma de resistir a adversidades enfrentadas por grupos que lutam pelo direito de ter onde habitar, que lutam por seu espaço.

Nessa direção, destacaríamos que resistência e sobrevivência vertem na apropriação da rua como moradia temporária. Se a resistência se entrelaça com a sobrevivência, temos aí um terreno fértil para refletir acerca da ocupação de espaços inabitáveis e inserimos a cidade em um espaço fragmentário em que sujeitos em trânsito também se constituem para além da norma: morar em lugares destinados para tal

instância, colocando moradores da rua no lugar do invivível, como mencionamos anteriormente, entre a resistência de habitar o inabitável e a sobrevivência por não terem para onde ir.

Para Deleuze e Guattari (1997), é preciso que pensemos a respeito de um jogo de xadrez. Posteriormente, para relacioná-lo à figura espiral, que é a curva plana que gira em torno de um ponto central (chamado polo), dele se afastando ou se aproximando segundo uma determinada lei.

Voltemos ao jogo de xadrez, com olhares atentos às peças, às relações entre elas e ao espaço. Elas num jogo de xadrez estão sujeitas a regras, normas e princípios, tem intrinsecamente uma natureza, de onde são oriundos seus movimentos, suas posições e seus afrontamentos. Elas tecem relações entre si e com as de seu adversário. Agora, pensemos a respeito das horizontalidades e verticalidades. Chamaremos a horizontalidade de espaço fechado, ou seja, é responsável por ir de um ponto a outro, distribuindo o máximo de espaço com o mínimo de ocupação. Opondo-se a esse, há a verticalidade que será chamada de espaço aberto. Ele se responsabiliza pela ocupação do espaço, preservando a possibilidade de surgir em qualquer ponto, sem alvo, nem destino, sem partida nem chegada. Deleuze e Guattari (1997, p. 158) abordam essa particularidade por dizer-nos que é um certo número de propriedades que torna um tecido estriado composto de elementos verticais ou horizontais paralelos que se entrecruzam articulando-se entre a fixidez de um e a mobilidade de outro.

Nesse rumo, se desocuparmos casas e fizermos da rua nossa moradia, procedemos de um modo inteiramente diferente, visto que territorializamos e reterritorializamos. Territorializamos, pois construímos um território adjacente e diferente daqueles que continuam a morar em casas e desterritorializamos em razão de romper a ordem vigente, quer esta se refira ao espaço-tempo da rua, quer esta trate da ida a outra parte. A esse respeito, Deleuze e Guattari discutem que (1997, p. 19)

[o] modelo é turbilhonar, num espaço aberto, onde as coisas-fluxos se distribuem em vez de distribuir um espaço fechado para coisas lineares e sólidas. É a diferença entre um espaço liso (vetorial, projetivo ou topológico) e um espaço estriado (métrico), num caso, ocupa-se o espaço sem medi-lo, no outro, mede-se o espaço a fim de ocupá-lo.

Desta forma, estabelecem-se polaridades entre o mensurável e o controlado, as quais se relacionam ao impedimento da turbulência; sendo assim, o espaço estriado e

aqueles concernentes à expansão e à tomada de espaço estão em consonância com o espaço liso. Para o desenvolvimento deste trabalho, importa-nos o que é postulado sobre o espaço liso, quer dizer, aquele que, segundo Deleuze e Guattari (1997, p.31), é heterogêneo, atravessado por multiplicidades que o constituem e, ao invés de dicotomizá-lo, reforçam sua heterogeneidade. Em termos de análise do discurso, isso remete à não transparência da linguagem e à heteroglossia dos sentidos (im)possíveis.

1.2 Sobre as heterotopias

Com Guattari e Rolnik (1996, p. 323), compreendemos que “[o]s seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos”. Tendo isso em mente, Guattari e Rolnik (1996, p. 323) advertem-nos de que o território pode se relacionar com um espaço vivido ou um espaço no qual o sujeito se sente “em casa”. Os autores vão considerar o território relacionando-o a um conjunto de representações que se articulam a comportamentos e a instâncias sociais, históricas, culturais, estéticas e cognitivas.

Desse modo, observamos que estabelecer um espaço como seu território conecta-se intrinsecamente às representações que determinado sujeito carrega consigo. Nessa direção, Guattari e Rolnik (1996, p. 323), refletindo a respeito dos espaços ocupados de forma inédita e emergente, afirmam que os seres humanos vivem processos de desterritorialização porque a divisão social do trabalho resulta em territórios “originais” desfeitos. Neste âmbito, chamamos atenção para a forma com que os habitantes de uma cidade vão tecendo suas teias de relações sociais já que, cada vez mais, a tradição cede terreno para novas formas de produzir, pensar, sentir e viver o mundo. Assim, novas formas de relações sociais e de moradias passam a ser inventadas e reinventadas.

Neste momento, estabeleceremos diálogo com o conceito de heterotopia, presente na obra de Michel Foucault (1984; 2003), a fim de pensarmos como a rua, um lugar de passagem no imaginário de muitos, sem muita significação, pode ser emergente de novas formas, novos comportamentos e significados, nesse espaço considerado como utópico inexistente.

O texto *Les espaces autres: hétérotopies*, em que o termo aparece pela primeira vez, havia sido apresentado originalmente em uma conferência realizada por Foucault no *Cercle d'Études Architecturales*, na Tunísia, em 14 de março de 1967. Em 1984, a

publicação desse trabalho ocorre na revista *Architecture, mouvement, continuité* (FOUCAULT, 1984). No espaço do entrelugar, das instâncias de contestação, de espaços outros que se entrecruzam no cotidiano das cidades, as heterotopias podem ser percebidas no modo como moradores de rua desterritorializam o espaço da rua e o territorializam, por exemplo. Isso, porque, a partir da heterotopia, a ordem social pode ser invertida, contestada, colocada em suspenso. Desse modo, a noção de heterotopia é desenvolvida por Foucault (2000, p. XIII; 2001, p. 412) a partir de uma abordagem espacial que conferia uma interpretação plural da sociedade, que levava em conta sujeitos e fenômenos que, outrora, seriam desconsiderados em razão de sua marginalidade, inconstância e apoliticidade.

Foi nesse contexto que o filósofo francês contrastou tempo e espaço. Espaço, para Foucault, relacionava-se ao movimento social, às mudanças e aos confrontos de ideias e à emergência de novas representações. O Tempo, por outro lado, vinculava-se à consolidação de significados e de narrativas, que ganharam destaque com a estabilidade, com a permanência de arranjos de poder e com a associação a uma identidade dominante. Nas palavras de Foucault,

[a] época atual talvez seria de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e longínquo, do lado a lado e do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos como uma grande via que desenvolveria através dos tempos do que uma rede que liga pontos e entrecruza sua trama (FOUCAULT, 2001, p. 411)

Assim, para o filósofo francês, a transformação da sociedade moderna não se daria somente por meio da troca de ideias ocorrida em lugares pré-estabelecidos, mas pela visibilidade que o espaço regula, além do controle das necessidades pelo Estado. Com base nesse princípio, Foucault reflete a respeito de como a sociedade moderna ainda se ocupa do espaço de forma rígida, como se as suas formas e significados fossem simétricas. A esse respeito, Foucault diz que

[...] creio que a inquietação de hoje se refere fundamentalmente ao espaço, sem dúvida muito mais do que ao tempo; o tempo provavelmente só aparece como um dos jogos de distribuição possíveis entre os elementos que se repartem no espaço. [...] apesar de toda rede de saber que permite determiná-lo ou formalizá-lo, o espaço contemporâneo talvez ainda não esteja inteiramente dessacralizado. Talvez nossa vida ainda seja comandada por um certo número de oposições que não se pode tocar, as quais a instituição e a prática ainda não ousaram atacar: oposições que admitimos como inteiramente

dadas, por exemplo, entre o espaço privado e o espaço público, entre o espaço da família e o espaço social, entre o espaço cultural e espaço útil, entre o espaço do lazer e o espaço do trabalho; todos são movidos por uma secreta sacralização (FOUCAULT, 2001, p. 413)

Entre as dicotomias (acerca da relação estabelecida entre público e privado, por exemplo, em que a rua é percebida como lugar de trânsito e uma extensão da casa, ao mesmo tempo em que se contrapõe à casa), chamamos a atenção à noção de espaço público, que ainda se encontraria em alguma medida sacralizada. Foucault tratava da resistência das Ciências Sociais em consentir que os seus princípios, seus objetos, seus sujeitos, seus arranjos poderiam mudar ou ser percebidos a partir da fragmentação, o que coloca em xeque a noção de unicidade tão cara ao fortalecimento das bases da razão ocidental que, historicamente exclui e marginaliza o diferente, a alteridade, o múltiplo. Foucault (2003) deu a entender que a quebra dessa resistência seria de grande importância, já que uma relação emergente do Estado e sociedade não seria baseada no controle.

Como a vida não é apenas alma ou apenas corpo, em Foucault (1995) deve-se considerar que ela está passível de condutas e direcionamentos inserindo-se no campo da sobrevivência e da resistência no interior de relações de poder que se estabelecem em rede atravessando todo o tecido social. Foucault (2003) vai considerar a disciplina um dos aspectos da arte de governar relacionada às técnicas de dominação e não à única forma de interpretar instituições como manicômios, prisões, etc.

Desse modo, Foucault interessa-se pelo conceito de heterotopia, porque procura uma forma de classificação espacial que valorize a presença de múltiplas representações heterogêneas numa mesma área. Isso significa que, em um mesmo espaço, há a concentração de sujeitos e significados; sendo assim, estes seriam caracterizados pela inversão, pela suspensão e neutralização da ordem oficial. Trata-se de espaços que “suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações que se encontram por eles designadas, refletidas ou pensadas” (FOUCAULT, 2001, p. 414).

O pensador francês coloca a noção de heterotopia como o inverso de utopia. Para ele, as utopias “[...] são os posicionamentos sem lugar real. São posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa” (FOUCAULT, 2001, p. 415). Desse modo, trata-se de pensar, na esteira do pensamento de Foucault (2001, p. 415), na “[...] própria sociedade aperfeiçoada ou [no] inverso da

sociedade, mas de qualquer forma, essas utopias são espaços que fundamentalmente são essencialmente irreais”.

Se, para Foucault, a utopia é o espaço “irreal” e imaterial, perpassando todos os outros e promovendo um arranjo harmônico, a heterotopia, por sua vez, emerge do espaço concreto, no qual todas as representações se fazem presentes, despertando contestações, fragmentações e regras devido a seus conflitos. Foucault lembra-nos de que há espaços que são configurados como contraposicionamentos em que posicionamentos da cultura podem estar contrapostos, contestados e invertidos, constituindo lugares que estão fora de todos os lugares embora possam ser remetidos a uma localização específica. Por que esses lugares são diferentes dos posicionamentos aos quais se referem, opondo-os às utopias, Foucault vai chamá-los de heterotopias.

Foucault diz que “tais espaços outros” podem ser localizados; entretanto, estariam como num lugar exterior a todas as outras espacialidades. Para o autor, o arranjo coeso do espaço heterotópico fazia com que nem Estado nem qualquer outro sujeito pudesse defini-lo. Esse tipo de espaço permeia-se por superposições de espacialidades e dos corpos que competem entre si e se movem ao longo do tempo. O estudo do tempo ou da história, segundo Foucault, marcou o século XIX. Segundo ele, atualmente vivemos a época do espaço (o espaço mediado pela técnica, não se trata de qualquer espaço, portanto) “[...] da simultaneidade, do perto e do longe, já justaposição”, pois, o mundo se apresenta como uma “[...] rede que religa pontos e que entrecruza sua trama” (FOUCAULT, 2001, p, 411).

Vale ressaltar que ter buscado nos estudos foucaultianos um embasamento para a questão espacial, no que diz respeito à rua, foi de extrema valia, pois, para o filósofo francês, tratar do espaço heterotópico não é reduzir essa noção, única e exclusivamente, à questão de dominação e influência, ambas associadas ao conceito de territorialidade, discutido anteriormente por nós. Percebe-se, portanto, a rua como espaço heterotópico visto que esta pode estar situada como lugar de desterritorialização, um lugar à parte em que (sobre)vive uma multidão de humanidades infames no sentido foucaultiano da existência daqueles destituídos de fama, estranhos aos olhos alheios, que exibem aos outros uma (des)esperança e algo que não se quer perceber no cotidiano das cidades, como é o caso dos moradores de rua.

Outro indício emergente da noção de heterotopia relaciona-se à desconstrução do discurso que apoia e legitima a organização espacial. De acordo com Foucault (1984), a heterotopia impediria o ato de nomear determinado objeto, o que determinaria uma

relação de poder. Nas palavras dele, heterotopias solapam impedindo a linguagem de nomear fracionando nomes comuns e arruinando a sintaxe que visa à união entre palavras e coisas, para além daquela sintaxe que constrói frases (FOUCAULT, 2000).

Foucault (1984) ressalta que as heterotopias fomentariam mudanças na ordem pública ou sobre um grupo dominante: esse tipo de espaço traria a sensação de incômodo a todos aqueles que o vivenciassem. Entretanto, Foucault chama atenção ao fato de que o espaço heterotópico continuaria a ser frequentado pelos indivíduos na medida em que saciasse sua necessidade. Existia um olhar positivo diante de tal fato, já que as heterotopias promoviam renovação social, ainda que de forma não ordenada.

A esta altura torna-se importante estabelecer um contraste e promover uma explicação a respeito dos termos entropia e heterotopia. O primeiro é pensado em relação à possível desordem e desorganização de modo imprevisível. A entropia emergente do espaço utilizado por nós apontaria incoerência na forma como imaginamos determinado espaço e o uso que dele fazemos. O segundo emerge nos espaços em que a memória política e institucional não é emergente, nos espaços em que as classificações funcionais não são aplicáveis, nos espaços em que as regras de convivência não são fundamentadas na civilidade.

1.3 Territorializar, desterritorializar e reterritorializar: notas sobre a (des)ocupação das ruas

As ruas de uma cidade podem ser de grande revelação. Alguns, contrariamente, creem que não passam de locais de trânsito para os que por ali transitam todos os dias. Desse modo, Carlos (2007, p. 51) é concludente ao dizer que "[n]as ruas, o presente nos assedia, traz as marcas, às vezes, dos itinerários dispersos, difusos, ou mesmo concentrados e definidos pela vida cotidiana". Podemos dizer que, nas ruas, emerge não só a vida, mas também os fragmentos de vida. Carlos (2007, p. 52), ao pesquisar sobre as espacialidades, a rua, o cotidiano e o poder, constata que "[a] rua é o lugar onde o homem comum aparece ora como vítima ora como figura intransigente e subversiva". Assim, podemos afirmar que a rua se coloca como dimensão concreta da espacialidade das relações sociais num determinado momento histórico e faz emergir gestos, olhares e rostos: as pistas das diferenças sociais.

Interessante observar como a rua pode ser depositário de muitas facetas. Na época de festas populares, com cores vibrantes, a rua é o lugar no qual os corpos destacam-se e preenchem os espaços dela num bailado livre e gracioso, lembrando-nos de que a rua é o lugar da vida. Entretanto, é nas ruas que podem ser observadas a apropriação dos espaços de uma cidade e é aí que emergem diferenças e contradições constituintes da vida, as quais tendem à homogeneização e à normatização, ambas estratégias de poder que visam à subordinação social.

Interessa-nos, à essa altura, discutir como a constituição da rua como espaço urbano é importante, a fim de que possamos compreender melhor seus significados múltiplos. A rua só pode ser conceituada como lugar na medida em que incorpore as dimensões de sua constituição.

Desse modo, para melhor compreendermos, a rua precisa ser estudada contrapondo-se ao seu avesso. Isto é, a rua só existe a partir de articulações de áreas diferenciadas com temporalidades opostas no que dizem respeito à cultura, aos hábitos e costumes e às singularidades espaciais que criam lugares na cidade que são inimagináveis como morada ou teto.

Conforme Coracini (2010b), na rua as relações de poder se mantêm a partir da insistência dos moradores de rua em se manterem vivos e protegidos de alguma forma, ainda que sejam ressentidos frequentemente pela ausência de afeto e respeito devido ao silêncio a que são submetidos cotidianamente. As diversas temporalidades e espacialidades que se entrecruzam dizem respeito às vivências dos que estão na rua como lugar de trânsito e os que fazem dela sua morada. Os primeiros tendem cada vez mais expressivamente a ignorar os últimos que acabam “[...] anulando-se por se sentirem anulados, apesar de, paradoxalmente, preservarem esperanças de, um dia, retornarem à sociedade da qual saíram” (CORACINI, 2010b, p. 111).

Aqui, torna-se necessário estabelecer um paralelo com a intenção de explicar como a rua deixou de ser extensão da casa para se contrapor a ela. Como Carlos (2007, p. 52), entendemos que “[a] rua expressa, na metrópole, uma morfologia hierarquizada”; desse modo, a forma como a sociedade organiza suas apropriações e espacialidades faz emergir quais matrizes imperam na criação da sociedade. Pensemos em como as casas de hoje em dia, na cidade, vivem trancadas com pessoas dentro, sem contato com a vizinhança, pois, cada vez mais, a casa tem a função de preservar a individualidade, reforçando o privado e protegendo da violência. Dessa forma, o que era público, o que acontecia na rua, fecha-se.

Observemos como os lugares de uma cidade são delimitados, fechados e exclusivos. Ainda nessa direção, percebemos as diversas rupturas dos lugares de trabalho, de lazer e de moradia, nos quais emerge estratificação socioespacial, revelando acessos variados funcionalmente. "O lugar é uma noção que se desfaz e se despersonaliza diante da massacrante tendência ao homogêneo num mundo globalizado" (CARLOS, 2007, p. 17). Desse modo, podemos iniciar a reflexão por estabelecer polaridades que podem ser percebidas como lentes que nos permitem olhar "de dentro para fora" e "de fora para dentro". Sendo assim, é inegável o papel da história nessa dicotomia, uma vez que ela exerce papel fundante. Isto é, as práticas cotidianas estabelecem ligação entre "os de fora" e "os de dentro". Instala-se, então, no plano das vivências e do ser conhecido e reconhecido. É o lugar que desenvolve a vida em todas as dimensões.

Para pensar nas emergências de um lugar específico é necessário que se leve em conta a tríade sujeito-identidade-lugar, pois, segundo Carlos (2007, p. 17), "o lugar é a base da reprodução da vida". Nota-se que a relação que o sujeito estabelece com o espaço habitado pode ser capturada por meio dos modos de uso, ou seja, o espaço é passível de ser sentido, vivenciado e apropriado através do corpo.

Consideraremos o corpo, porque é através dele que o homem habita o espaço e dele se apropria. A esse respeito, Carlos (2007, p. 18) como agimos através do corpo e é através dele que temos acesso ao mundo, a nossa existência está revestida de corporeidade. Para o autor é o corpo um produto que se modifica perante o meio através da identificação com as projeções sobre o outro.

Assim sendo, o lugar é fruto das relações humanas, é o embate do homem com o espaço que ocupa ou desocupa. Os fios que tecem essa ocupação e desocupação do espaço pelo homem garantem a construção de uma rede de significados e sentidos a partir da história e da cultura. Isso faz com que a identidade seja emergente. Carlos (2007) afirma que tanto lugares quanto sujeitos pertencem um ao outro e, assim como o lugar tem usos e sentidos, o sujeito se situa em espaços concretos e reais.

Dessa maneira, diríamos que o espaço emerge do embate entre sociedade e história. Ianni (2007, p. 23) insta-nos que, por vivermos sob holofotes modernos, é comum que coisas, gentes e ideias se desterritorializem. Segundo ele, "[...] tudo tende a se desenraizar", uma vez que a articulação dos espaços fixos e a rede dos fluxos exige uma nova configuração espacial onde cada indivíduo passa a ocupar e a desocupar.

Neste instante, retomaremos uma discussão, à qual já demos início, a respeito de espaço liso e estriado. Para lembrar, o espaço estriado, aquele que trata das

horizontalidades, “[...] distribui aos homens um espaço fechado, atribuindo a cada um sua parte, e regulando a comunicação entre as partes” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 43). Nesse momento, traçamos um paralelo que toca o conceito de espaço liso, aquele que trata de verticalidades, e o morador de rua. Deleuze e Guattari (1997, p. 44) propõem que “O trajeto nômade faz o contrário, distribui os homens num espaço aberto, indefinido e não comunicante”.

Neste âmbito, concluímos que as ruas de uma cidade podem ser consideradas como vitrines do que se desenvolve e do que se decanta. Por meio delas, conseguem-se ver as múltiplas relações entre seus ocupantes, os caminhos percorridos e horizontalidades que se opõem às verticalidades. As práticas de uma cidade são ressoantes em suas ruas, avenidas e becos. A respeito delas, Ianni (2000) afirma que na cidade as ideias florescem ou definham em sociedade, realizam-se ou são contrariadas, e é onde são produzidas regularidades, utopias e nostalgias.

Desse modo, perceberíamos que ruas, avenidas e espaços que compõem uma cidade podem produzir certo tipo de moradores que simbolizam muito o funcionamento, os impasses, as rupturas, as transformações e os horizontes dela. Sobre essa particularidade, Ianni (2000, p. 125) diz que é “[...] nas ruas que vemos o desenvolvimento da arquitetura, do urbanismo e do planejamento”. O autor ainda nos insta ao seguinte:

As distinções nítidas e matizadas entre o público e o privado, a civilidade e a privacidade, a população e o povo, os grupos sociais e as classes sociais, a reforma e a revolução, a tirania e a democracia desenvolvem-se, refinam-se e embaralham-se na cidade. É na grande cidade que aparece a multidão, a massa ou a turba, assim como o líder, dirigente, demagogo, *condottiere*. Aí se formam o cidadão e a cidadania, o solitário e a solidão, o radical e o fanático, o suicida e o profeta, o artista e o cientista, assim como o aventureiro, o *blasé*, o *flâneur*.

Assim como se constituem diversas identidades e desidentificações na cidade, o espaço urbano se configura como terreno multifacetado e em contínua transformação. Neste contexto, pensando a respeito do espaço urbano e, nesse caso, especificamente, falando das ruas de uma cidade, Ianni (2000, p. 127) afirma que se trata de um espaço complexo e multifacetado onde há diversos e heterogêneos modos de existência repleto de formas de alienação, emancipação e ficcionalidades diversas.

Tomando essa citação como ponto de reflexão, pensamos que as ruas de uma cidade fazem seus ocupantes entrarem em ponto de ebulição, uma vez que não fazem cessar processos de contradição entre os caminhos percorridos, além de evocarem uma pluralidade sem igual constituindo, portanto, uma multiplicidade de territórios.

Acerca do conceito de território, Geiser (2008) indica que deve ser pensado a partir da análise dos elementos que constituem a palavra: “[t]erritório vem de terra que refere-se também a uma extensão de terra, mas inclui uma relação de poder, ou posse, de um grupo social sobre esta extensão terrestre” (GEISER, 2008, p. 237). Também, Santos (2005, p. 15) ensina-nos que “[é o] uso do território, e não [o] território em si mesmo que faz dele objeto de análise”. A esse respeito, podemos dizer que o território são formas, mas o território usado são objetos e ações. Santos (2005, p. 16) afirma que o território constitui redes formando espaços que, ainda que sejam semelhantes, formados dos mesmos pontos, contém funcionalidades adversas. Por isso, o autor afirma que “[o] território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede”.

Desse trecho, pode-se apreender que a espacialidade da rua continua a mesma; entretanto, a ocupação dela com o objetivo de morada faz emergir uma funcionalização diferente aos olhos daqueles que dela só fazem passagem de um lugar ao outro. Hiernaux (2008, p. 85), ao tratar sobre o conceito de território, defende que “[o] espaço-tempo corresponde justamente à capacidade de sujeitos usarem seu tempo e inseri-lo em seu encadeamento pessoal ou societário”. Isso seria dizer que os sujeitos individualizam o território da rua, apropriam-se dele e tecem o contraste entre morar na rua e ocupar outro espaço que não seja a rua. Ainda, para este teórico belga, a visão territorial tem grande influência sobre o tempo. Para ele, o espaço-tempo da rua impõe conflitos e confrontos, os quais incidem de forma certa na constituição e na fragmentação do sujeito que ali se encontra, uma vez que a justaposição de atividades acontece de forma parcelar e o conjunto delas escapa ao indivíduo.

Com Haesbaert (2005, p. 9), aprendemos que o conceito de território precisa ser pensado a partir do “[...] recuo e avanço pelo tempo, pelas múltiplas velocidades que sugerem simultaneamente avanços e retrocessos, união e fragmentação, ordem e desordem”. Desse modo, percebemos que dicotomias são instauradas, fazendo com que duas correntes sejam emergentes. A primeira pauta-se na lógica territorial clássica, zonal, de controle de áreas e fronteiras. A outra, na lógica globalizadora das redes ou lógica reticular, de fluxos e conexões. Sobre essa singularidade, Haesbaert (2005, p. 10) advoga que “[...] desenha-se, então, no interior da aparente ordem e estabilidade, um processo de

reconstrução de territórios, que permite reformulação de fronteiras". Ainda, segundo Haesbaert (2005, p. 11), "[...] o momento como o que vivemos instaura regimes de produção de poder com configurações territoriais contraditórias, que determinada ordem não está conseguindo reproduzir-se".

Assim, torna-se interessante para nós esse jogo entre ordem e desordem já que, por assim dizer, sujeitos em posição hegemônica colocam em cena, sob o prisma dominante, desenhos de seus territórios e de suas redes dependendo de seus interesses. Entretanto, apontamos que estes mesmos interesses podem ser nefastos, porque unem e fragmentam ou agravam e melhoram as condições de vida humana. E sobre essa faceta, Haesbaert (2005, p. 12) afirma que “[...] conjuntamente à desigualdade social e à exclusão socioespacial, têm se acentuado, também, resistências”. A partir de Haesbaert (2005, p. 13), compreendemos que “[...] resistências não acontecem apenas pela defesa de territórios culturais próprios, muitas vezes opressivos, mas também pela organização de novas redes ou novos territórios”.

Nesse momento, torna-se importante que abordemos a respeito de como fomos habituados a pensar o mundo como se fosse natural a existência de uma determinada geografia com países, fronteiras e relações. Não obstante, essa forma de organização do espaço de uma cidade entre casas, apartamentos, edifícios, ruas e avenidas bem como onde cada um iria morar com fronteiras territoriais nítidas e reconhecidas pode estar longe de ser um produto natural. Tal qual, o geógrafo Haesbaert (2005) aponta a relação entre a nomeação e a territorialização: nomear é territorializar, apropriar-se de determinado espaço e daí advém a naturalização dos espaços que habitamos.

A esse respeito, infere-se que todo território é uma criação histórica e corrobora sujeitos e processos que protagonizaram sua criação. A ocupação e a desocupação de lugares urbanos não estão isentas de relações de poder, visto que os atos de territorializar e desterritorializar estão imersas num conjunto de estratégias e discursos que permitem vislumbrar o poder de um grupo social sobre outro e sobre determinada extensão de lugar determinado. Por pensar sobre os sujeitos que ocupam e desocupam determinados espaços de uma cidade, pensamos, como Haesbaert (2005, p. 14), que ao ocupar e desocupar toda a sociedade conforma espaços que abrigam suas contradições que não são uma, mas muitas, tantas quantas territorializações possíveis.

Dessa forma, afirmaríamos que todo território é instaurado. Isto é, os sujeitos fazem a si mesmos, tomando como ponto de partida o lugar onde se encontram. Para que

possamos continuar nossa discussão acerca do conceito de território, é preciso que haja distinção entre a noção de território e espaço. Correa (2008, p. 251) alerta que

[t]erritório não é sinônimo de espaço, ainda que para alguns ambas as palavras apresentem o mesmo significado. Do mesmo modo territorialidade e espacialidade não devem ser usadas de modo indiferenciado. Etimologicamente, território deriva do latim *terra* e *torium*, significando terra pertencente a alguém. Pertencente, entretanto, não se vincula à propriedade da terra, mas à sua apropriação. Essa apropriação, por sua vez, tem um duplo significado. De um lado, associa-se ao controle, de fato, efetivo, por vezes legitimado, por parte de instituições ou grupo sob um dado segmento do espaço. Por outro lado, a apropriação por assumir uma dimensão afetiva, derivada das práticas espacializadas por parte de grupos distintos definidos segundo renda, raça, sexo, religião e idade, dentre outros atributos.

Dessa maneira, tratar de território é pensar esse atributo sob holofotes da política, do afeto, ou de ambos. Isso se dá pelo fato de o conceito de território estar atrelado ao de um outro maior, o espaço. Pode ser emergente que, ao tratarmos de território, o termo territorialidade surja. Definimos territorialidade como “[...] conjunto de práticas e suas expressões materiais e simbólicas capazes de garantirem a apropriação e a permanência de um dado território por parte de um agente social” (CORREA, 2008, p. 252).

Pensando, neste momento, a respeito do espaço da rua, é interessante que deixemos claro que, ao tratar das territorialidades emergentes naquele espaço, os vários territórios que constituem o espaço da rua não revelam simetrias ou assimetrias e regularidades ou irregularidades; pelo contrário, há múltiplos arranjos territoriais como se estivessem em um caleidoscópio espacial. Também, Correa (2008, p. 253) conceitua desterritorialidade relacionando-a contradições inerentes do ato de desfazer territórios e construir outros a partir dos que já existiam ou novos territórios, ainda que, assim, preservem características do território antigo.

CAPÍTULO 2- DISCURSOS, SUJEITOS, IDENTIFICAÇÕES

Em 1979, Lyotard defende, na obra *A condição pós-moderna*, que existe uma crise das metanarrativas e isso desencadeia histórica e culturalmente, a proliferação de narrativas “menores” que constituem a pós-modernidade. O “repouso”, então, é algo que não se encontra com facilidade devido à multiplicidade de modos de perceber o mundo que nos cerca que vão emergindo a cada instante. Com a pós-modernidade, tem-se então a falência da modernidade e das promessas que ela e o Iluminismo haviam inculcado nos seres humanos. Ao invés da verdade, temos a impossibilidade da verdade única, a desvirtualização do social culminou também nos efeitos de sentido acerca de uma suposta identidade individual.

Quem cunhou o termo pós-moderno, na década de 1950, foi o historiador inglês ao final das duas décadas do século XIX. Foi aí que, segundo ele, intensificou-se a destruição da era moderna quando a burguesia é substituída por uma sociedade de massa. Em consequência disso, ocorre um declínio da valorização do racionalismo. Dessa forma, o termo começou a ser utilizado nas décadas seguintes porque as promessas da Modernidade não tinham o mesmo efeito no pós-Guerra. Com as guerras, os regimes totalitários e o extermínio de diversos povos ao redor do mundo algo de irracional pairava sobre a Modernidade, uma irracionalidade que o Iluminismo não havia conseguido influenciar com seus ideais. Assim como ocorrem cada vez mais problematizações em torno da questão da arte e da cultura geradas em decorrência do pós-guerra também emergem outras interpretações cada vez mais fragmentadas, inconclusas, heterogêneas que abrangem modos de ver o ser humano ao percorrer as sociedades capitalistas do Ocidente. A difusão do saber e a ciência falharam na intenção de libertar os indivíduos das opressões, apenas corroborando a ideia de progresso e racionalismo crítico, ideais nascidos no Renascimento consolidados, no século XVIII, com a chegada do chamado século das Luzes. Trata-se de uma outra fase, então, diferente da Modernidade que busca não a tarefa de abranger explicações integrais sobre a condição humana, mas reconhecer que não há vínculo entre o saber, a ciência e a autonomia de vida humana necessariamente porque os ideais não inibem a presença de totalitarismos, exclusões e negatividades.

Dessa forma, a soberania do homem enquanto ser pensante é posta em xeque na condição pós-moderna e, ao invés de sentidos individuais, tem-se experiências fragmentadas que vão revelando e ocultando um caleidoscópio de problematizações cada vez mais emergente. Estamos na era da complexidade, da multiplicidade, da

heterogeneidade. Então, se há ancoragens, elas não são fixas e vão se movendo de porto a porto ao sabor das investigações as quais se propõe pesquisar – por vezes é preciso substituir as âncoras porque elas se tornam defasadas e caem no ostracismo. Para Lipovetsky (2005) o pós-moderno remete a uma época de transições e mudanças em que a característica central é a fluidez em que os contrastes se acentuam e diferentes estilos e modos de vida coabitam entre si.

Para Lyotard (1998), o saber muda de estatuto ao mesmo tempo em que as sociedades entram na era pós-moderna. Frederic Jameson é um pouco mais radical: ele aponta para o fato que mudanças sociais e culturais estão acontecendo desde o século XX e remetem a um fim de um ciclo. Essa fragmentação do saber e a problematização da verdade que não pode mais ser percebida como um todo autossuficiente nos leva a problematizar especializações bitoladoras de análises que não consideram a multiplicidade, o heteróclito e o fragmentário do mundo em que estamos situados. Nesse contexto, estão situados autores como Foucault, Deleuze, Derrida e Lacan, por exemplo, cujos estudos serão utilizados no presente trabalho na medida em que possam auxiliar a pensar na condição dos moradores de rua e as formas de subjetivação na contemporaneidade.

A imprecisão se torna frutífera para a perspectiva teórica com a qual trabalharemos que emerge do espaço inquietante, entretanto, frutífero - entre teorias do discurso (baseadas principalmente em Michel Foucault), a desconstrução derridiana, levando-nos a indagar aquilo que nos soa simples e irrefutável, pensando acerca do olhar dualista quase sempre presente na sociedade ocidental, e a psicanálise lacaniana, no que diz respeito ao sujeito - descentrado, cindido, sujeito do inconsciente, também denominado sujeito da falta ou do desejo. Cabe, de antemão, esclarecer que temos conhecimento de que alguns pesquisadores não encaram como viável essa aproximação entre os prismas e as lentes da desconstrução, dos estudos discursivos foucaultianos da mesma maneira que os da psicanálise lacaniana.

Entretanto, buscar-se-ão, sobretudo, atravessamentos e interseções, com o objetivo de enxergar aproximações e distanciamentos, argumentando a favor da heterogeneidade filosófica, como bem pontuou Coracini (2010b). Segundo a autora mencionada, a heterogeneidade filosófica aponta para a necessidade de operar a partir de lugares distintos em diálogo sem, com isso, minar as distinções entre as áreas. Assim, ao mesmo tempo em que serão puxados fios filosóficos, já que nem Foucault nem Derrida

propõem teorias, o olhar daquele que investiga a materialidade linguística também é transformado a partir dessa interlocução.

As noções de sujeito e linguagem não podem ser incompatíveis entre si e, por isso, o sujeito é aquele considerado, a partir da psicanálise, como sujeito cindido, descentrado, dividido pelo inconsciente. A linguagem é considerada a partir de sua opacidade, visto que o sujeito, heterogêneo, tem o inconsciente falando através dele e, por isso, os efeitos de sentido lhe são imprevisíveis. É papel do analista, portanto, rastrear efeitos de sentido possíveis que apontam para o funcionamento do discurso, “[...] inscrito num dado momento histórico-social, num dado contexto situacional (ou situação de enunciação) – respectivamente, condições de produção amplas e restritas” (CORACINI, 2010b, p. 95).

Acerca do conceito de identidade, cabe acentuar que emerge em terrenos de práticas e de representações acerca de si e dos outros levando em consideração que estas representações vêm dos outros porque nos vemos através do outro, caracterizando assim a identidade a partir de uma ilusão de totalidade e de permanência. Desse modo, para Coracini (2010b), o que é possível é flagrar pontos de identificação com o outro e, no caso de moradores de rua, não é à toa que frequentemente eles percebem a si de modo depreciativo, a partir de gestos de anulação, já que a sociedade, que os marginaliza e exclui, rejeita-os. Esse é o olhar do outro a partir do qual se percebem.

Foucault (1995) emerge, portanto, para considerações situadas no campo das relações de poder que permeiam as relações humanas a partir de uma concepção que não se confunde com luta de classes ou com uma verticalidade fundante ou tomada a partir de relação de dominador e dominado. Neste contexto, a ordem do discurso das classes hegemônicas atua neles conforme assinalado por Coracini (2010b; 2013). Da filosofia derridiana advém o caráter desconstrutivista que permite problematizar a epistemologia ocidental para além de uma visão dicotomizadora que hierarquiza polos subjugando um elemento a outro em que um está associado à racionalidade e à logicidade e o outro se associa aos sentimentos e sensações, por exemplo. A partir da noção de *différance* (DERRIDA, 1971; 2001), a diferença que não visa à incorporação ou bipartição hierarquizadora pressupõe a não-existência da totalidade, o que leva a uma busca incessante bem como a frustrações e desesperanças.

Como, para Coracini (2013), a subjetividade daquele que fala pode ser estudada na linguagem e pela linguagem “falar e escrever constituem gestos que apontam inevitavelmente para o sujeito” (CORACINI, 2013, p. 159). Daí porque esta proposta de investigação e análise está calcada na heterogeneidade filosófica que considera as teorias

do discurso (Foucault), da desconstrução (Derrida) e da Psicanálise (Lacan), a fim de tornar possível compreender as formas de (des)subjetivação dos sujeitos que falam a partir do discurso e dos efeitos de sentido produzidos que escapam ao falante para voltar-se para a gama de representações de si e dos outros no caso dos moradores de rua, preservadas as condições sócio-históricas nas quais estão inseridos.

Com Foucault (1996, p. 8), aprendemos que "[...] em toda sociedade, a produção de discursos é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída". Isto posto, observamos, então, que existem modos pelos quais os discursos funcionam. Emprestando o pensamento de Foucault (1996, p. 8), lembramos que "[...] não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, não se pode falar de qualquer coisa". Desse modo, deduzimos que há interdições que afetam o discurso e isso faz com que haja uma linha tênue entre discurso, desejo e poder. Sobre essa faceta, Foucault (1996, p. 8) explica que

[...] o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo - e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, poder do qual nos queremos apoderar.

Com isso em mente, observamos que é inerente à sociedade a existência de mecanismos e estratégias discursivas que visem à separação e à rejeição. Tomemos como exemplo o fato de que, na Idade Média, o discurso do louco não circulava como o de outros. Dessa maneira, aquilo que o tido como louco dizia não era acolhido, uma vez que não tinha nem verdade nem importância para impor força ao que era dito, isto é, para ser reconhecido. Neste caso, percebendo as diferentes esferas que compõem o estrato social, consegue-se vislumbrar que o louco e aquilo que dizia estavam à margem da sociedade em que estavam inseridos, isto é, o que ele dissesse o tornava distinto diante de outros. Sobre essa peculiaridade, Foucault (1996, p. 11) diz que "[...] era através de suas palavras que se reconhecia a loucura de um louco; eram elas o lugar onde se exercia a separação". Cabe assinalar que, na Antiguidade, o discurso do louco era ouvido apenas como encenação, pois eram emergentes dele metáforas e alegorias como máscaras de uma verdade censurada. Foucault (1996, p. 12) insta-nos que "[t]odo este imenso discurso do louco retornava ao ruído; a palavra só lhe era dada simbolicamente, no teatro onde ele se apresentava, desarmado e reconciliado". Voltando-nos à atualidade, pode-se dizer que a

"[...] separação, longe de estar apagada, se exerce de outro modo" (FOUCAULT, 1996, p. 13), isto é, as diversas redes de instituições tornam possíveis determinados discursos que movem à cesura e ao silenciamento. Talvez, para ilustrar, pensemos em um parque de diversões no qual existe uma altura obrigatória para que possa fazer parte aqueles que usufruirão de determinada atração. Assim, no caso de não possuir a estatura média exigida pela administração do parque, o sujeito em tal situação não gozará dos privilégios oferecidos aos que à diversão se submetem.

Hodiernamente, afirmaríamos que há separações que imprimem uma força de verdade que historicamente vem instaurando na sociedade um *modus operandi* que, conforme Foucault (1996, p. 14), aponta para instâncias sócio-históricas que "[...] não são apenas modificáveis, mas estão em perpétuo deslocamento, que são sustentados por todo um sistema de instituições, que as impõem e as reconduzem" [...]. A esse respeito, chamamos atenção para o fato de que a separação, por ser fundada historicamente, constitui uma vontade de saber que, inconscientemente, pode imprimir aos outros marcas e estigmas, fazendo com que o que eles dizem ou é dito a seu respeito possa classificá-los como fora de um padrão ou ordem hegemônicos.

Além disso, uma característica totalmente aplicável no passado, todavia bem atual, seria, segundo Foucault (1996), o conferimento social e cultural de legitimação do discurso verdadeiro cujo conteúdo e teor são respeitados, porque parte daqueles que são autorizados a enunciar, aos sujeitos de direito conforme rituais estabelecidos. Dessa maneira, torna-se possível destacarmos que havia sempre um discurso que prevalecia, dominava, ditava e instaurava uma submissão por parte daqueles que estavam em posições subalternas.

Nessa esteira, podemos pensar a respeito de como a sociedade, ainda que em grande desenvolvimento e expansão, prima pela classificação, mensuração bem como pela observação. A esse respeito, Foucault (1996, p. 17) orienta-nos que "[...] a vontade de verdade, como outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas". Assim, o modo como um saber é valorizado, distribuído e de alguma maneira aplicado faz com que a maneira como a sociedade se (re)configura seja objeto de reflexão. Também, a partir das palavras do filósofo francês, conseguimos compreender que "essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos pressão e como que um poder de coerção" (FOUCAULT, 1996, p. 18).

Sobre essa especificidade, o filósofo afirma que a vontade de verdade que mascara o discurso verdadeiro é justamente sua condição de existência. Por isso, apropriando-nos de conceitos da Física, torna-se interessante conjecturar que há forças, no feixe do discurso, nomeadas centrípetas, ou seja, aquelas que tendem a se aproximar do centro e aquelas, centrífugas, que buscam distanciamento do centro. Alinhando o conceito de discurso a esse olhar, Foucault (1996) afirma que a vontade de verdade é ignorada em prol do enaltecimento de verdades universais e tranquilizadoras.

Essa ação de ignorar a vontade de verdade se opera a partir de forças no discurso, há uma estreita relação às narrativas e como essas podem de alguma forma perpetuar dizeres, fator que levaria à cristalização e ao engendramento de alguns discursos a respeito daqueles que destoam da realidade tida como modelo a ser seguido nas diferentes esferas da sociedade. Foucault (1996, p. 22) insiste em defender que [...] "não há sociedades onde não existam narrativas maiores que se contam, se repetem e se fazem variar; fórmulas, textos, conjuntos ritualizados de discursos que se narram". A esse respeito, compreendemos que, como se fosse um código no qual regras são promulgadas e devem ser repassadas adiante, há discursos que se repetem e, sobre esse caráter, Foucault (1996, p. 22) aponta que "[...] indefinidamente, para além de sua formulação são ditos, permanecem ditos e ainda estão por dizer".

Neste momento, procuramos aprofundar um pouco mais a respeito do conceito de discurso por refletir a respeito de mais alguns de seus mecanismos de controle. E sobre isso, Foucault (1996, p. 36) adverte-nos de que [...] "não se trata de dominar os poderes que eles têm, nem de conjurar os acasos de sua aparição, trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que pronunciem certo número de regras". Desse modo, existe a diminuição da presença de determinados discursos circulantes, que se tornam esparsos e rarefeitos. Por isso, Foucault prossegue afirmando que "[...] dos sujeitos que falam, ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-la" (FOUCAULT, 1996, p. 37). Ainda, nessa direção, Foucault (1996) é categórico quando diz que o discurso não é exercido por todos sem distinção, há coerções e limitações que o restringem.

Desse trecho, induzimos que uma das características do discurso é ser imperioso, dado que limita seus poderes, domina suas aparições aleatórias e, desse modo, seleciona os sujeitos que falam. Vale ressaltar a respeito disso que é o rito da palavra que, determinante, informa de que predicativos quem fala deve ser detentor. Então, a respeito desse olhar discursivo, Foucault (1996, p. 39) esclarece que "[...] define gestos,

comportamentos, as circunstâncias e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso, fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras; seu efeito aos quais se dirigem". Por isso, pode-se afirmar que existem práticas discursivas que instauram a produção e a conservação de alguns discursos; todavia fazem com que estes sejam acessíveis a um grupo fechado de pessoas: quem tem acesso a eles precisa estar inserido e seguir a ordem estabelecida. Essa particularidade é discutida por Foucault (1996, p. 42), quando o filósofo francês afirma que "[...] é pela partilha de um só e mesmo conjunto de discursos que indivíduos, tão numerosos quanto se queira imaginar, definem sua pertença recíproca".

Aqui, ressaltamos a emergência do funcionamento de uma série de mecanismos disciplinares nas sociedades modernas. Esses mecanismos são evidenciados por tornar os gestos dos indivíduos cada vez mais eficientes através de um controle permanente e calculado. A disciplina parametra os corpos com a finalidade de tanto multiplicar suas forças, a fim de que possam produzir riquezas, bem como diminuir sua capacidade de resistência política. É nesse sentido que a função da disciplina não pode ser confundida com a da opressão. Enquanto esta pode até mesmo chegar a destruir o corpo, a disciplina, por sua vez, pretende aproveitá-lo ao máximo, como se ele fosse uma máquina. Foucault (1996) esclarece-nos que somente submetendo-nos à política discursiva que entendemos que existe o controle de produção dos discursos que estabelece limites para o jogo da identidade que reatualiza regras com frequência e de modos diversos com o passar do tempo.

Assim, é como se existissem grandes edifícios que garantissem a distribuição dos sujeitos que falam nos diferentes tipos de discurso e apropriação dos discursos por certas categorias de sujeitos. É como se disséssemos que o sujeito se constitui a partir da sujeição a procedimentos do discurso. Isto é, uma qualificação e fixação dos papéis aos sujeitos que falam. Levando essa particularidade em consideração, compreendemos que

O trabalho de Foucault provoca descentramento da identidade e do sujeito graças à noção de poder disciplinar, noção essa que não pode ser confundida com opressão ou poder estatal. Trata-se de um poder, em primeiro lugar, preocupado com a regulação, a vigilância e o governo da espécie humana ou de populações inteiras e, em segundo lugar, com a regulação do indivíduo e do corpo: disciplinar o corpo para disciplinar a mente; afinal a corpo dócil corresponde mente dócil (CORACINI, 2003, p. 243)

Tratando desta particularidade, Foucault (1996, p. 49) adverte-nos de que “[o] discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade” [...] Quer dizer, o discurso tem força criadora, produtiva; o discurso possibilita que ideologias se materializem, pode tornar-se perigoso na medida em que serve a interesses, porque pode consolidar estratificações sociais, levando a um olhar marginalizante e discriminatório.

Desse modo, neste momento, traçamos um paralelo com o que foi postulado por Foucault (2007, p. 66-67), em sua obra *A Arqueologia do Saber*, uma vez que, diante de uma tentativa estruturalista, a qual primava por “[...] tratar os discursos como um conjunto de signos (elementos significantes remetendo a conteúdos e a representações)”, o teórico francês opta por apreender discursos sob o ângulo de “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. Nesse sentido, Foucault (2007, p. 66) lembra-nos de que “Certamente, os discursos são feitos de signos, mas eles fazem é mais do que utilizar esses signos para designar coisas. É esse excedente que os tornam irreduzíveis à fala e à língua”.

Dessa maneira, Foucault (1996, p. 56), tomando como ponto de partida o princípio de descontinuidade, indica que “[o]s discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam, por vezes, mas também, se ignoram e se excluem”. A esse respeito, poderíamos afirmar que é interessante ao pensamento foucaultiano ao conceituar discurso o fato de que se buscam regularidades que são oriundas de outros enunciados. Isto é, os discursos não se organizam em tratados, mas, sim, em fragmentos, asserções e máximas.

Nessa direção, Foucault (1996, p. 53) afirma que “[se] deve conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhe impomos”. Isto seria dizer que existem duas tarefas coexistentes. De um lado, formas de rejeição, reagrupamento e atribuição de discursos. De outro, seleção e controle. Ambas, antes ou depois da manifestação discursiva, integram procedimentos de controle que tomam corpo dentro de uma dada formação discursiva.

Olhar as materialidades emergentes do/no discurso é como estar diante de uma rede complexa, tecida com vários nós que pinçam o agora, o passado e o porvir, fazendo com que estes se entrelacem e se cruzem numa relação de infinitas combinações. Todo discurso posto em funcionamento está embebido de um já-dito, e este já-dito não se materializa somente em frases, mas através do não-verbal também, por exemplo. Nessa direção, Foucault (2007, p. 28) afirma-nos que o já-dito atravessa os discursos, um jamais-dito sem corpo que não é senão “o vazio de seu próprio rastro”. À vista disso, pode-se

dizer que toda formulação do discurso já está vinculado ao que lhe é prévio, ou seja, há retomadas e silenciamentos.

A fim de que possamos melhor compreender esses meandros discursivos, é importante que pensemos a respeito de como ocorre a disseminação de discursos. A esse respeito, Foucault (2007, p. 28) é incisivo ao nos dizer que [...] “cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares”. Compreendemos, então, que o discurso é estrutura e acontecimento, que se abre para produção múltipla de sentidos e que está cercado pela historicidade dos ouvintes (CORACINI, 2010a).

Dessa forma, tudo o que o discurso formula, de alguma maneira, já está articulado no tecido da linguagem. Afirmaríamos que o olhar lançado aos fatos discursivos busca encontrar, além dos próprios enunciados, o lugar do sujeito falante, o que ele quis dizer ou ainda no jogo do inconsciente o que emerge involuntariamente do que disse ou da quase linha tênue de suas palavras manifestas. Nesse curso, embasamo-nos em Foucault (2007) para compreender que se trata de compreender os enunciados determinando suas condições de existência e correlações com outros enunciados.

A partir disso, inferimos que se restitui ao enunciado sua singularidade de acontecimento, mostrando que a descontinuidade não é somente uma eventualidade do campo geográfico ou geológico, mas se conecta ao “gesto de escrita ou articulação de uma palavra, que abre para si mesmo uma existência remanescente no campo da memória ou na materialidade dos manuscritos”. Com isso em mente, apreendemos que os discursos apresentam “regularidades e dispersões, que se atualizam nas práticas sociais e individuais” (CORACINI, 2010a, p. 24).

Dessa forma, pergunta-se por qual razão determinado enunciado emergiu e não outro em seu lugar. Consideramos cada discurso como uma emergência de acontecimentos na qual rigorosidade e distribuição temporal fazem com que este seja repetido, transformado, esquecido ou apagado. De fato, interessa-nos saber o que torna possível uma escolha e não outra, indicar, assim, por qual motivo foi possível empregar um conjunto de relações e não outro.

Outrossim, darmos atenção às condições em que os objetos do discurso emergem é também observar as condições históricas dele, as quais legitimaram aquele que fala de um determinado lugar. A esse respeito, Foucault (1996, p. 8) lembra-nos de que “[...] não

se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, não pode falar de qualquer coisa".

Por conseguinte, ao descrever a formação dos objetos de um discurso, busca-se apontar as relações que evidenciam determinada prática discursiva, tendo como ponto de partida objetos trazidos pelos sujeitos falantes, num dado momento histórico, isto é, é, na prática discursiva que se revelam os objetos de que se fala.

Nesse ponto, é preciso que definamos a noção de formação discursiva

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2007, p. 43)

Em vista disso, conceituamos discurso como um conjunto de enunciados que estabelecem relações entre si dentro de uma mesma formação discursiva. Neste contexto, Gregolin (2001, p. 52), pensando a respeito da relação entre a história e o linguístico na análise do discurso, toma discurso como prática, relacionando a língua com outras práticas emergentes no campo social. Retomando, aqui, então, o olhar sobre a formação discursiva que reúne um conjunto de acontecimentos enunciativos, articulando, assim, o sistema de dispersão e repartição dos enunciados.

Desse modo, nas entrevistas com moradores de rua veiculadas no site *YouTube*; perceberíamos que, ali, emergem representações espaço-temporais dos/nos dizeres desses moradores, como eles se dizem e dizem a respeito de outros que passam na rua, além de ser emergentes incidências de tempo e espaço nas representações das relações de poder. Essa rede entrelaça-se por diferentes modos de enunciação. Essas enunciações tomam um lugar, a fim de legitimar o não-lugar que é onde o morador de rua se encontra na sociedade hegemônica.

Desse modo, a rua, sob o viés discursivo-desconstrutivista, é então tomada a partir de representações espaço-temporais, de dizeres de si e de outros que a perpassam tecendo os fios de um corpo discursivo compreendidos no mesmo tempo ou no mesmo lugar, levando em conta antes a heterogeneidade que a homogeneização, antes a multiplicidade que o uno, a descontinuidade ao invés da linearidade. Seguindo, Foucault (2007) diz-nos que há um domínio de memória no campo enunciativo, em que enunciados estabelecem relações de transformação, filiação, e descontinuidade histórica.

Portanto, selecionam-se os caminhos pelos quais seguiremos e neles emergem brechas nas quais a figura do analista do discurso entrará. Elegerei e articularei recortes discursivos que venham a apoiar os questionamentos acerca do meu objeto de pesquisa. Pensando a respeito da tarefa empreendida pelo analista do discurso, é dito que é necessário buscar “detectar a incidência das interrupções, cuja posição e natureza são, aliás, bastante diversas” (FOUCAULT, 2007, p. 4).

Por isso, retomamos, aqui, o princípio de irrupção de acontecimento discursivo, já que, por pensar no próprio nome do site *YouTube*, desconstruindo discursivamente, faz emergir um olhar para uma plataforma que projeta o ser que fala, fazendo com que este tenha voz e fale sobre si mesmo e de outros, o que instaura, conseqüentemente, um quadro no qual um sistema de relações se constitui e é constituído.

É preciso que atentemos para o jogo que se estabelece entre as regularidades discursivas e o modo como engendram a análise do saber e da verdade. Nessa direção, é Foucault quem apresenta uma nuance importante à nossa discussão na qual associa documentos a monumentos a fim de organizar, selecionar, interpretar os agrupamentos de informações possíveis acerca de determinada época ou sociedade. Conseqüentemente, o caminho a ser percorrido pelo analista deverá observar as particularidades do discurso no entrecruzamento, entrelaçamento, bem como nos antagonismos e contradições.

Sendo assim, cabe a nós a tarefa de (des)velar as nuances do que é dito em narrativas de vida sobre ocupar e desocupar a rua. Todavia, nosso objetivo, durante esse percurso, jamais será o de busca pela origem do que é dito nem faz parte de nosso trabalho esse olhar para compreender a ruptura, na quebra de paradigmas e no sarcasmo que funda os dizeres daqueles em situação de rua. Foucault diz que

A genealogia é cinza; ela é meticulosa e pacientemente documentária. Ela trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos. Daí, para a genealogia, um indispensável demorar-se: marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história – os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos; e até definir o ponto de sua lacuna, o momento em que eles não aconteceram (FOUCAULT, 2002, p.12)

Continuando o percurso traçado, iremos nos deter, a seguir, na noção de representação, já que será necessária aos caminhos analíticos a ser empreendidos por nós.

Representações são crenças, ideias e valores que possibilitam aos seres humanos (re)memorar determinados acontecimentos, pessoas ou objetos. Estas representações emergem na/da interação, uma vez que um sujeito inserido num dado grupo compartilha de suas experiências. Ao analista do discurso cabe tornar familiar o que não era familiar para promover um encontro com leituras que alarguem nossa percepção e interpretação do mundo à nossa volta visando, assim, contrapor naturalizações do pensamento.

O conceito de representação surge com o romeno Serge Moscovici, em 1961, presente na obra *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Para o teórico radicado na França, a representação é uma operação que resulta na formação de imagens onde abstrações se tornam algo concreto tornando-se “tão vívido que seu conteúdo interno assume o caráter de uma realidade externa” (MOSCOVICI, 1988).

Ainda, a esse respeito, pensamos que as representações que construímos de nós mesmos e dos outros que nos circundam são efeitos de uma tentativa de tornar habitual um traço que nos causa estranheza. Entretanto, aos estudos discursivos que desenvolvemos, a definição de representação baseada numa perspectiva discursivo-desconstrutivista, é da maior valia, justificando assim o olhar filosófico escolhido. Já pensando sob a perspectiva discursivo-desconstrutivista, Coracini (2015, p. 137) discute que existem imposições de modos de pensar, ver e agir no mundo. É assim que é possível afirmar que formações discursivas admitem dizeres e regulam outros através de práticas discursivas que partem de lugares pré-determinados ignorando a transformação e as movências dos discursos.

Dessa maneira, é bom lembrar que o sujeito se inscreve em formações discursivas, isto é, constitui-se e é constituído por diferentes discursos. Este fato faz emergir uma ilusória heterogeneidade nos discursos, predicativo muitas vezes esquecido por muitos quando desapercebem que o que é o fundante no discurso são suas regularidades. Sobre essa faceta, Coracini (2015, p.139) comenta que as regularidades camuflam a heterogeneidade do discurso orientando comportamentos, linguagens e é justamente por isso que se reproduz o conhecido e cerceia-se o inviável, em movimentos marcados pela historicidade que autoriza e interdita discursos e práticas.

Assim, os seres humanos, filiam-se aos discursos, inseridos numa dada formação discursiva; Não de modo consciente, constroem e têm construídas imagens de si e dos grupos aos quais pertencem. Dessa maneira, a noção de representação clássica concebia o homem como se este espelhasse o mundo, refletindo dessa maneira fenômenos naturais e trazendo para junto de si os reinos animal, mineral e vegetal. Eram modalidades

discursivas que buscavam similitudes entre a natureza, o macrocosmo e o microcosmo individual e, com o passar do tempo, o mundo que se erigia a partir do princípio da semelhança se ruiu, o que impera é, então, o da representação (CORACINI, 2015).

Sendo assim, as diferentes filiações aos quais os seres estabelecem e são estabelecidos, inseridos em diferentes práticas discursivas, fundam para si categorias de classificações relativas e fixação de critérios diante das muitas fronteiras às quais estes se submetem. Nessa direção, o filósofo francês é concludente, ao dizer que a linguagem nomeia e recorta as coisas tornando-as visíveis: “Lá onde há discurso, as representações se expõem e se justapõem; as coisas se reúnem e se articulam” (FOUCAULT, 2007, p. 427).

Consequentemente, toda representação se funda na decantação de experiências pessoais e daquelas que tivemos com outros, oriundas daqueles que nos cercam, que fazem-nos acreditar nessa ou naquela visão de mundo, além do contato com aqueles que imprimem em nós quem somos. Sobre essa particularidade, apreendemos que

[toda representação], diga-se de passagem, não se produz, em nenhum caso, fora do contexto sociopolítico do qual os sujeitos e seus inconscientes sofrem influências. E, no final de tudo isso, encontram-se nossos desejos recalcados, nossas frustrações, nossas identificações, que ora nos atiram para pessoas ou objetos, ora provocam sentimentos de repulsa, pois sabe que tudo que chama nossa atenção já está, de certo modo, lá, em nosso inconsciente, como uma cicatriz que camufla um sutura, fazendo crer na unidade e na homogeneidade aparentes e ilusórias. (CORACINI, 2003, p. 219)

Desse modo, o discurso, a partir dos pressupostos foucaultianos, que se apresenta como algo exterior aos sujeitos, situado no terreno das práticas e das representações, torna-se ferramenta essencial para vislumbrar a produção de subjetividades na contemporaneidade, as estratégias de poder que visam à subordinação social. Neste contexto, a rua é percebida tanto como extensão da casa como estando em oposição à casa, visto que a casa é percebida como lugar individual e a rua como lugar público. Porém, no que concerne aos moradores de rua, os limites dicotômicos pulverizam-se. Desse modo, a identidade de um sujeito está ligada a processos de desidentificação com determinado lugar em que ele (des)ocupa e (des)territorializa. Sendo assim, o espaço do homem que ocupa e desocupa remete a relações de poder sobre um grupo social em relação a uma extensão terrestre (território).

Ao mencionar acerca dos seres humanos que ocupam e desocupam territórios, torna-se basilar mencionar algumas considerações acerca da noção de sujeito. Sobre o sujeito, podemos reiterar que da psicanálise herdamos uma concepção de sujeito como ser incompleto, cindido, atravessado pelo inconsciente. Sob este viés, tratar da noção de sujeito já é, inicialmente, traçar seu caminho dentro da cultura. Birman (2007, p. 9) afirma que

[...] a cultura é o outro do sujeito, sem a qual é impossível pensar nas condições de possibilidade para a constituição do sujeito. Além disso, no discurso freudiano essa relação é marcada essencialmente pelo mal-estar, pois a inserção do sujeito na cultura é permeada pelo conflito e pela impossibilidade do sujeito em solucioná-lo de forma absoluta.

Dessa maneira, alertamos que a cultura tomada como pano de fundo pela psicanálise é aquela de tradição histórica ocidental, já que há um legado cultural no que diz respeito às normas sociais, valores éticos, tradições, crenças, sistemas políticos, artefatos e tecnologias. Assim, o sujeito do inconsciente é assinalado, sobretudo, pelo conflito, que, impossível de não ser enfrentado, é inerente à constituição de sua subjetividade.

É importante que se esclareça que a noção de sujeito a ser trabalhada pela psicanálise é aquela que parte de uma desconstrução fundamental do lugar conferido ao sujeito em Descartes, no século XVII. O descentramento do sujeito torna-se uma noção importante ao desenvolvimento de trabalhos orientados pela perspectiva discursivo-desconstrutivista, conforme proposto por Coracini (2015), pois lida com a retirada de um suposto domínio sobre as operações intelectuais e sobre suas ações. A esse respeito, Birman (2007, p. 20) observa que

[p]ara Freud, a psicanálise teria retirado a última ancoragem da pretensão humana, o último reduto da superioridade do homem, ao enunciar que a consciência não é soberana no psiquismo do indivíduo e que o eu não é autônomo no funcionamento psíquico. Vale dizer, o ser do psíquico se desloca da consciência e do eu para os registros do inconsciente e da pulsão, que passam a regular materialmente o ser do psiquismo.

Portanto, o descentramento do sujeito, feito a partir dos estudos de filósofos contemporâneos, coloca uma questão central para psicanálise que é formular, com eficácia, que a interpretação como deciframento se refere a uma leitura fragmentaria do psíquico, implicando em seu descentramento, conforme proposto pela psicanálise.

Birman (2003, p. 55) afirma que “[a] concepção psicanalítica de que existiria um psiquismo inconsciente e que a subjetividade transcenderia em muito os registros do eu e da consciência, implicou efetivamente no descentramento do sujeito”. Então, registra-se uma inversão que teve papel primordial diante dos estudos filosóficos centrados na noção de sujeito. Isso, de alguma forma, estava entre as preocupações de Freud, uma vez que, segundo Birman (2007, p. 24), o êxito de Freud reside no ato de destronar a consciência ao revelar a existência do inconsciente.

Consequentemente, a transposição se dá, quando, para a psicanálise, o inconsciente definiria o ser do psiquismo e a consciência seria um dos atributos do psíquico. Essa visão duela com a da tradição filosófica do sujeito para a qual a consciência seria o ser do sujeito e o seu suporte. O que o discurso freudiano denominava realidade psíquica, em contraposição à realidade material, remetia ao inconsciente. Assim, para estabelecer essa leitura do psiquismo, Freud teve que enunciar que a consciência não era contínua, como estava então estabelecido no campo da filosofia do sujeito, mas descontínua.

Portanto, ainda que, dentro de um fio descontínuo, o inconsciente se manifesta de maneira ocasional, mas de maneira ininterrupta no terreno de vãos da consciência. Nessa direção, torna-se importante que abordemos que o deslocamento do psiquismo da consciência para o inconsciente não implicou o descentramento completo do sujeito. Birman (2007, p. 30) toca nessa questão quando diz que “[...] o que se impõe no discurso freudiano são as múltiplas formas de relação do sujeito com a alteridade e os impasses na constituição da alteridade, que se apresentam como novidades no campo psicanalítico”; entendemos, desse modo, que corpo e sujeito se fundam a partir do outro.

Pensando, ainda, acerca da categoria do eu sob o olhar da psicanálise e relacionando-o ao descentramento do sujeito, uma questão já tratada por nós anteriormente, Freud, ao publicar o ensaio *Para introduzir o narcisismo* (1914), anuncia um outro registro para a desconstrução da noção de sujeito até então elaborada. Dessa maneira, o eu passa a estar no âmago das discussões e não mais a consciência. Interessante é notar que, nesse momento, o eu passa a se configurar como sexualizado.

Assim, o eu, não sendo a origem, mas a instância totalizante do psiquismo e do corpo, emana do investimento do outro. Aprofundando-nos um pouco mais a respeito dessa constituição, damos voz a Birman:

[...] seria o outro quem promoveria a unidade do eu e do corpo através de uma imagem, que teria a potência de unificação destes registros. Constituir-se-ia, assim, o narcisismo primário, que estaria no fundamento do eu. Caracterizando-se pela onipotência, o eu visaria dominar a fragmentação originária. Nessa perspectiva, o eu seria uma condensação de investimentos erógenos, articulado sempre em torno de uma imagem caucionada pelo outro, de forma que aquele oscilaria permanentemente entre se auto investir e investir os objetos, numa pontuação constante entre libido do eu e libido do objeto (BIRMAN, 2003, p. 23)

Portanto, tendo em mente esse outro olhar para a noção de descentramento do sujeito, o eu se instituiria a partir do outro, não estando mais na origem, já que seria forjado por derivação, marcado para sempre pelas incidências do outro. Essa incidência seria originariamente alienante, no registro do eu ideal, mas se transformaria posteriormente no registro do ideal do eu, quando a intersubjetividade se constituísse, onde ser reconhecido pelo outro seria um imperativo.

Desse modo, discutiremos posteriormente, ao tratar da questão de identidade, como o outro passa a ser constituinte na emergência do eu, viés pelo qual Lacan (1998) introduz Hegel na leitura da psicanálise, a fim de pensar a respeito da constituição alienante do eu segundo a captura do outro, processo denominado de estágio do espelho, segundo os pressupostos da dialética do senhor e do escravo. O que aproxima as noções de sujeito entre Lacan e Foucault, por exemplo, é a relação que os sujeitos mantêm com o saber e com a verdade. Para Camargo e Aguiar (2009, p. 543) o que Foucault e Lacan fizeram foi desnaturalizar as relações entre saber e verdade: “Para Lacan, o sujeito paga um preço específico ao tentar enfiar a verdade no saber. De certa forma, em Foucault foi a subjetividade e, em última instância, o próprio sujeito”.

Ainda em relação às aproximações e distanciamentos entre Lacan e Foucault, podemos mencionar que, em Foucault, a partir de regras de estilo e por meio de tecnologias de saber, de poder e de si, o sujeito é visto como talhe a ser elaborado, trabalhado e instituído. Entre as técnicas de fabricação do sujeito e dispositivos, destacamos a disciplinariedade, já que funda a noção de sujeito. Pensando em como a subjetividade se projeta a objetos externos à consciência, Foucault explica “[...] os diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos se tornaram sujeitos” (FOUCAULT, 1995, p. 251). O filósofo francês ainda nos insta a conjecturar que “[...] o sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros. Esse processo o objetiva. Exemplos: o louco e o são; o doente e o sadio; os criminosos e os bons meninos” (FOUCAULT, 1995, p. 251).

Estabelecemos, então, três eixos, a partir dos estudos foucaultianos, que são: o do ser-saber, o do ser-poder e o do ser-si. Compreendendo o sujeito como uma produção, situada historicamente, pelas práticas discursivas, podemos, então, dizer que, na trama, os fios do discurso, da história e da sociedade, fazem emergir mudanças consideráveis nos saberes e sua estrita relação com os poderes. Para o filósofo francês, o sujeito deriva da delimitação dos eixos apresentados.

Para melhor compreendermos, é necessário que pensemos como o surgimento do termo “ontologia” se deu no núcleo dos estudos de Michel Foucault. Pensando sobre a moral na Antiguidade greco-romana, o filósofo francês verte moral, em primeira instância, como valores e regras impostas aos homens através de mecanismos diversos como a família, as instituições, os poderes políticos, entre outros; em segundo plano, moral apontaria para a maneira como os indivíduos se posicionam ou se submetem frente a esses valores e regras; finalmente, ela consistiria na forma particular com que os indivíduos conduzem a si mesmos no interior de determinado código de conduta.

Sendo assim, Foucault (2012) empenha-se por mostrar como, para gregos e romanos, está em questão não apenas a formulação de princípios que orientam a ação, mas de “uma certa relação a si” em que o sujeito “estabelece para si um certo modo de ser que valerá como realização moral dele mesmo; e, para tal, age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controla-se, põe-se à prova, aperfeiçoa-se, transforma-se” (Foucault, 2012, p. 37). A reflexão moral por eles tecida emergiria a partir de dois polos complementares: um polo relativo a códigos de ação e outro relativo a formas de subjetivação. O estudo de Foucault sobre a moral antiga tem como foco a análise deste último polo.

Neste contexto, o governo de si na esteira moral pode fazer emergir diversos olhares. Remete a uma “*substância ética*”, isto é, ao aspecto da conduta ou circunstância problematizada; a um “*modo de sujeição*” pelo qual o indivíduo se relaciona a certa regra e coloca-a em prática; a um “*trabalho ético*” de transformação exercido não apenas sobre o comportamento a ser moralizado, mas sobre o sujeito desse comportamento (FOUCAULT, 2012, pp. 34-36).

Está dentre os interesses foucaultianos a compreensão de como, para a cultura greco-romana, os sujeitos fizeram de sua própria existência objeto de uma elaboração detalhada e minuciosa que objetivava exercer sobre si uma relação de domínio e soberania. O *êthos* grego era uma forma de o homem conduzir-se, traduzida “pelos seus hábitos, por seu porte, por sua maneira de caminhar” (FOUCAULT, 2004, p. 270). A ele

cumpria atingir, mediante um trabalho de si sobre si, um modo de vida que fosse "bom, belo, honroso, respeitável, memorável" (FOUCAULT, 2004, p. 270).

Ressaltamos que essas técnicas de si "não são alguma coisa que o sujeito invente. São esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social" (FOUCAULT 2004, p. 276). Dessa maneira não era uma liberdade absoluta que se opunha a todo governar, mas "práticas de liberdade" (Foucault, 2004, p. 266) que se efetuam em um campo de possibilidades concretas de ação.

Por ter dado enfoque às práticas de subjetivação na Antiguidade, Foucault (2004, p. 275) reconhece que o sujeito é uma "forma", em vez de uma "substância". Assim sendo, a subjetividade se configuraria na beira do flexível, do movediço, do que é suscetível a mudanças. Os escritos foucaultianos vão pelo caminho da compreensão das "diferentes formas de subjetividade" à luz de sua "constituição histórica" (FOUCAULT, 2004, p. 275), de sua emergência em conjunturas políticas, sociais e culturais. Deve-se lembrar que os modos de constituição do sujeito nas malhas da história, Foucault denominará ontologia.

Ainda, na esteira dos estudos foucaultianos e pensando a respeito do sujeito, compreendemos com Foucault que "[...] o corpo está preso no interior de poderes muitos apertados, que lhes impõem limitações, proibições ou obrigações" (FOUCAULT, 1999, p.71). Portanto, reconhecemos que a sociedade constitui e é constituída por micro poderes impostos ao corpo social com o objetivo de coação. É interessante observar que à palavra coação podem ser associados "[...] elementos significativos do comportamento ou da linguagem do corpo", principalmente, quando é dito que "[...] a coação se faz mais sobre as forças do que sobre os sinais" e "que se exerce com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço e os movimentos" (FOUCAULT, 1999, p. 71).

Dessa maneira, é significativo que notemos em que medida são emergentes novas formas de configurações políticas de coerção que objetivam a uma manipulação calculada de elementos, gestos e de seus comportamentos. No que diz respeito a isso, Foucault nos diz que "[o] corpo entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe" (FOUCAULT, 1999, p. 72).

Ao tratar do conceito de disciplina, é preciso que se pense a respeito de mecanismos de distribuição dos indivíduos no espaço. Assim, há uma anulação nos movimentos que fomentam o desaparecimento descontrolado de indivíduos e sua circulação difusa. Com isso em mente, compreende-se que "[o] poder disciplinar é, com

efeito, um poder que, em vez de se apropriar e retirar, tem como função maior adestrar; sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor” (FOUCAULT, 1999, p. 84).

Com o objetivo de concluir, por ora, nossas discussões problematizando a noção de sujeito, entramos em nosso último ponto de amarração, mas não menos importante: as contribuições de Jacques Derrida. A partir do tratamento destinado ao sujeito pelo filósofo da desconstrução, percebemos que é uma necessidade que problematizemos a noção de sujeito na sociedade contemporânea. Assemelhando-se a uma espécie em extinção, é preciso que o sujeito se reinscreva. Ainda, na esteira derridiana, observemos o que ele diz:

A fim de remodelar, se não rigorosamente re-fundar um discurso sobre o “sujeito”, sobre o qual se sustentará o lugar do sujeito (da lei, da moralidade, da política – tantas categorias apanhadas na mesma turbulência) deve-se passar pela experiência de uma desconstrução... há um dever na desconstrução. Tem que haver, se existe algo como o dever. O sujeito, se sujeito, deve haver, deve vir depois disso (DERRIDA, 1988, p. 120)

Sendo assim, a desconstrução se compromete com a tríade que é afirmação, movimento e responsabilidade. Ao invés de buscar imposição de uma ordem molar, a desconstrução se baseia na alavanca de forças e deslocamentos de estabilizações forçadas. Espaço-temporalmente pensando, não habitamos um único lugar ou – lugar único, mas um entrelugar. Falamos da desconstrução, que, segundo Prikladnicki (2007, p. 8), é a “esse tipo estranho de morada que não tem lugar – e que não nos dá lugar – do lado de dentro, nem do lado de fora, e, sim, às margens”.

Assim sendo, desconstruir é movimentar-se por posições discursivas contrárias entre si, fazendo com que se perca a forma, a estrutura ou conceitos originais, ou tradicionalmente aceitos, inscritos na história do pensamento ocidental. Para Prikladnicki (2007, p. 10), “Desconstruir é desempenhar um gesto duplo, invertendo a oposição e deslocando a estrutura”. Portanto, evita-se neutralizar as oposições binárias de modo a residir no campo fechado dessas oposições. Derrida (2001, p. 47) discute aquilo que por ele mesmo foi nomeado de estratégia da desconstrução ao dizer que

[é] preciso, pois, fazer um gesto duplo de acordo com uma unidade ao mesmo tempo sistemática e dela própria afastada, isto é, múltipla dela própria, por um lado passar por uma fase de inversão. Insisto muito e incessantemente que, nessa fase de inversão, que se pode, muito rapidamente buscar se desacreditar. Fazer justiça a essa necessidade

significa reconhecer que, em oposição, nós não estamos lidando com uma coexistência pacífica face a face, mas com uma hierarquia violenta.

Sendo assim, o pensamento metafísico, denominado por Derrida logocentrismo, jamais cessou de estabelecer olhares que visavam a polaridades e dicotomias: razão/sensação; espírito/matéria; identidade/diferença; lógica/retórica e masculino/feminino.

Continuando nossa discussão, pinçamos, nos estudos derridianos, mais alguns posicionamentos:

A história da metafísica, como a história do Ocidente, seria a história dessas metáforas e dessas metonímias [os diferentes nomes que utilizamos para nos referir a um centro ou fundamento estável a partir do qual possamos pensar a totalidade de uma estrutura ou mesmo da realidade em geral]. A sua forma matricial seria – espero que me perdoem por ser tão pouco demonstrativo e tão elítico, mas é para chegar mais depressa ao meu tema principal – a determinação do ser como presença em todos os sentidos desta palavra. Poder-se-ia mostrar que todos os nomes do fundamento, do princípio, ou do centro, sempre designaram o invariante de uma presença (eidos, arquê, telos, energia, ousia (essência, existência, substância, sujeito) aletheia, transcendentalidade, consciência, Deus, homem, etc.) (1995, p. 231).

A desconstrução, num primeiro olhar, dispõe-se a inverter a hierarquia dos conceitos, procurando pensar o segundo termo como principal e originário. Digno de nota, aqui, é a forma como a cultura ocidental habituou-se a pensar a respeito da relação entre causa e efeito. Usualmente, este é concebido como secundário e derivado daquela. Mas, levando em consideração nosso saber culturalmente enraizado, a princípio, certificamo-nos da manifestação do efeito, para, posteriormente, levantar suas causas.

Deste modo, o efeito é que deveria ser tido como originário, pois é em virtude dele que um fenômeno pode ser interpretado como causa. Por outra forma, sob a égide desconstrutivista, entende-se o efeito como a causa de sua própria causa. Para exemplificar, pensemos acerca da condição masculina, que só é possível ao estabelecer polaridade em sua relação àquilo que ela não é.

Na sociedade contemporânea, a imagem de homem só pode ser suposta na medida em que esteja em oposição à imagem feminina ou gay. O outro, desta maneira, torna-se essencial à compreensão de si mesmo, e, em vista disso, não pode ser encarado como algo meramente acidental e secundário. Pensar o termo inferior, como principal, gera o desmantelamento do olhar hierárquico, como sugere Derrida, firmando, deste modo, o

primeiro passo a fim de olharmos o mundo de uma perspectiva desconstrutivista. Apesar disso, atendo-nos meramente à instância de inversão, continuaremos ainda capturados pela perspectiva logocêntrica. Uma oposição hierárquica, mesmo sendo invertida, continua sendo hierárquica. Nesse sentido, e isto o próprio Derrida o reconhece, esta fase de dismantelamento seria semelhante à clássica oposição entre tese e antítese proposta pela lógica hegeliana. Na obra *Posições*, Derrida discute que a necessidade de operar novas configurações nos conceitos é uma atividade necessária para deslocá-los e reinscrevê-los sob outra ordem (DERRIDA, 2001).

Dessa forma, um dos aspectos mais prevaletentes da abordagem desconstrutivista, tal como praticada por Derrida, é a apropriação e utilização de conceitos derivados de um sistema de pensamento para, ao final, refletir acerca do funcionamento do sistema. Derrida irá, a esse respeito, dizer que a *différance* é um jogo de diferenças sistematizado que advém do rastro dessas diferenças onde os elementos remetem-se uns aos outros. Consequentemente, precisamos pensar que, se afirmarmos que o efeito é a causa, é emergente, dessa afirmação, a promoção de um conceito – o de causa – para questionar o próprio sistema – o da causalidade – no qual este conceito se fundamenta. De acordo com Jonathan Culler (1994), um dos estudiosos da vertente desconstrutivista, o envolvimento do desconstrutivista é sem garantias, negando-se justificações rigorosas à causalidade ao mesmo tempo em que se opera num jogo que busca afirma-la.

E acrescenta: “[...] este é um aspecto da desconstrução que muitos acham difícil de entender e aceitar” (CULLER, 1994, p.87-88). Com o objetivo de melhor compreender essa nuance da desconstrução, tomemos como ponto de partida o texto de Derrida chamado “Estrutura, signo e jogo no discurso das ciências humanas”. Nele, Derrida respalda-se numa oposição binária entre o dentro e o fora do centro numa estrutura. Para o teórico, “[...] a estrutura, ou melhor, a estruturalidade da estrutura, embora tenha sempre estado em ação, sempre se viu neutralizada, reduzida: por um gesto que consistia em dar-lhe um centro, em relacioná-la a um ponto de presença, a uma origem fixa” (DERRIDA, 1971, p.230).

Assim sendo, o centro seria uma condição necessária para a troca dos elementos no interior de uma estrutura; entretanto, concomitantemente, um elemento dessa estrutura que não se presta à substituição. Nesse sentido, podemos dizer que, paradoxalmente, o centro está, simultaneamente, dentro da estrutura e fora dela. Isso autoriza Derrida a atestar que o “[...] conceito de estrutura centrada – embora represente a própria coerência,

a condição da episteme como filosofia ou como ciência – é contraditoriamente coerente” (DERRIDA, 1971 p. 230).

Portanto, na realidade, a desconstrução não pressupõe restringir o exterior ao interior, nem opor a noção de fora sobre o dentro, mas, alicerçado nessa oposição, buscar ponderar o jogo que a antecede e a torna possível. Dessa forma, a partir do descentramento do sujeito, da problematização derridiana de um centro regulador de margens, de um sujeito que se estabelece entre relações de saber e poder enovelado por uma teia discursiva de relações de poder tem-se a articulação filosófica utilizada no presente estudo.

Em relação à noção de identidade, podemos afirmar que a nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formados com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona com uma lógica muito diferente daquela da razão: enquanto uma se processa no consciente, sede e fonte de conhecimento, sob o controle de um sujeito racional, provido de fixidez e unidade, a outra, a lógica do inconsciente, em constante tensão entre os desejos e a busca que não cessa e adiável da realização desses mesmos desejos. Coracini (2003, p. 15), esclarecendo a respeito da noção de identidade, diz que

[...] não deveríamos falar de identidade, já que, como dissemos, o termo remete ao mesmo tempo, ao uno, mas de identificações: é apenas momentaneamente que podemos flagrar pontos no discurso que remetem a identificações inconscientes, introjetadas sempre a partir do outro, mas, por já estarem lá, provocam reações, atitudes de recusa ou de aproximações

Nasio (1998, p. 101), ao tratar do conceito de identificação, alerta que “[p]ara Lacan, a identificação é o nome que serve para designar o nascimento de uma nova instância psíquica, a produção de um novo sujeito”. Sendo assim, em oposição ao sujeito cartesiano, logocêntrico, uno, homogêneo, igual a si mesmo, é cindido, clivado, heterogêneo, perpassado pelo inconsciente, que, por sua vez, é habitado pelos mais recônditos desejos que, recalcados sob a ação social, responsável pelos interditos, só irrompe via simbólico, pela linguagem onírica ou verbal. Conforme Coracini (2003, p. 148),

[o] inconsciente, definido, como o Outro, ou *lalangue*, nos termos de Lacan, funciona como uma língua interditada e a expressão mais manifesta deste interdito repousa nisto: o sujeito não pode articular plenamente o desejo que é inerente, que é veiculado por esta cadeia, que é constitutivo dessa cadeia, o inconsciente constitui essa zona heterogênea, habitada pelo desejo da mãe, interditado pelo pai (social). O desejo da mãe pode ser explicado como desejo da completude, da

totalidade, que, recalcado, gera angústias e buscas constantes de resolução que se acha sempre adiada.

De uma perspectiva da psicanálise, de base lacaniana, o sujeito se constitui pela linguagem, é sujeito de linguagem, sempre na relação com o Outro. A própria linguagem é esse Outro para o sujeito, é o campo que abriga a rede de significantes. Como o sujeito só se presentifica na relação com o Outro, o próprio sujeito psicanalítico é clivado e heterogêneo na sua estrutura, já que é atravessado pela ilusória ideia de identidade. Nas palavras de Souza (1994, p. XII), “a ambição do ego de atingir uma igualdade com o ego ideal”, ou seja, a identificação simbólica, identificação com um significante, um traço diferencial no Outro, a partir do qual o sujeito tenta encontrar o fundamento daquilo que é na busca pelo objeto edipiano perdido. Entretanto, esse reencontro não acontece, emerge, então, o sujeito da falta e da incompletude. Grigoletto (2006, p 18) diz que “[s]e algo fica fora do sujeito, algo que estrutura a sua fantasia ou tampona um real que lhe é incompreensível e insuportável, então o sujeito psicanalítico nunca é idêntico a si ou uno”. Portanto, o que existe são movimentos identificatórios que conferem ao sujeito, o que, nas palavras de Souza (1994, p. 18), é “uma faceta que muda a cada instante em que o sujeito efetivamente diz o que tem a dizer”.

Desse modo, a identidade se constroi a partir do espelho do olhar do outro (CORACINI, 2015), conforme frase célebre do psicanalista francês que mencionou que o estágio do espelho é uma espécie de identificação “no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, é a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (LACAN, 1998, p 33).

Isto é, a partir de representações que, invertidamente (como no espelho), vão, aos poucos, integrando a subjetividade e, desse modo, permitindo a cada qual se auto definir, perceber-se como bom ou mau, bonito ou feio, amado ou rejeitado. A esse respeito, Coracini (2015, p. 11) diz que

[e]sses mesmos traços poderão se identificar com traço(s) do outro e produzir o que Lacan denomina identificação. Assim, se a identidade é ilusória, momentos de identificação podem ser flagrados, momentos que partiriam do sujeito, de seu inconsciente, onde traços se encontram gravados, e que, em contato com traços do outro, se põem em “movimento”, provocando empatia, simpatia ou antipatia, mal-estar diante do outro. Desse modo, é possível dizer que traços de mim representam traços do outro, que traços do outro me representam: o modo como o outro me vê pode se tornar o modo como me vejo, ou seja, como me represento. Nesse caso, o conjunto de representações ou imagens constitui o imaginário, registro do ego, que deseja ser o desejo do outro, fazer o que o outro quer para agradá-lo e/ou para pertencer a um determinado grupo.

Ainda, a esse respeito, podemos apreender que

[o] espelho, isto é, este momento da primeira relação consigo mesmo que é irremediavelmente, e para sempre, uma relação com o outro, só representa uma fase privilegiada na medida em que tem um valor exemplar para toda a sequência de um desenvolvimento; não é um estádio destinado a ser superado, mas uma configuração insuperável. 'Estádio do espelho, bem mal nomeado, onde afinal se trata muito pouco de espelho e de estádio (OGILVIE, 1991, p. 112)

Assim, adota-se uma visão, que se lança ao estrutural, a qual ainda não busca enfatizar o registro do simbólico, sendo este aplicado ao imaginário em seu momento de maior efervescência, quer dizer, a reflexão sobre a imago granjeia seus mais longos e ricos desdobramentos que seus impasses começam a se fazer sentir, dando lugar à necessidade de se lançar mão de uma outra dimensão de análise.

A experiência do espelho tem uma especificidade primária nos estudos psicanalíticos, se a compreensão a respeito dela for além de uma etapa bem circunscrita no desenvolvimento infantil, que traspassa a vida toda do sujeito, representando a relação libidinal essencial com a imagem corporal, estampando o aspecto de conflito presente na relação dual. Refere-se mais ao espelho que ao estádio, ou melhor, mais à relação consigo e com o outro do que à história, mais à percepção da alteridade do que à nomeação da capacidade em reconhecer a localização espacial do corpo, sua posição e orientação.

A questão discutida a respeito do eu e do corpo faz-se presente na obra de Lacan a começar dos primeiros momentos de sua trajetória pela psicanálise, sofrendo reformulações correlativas às retificações que ele introduz, articulando-a, além do Imaginário, ao Simbólico e ao Real. Todavia, na esteira de Freud, o corpo ao qual ele se refere não é o corpo biológico, mas o corpo virtual (corpo-imagem), marcado pelo significante (corpo-fala) e habitado pela libido (corpo-gozo), que demanda um olhar distinto daquele da medicina.

Ao tomarmos a imagem como ponto principal, deparamo-nos, evidentemente, com o olho, nosso primeiro aparelho de coordenação do espaço, que começa a percebê-lo, registrá-lo e organizá-lo "antecipadamente", isto é, bem antes de o organismo se movimentar e transitar fisicamente nesse campo, há uma organização do olhar, à qual precede o gesto e a palavra, do mesmo modo que é nosso primeiro aparelho de controle, de conexão e de contato com o chamado mundo exterior. Esse aparelho registra em sua história um momento fundamental: o Estádio do Espelho.

Partindo do trabalho de conexão entre o corpo e o Simbólico (biologia e sociologia) de Henri Wallon – "Prova do espelho e a noção do corpo próprio", de 1931 –, e dos estudos sobre etologia, Jacques Lacan teorizou o momento da constituição do eu mediante a identificação com a imagem do outro, o que chamou de Estádio do Espelho. Lacan atribuiu à imagem papel fundador na constituição do eu e na matriz simbólica do sujeito, definindo a identificação, nessa perspectiva, como "[...] a transformação produzida no sujeito quando assume uma imagem". Se, para Lacan, a estruturação do eu não corresponde a uma função de adaptação à realidade, é porque a identificação mental é uma forma constitutiva do conhecimento. Pela primeira vez, a visão do corpo inteiro no espelho desperta manifestações de júbilo na criança, que, imediatamente, olha para o adulto para encontrar, no olhar do outro, a confirmação do que vê no espelho, que passa a ser admirado por ela como seu eu ideal.

No espelho, o nascimento do eu é confundido com a constituição da imagem do corpo próprio, no mesmo momento em que a imagem no espelho é apreendida como objeto. Nessa relação inaugural com o Outro, o homem investe o objeto por meio de sua imagem especular, e esse olhar de totalidade lhe dá uma forma ao corpo próprio. O Estádio do Espelho de Lacan é o precursor da dialética da alienação do sujeito no eu. O sujeito jamais se assemelha a si mesmo, a não ser sob a forma do seu eu, rigorosamente dependente do outro especular, que constitui sua identidade. Em função disso, a relação que o sujeito estabelece consigo mesmo e com os outros (seus objetos) permanece sempre mediada pelo eixo Imaginário.

Desse modo, a partir da relação que o sujeito institui consigo mesmo como um outro, na perspectiva de alteridade, que se deve buscar o seu estatuto de sujeito social: "[...] esse momento em que se conclui o Estádio do Espelho inaugura, pela identificação com a imago do semelhante e pelo drama do ciúme primordial (...), a dialética que desde então liga o Eu a situações socialmente elaboradas" (LACAN, 1998, p.33), de um modo em que o exterior não está lá fora, mas no interior do sujeito: o outro está nele. O Outro, na sua dimensão de alteridade inteiramente remetida ao Simbólico e à linguagem, surge aí para convocar o sujeito a se inserir em seus sistemas significantes, como forma de organizar uma representação do que a imagem lhe apresenta.

Na definição de Lacan, o Outro funciona como um "escudo narcísico" que separa o sujeito - ser de imagens e símbolos – do real, para sempre, mas é também a estrutura que implanta nele "seu pequeno outro" (LACAN, 1998, p. 34). É exatamente por esse acesso ao Simbólico que se organiza uma recaída do sujeito no Imaginário, culminando

no advento do eu. O Eu não pode existir sem o símbolo, ou seja, sem uma referência ao Outro, e, reciprocamente, quer se trate de seu corpo, do seu desejo ou dos objetos do seu desejo. Um desenredo do eu, sintoma irreduzível, e do símbolo poderia remeter à desagregação humana, como na psicose.

A esse respeito, Greco (2011, p. 3-5) diz que a forma do eu é uma miragem: sem ser constituída, antagonicamente, é constituinte. Constituinte e alienante – tomando, como Lacan, em sua acepção primária de outro –, na medida em que se a relação do sujeito com seu eu está, necessária e especularmente, na dependência do outro, e vice-versa – o que o mantém no campo da linguagem –, por isso mesmo, essa alienação subjetiva o introduz numa ficção que o torna prisioneiro, em termos de comunicação.

Acreditando falar a um Outro verdadeiro, o sujeito fala, reflexivamente, a seu próprio eu, num eixo imaginário ego/alterego, porque ele não conhece o Outro como tal – nem poderia, pois, como afirma Lacan, "[...] é essencialmente essa incógnita na alteridade do Outro que caracteriza a ligação da palavra no nível em que é falada ao outro" (LACAN, 1998, p. 35). O espelho é, portanto, o ponto de partida da subjetividade humana, já que a imagem do corpo próprio é uma espécie de “matriz simbólica” do sujeito, símbolo de sua presença no mundo. Nesse instante de ver, a presença do Outro vem marcar indelevelmente o sujeito pelo significante, descorporificando o eu –, que entra no discurso como forma de dar substância ao sujeito – ou Eu.

CAPÍTULO 3 – CONSTRUÇÃO DO CORPUS

3. 1. YouTube: Broadcast yourself

Se, nas seções anteriores de nosso trabalho, buscamos caminhar por conceitos, noções e definições que nos ajudarão a orientar um olhar analítico, nesse momento buscaremos explicitar um pouco mais a respeito do site no qual se encontram as entrevistas com os moradores de rua, veiculadas pelo site *YouTube*.

O site *YouTube*³, criado em 2005, oportuniza a seus usuários o carregamento e compartilhamento de vídeos em formato digital. Hospeda uma gama de filmes, videoclipes e materiais caseiros. Por meio de seu mecanismo de busca, é possível que os vídeos sob seu domínio sejam armazenados em sites pessoais. Ressalta-se o caráter publicitário do *YouTube*, já que, segundo a revista americana *Times*, na edição de 13 de novembro de 2006, “ele cria uma nova forma para milhões de pessoas se entreterem, se educarem e se chocarem de uma maneira como nunca foi vista”.

Refletindo a respeito do nome do site por nós escolhido e já nos valendo de olhares discursivo-desconstrutivistas, *YouTube* deriva das combinações pronominal e verbal, nesse caso (youtube), a qual pode ser pensada como “você na televisão”; “você na tela” e “você televisa”. É também passível de discussão o próprio convite feito pelo site americano a partir dos dizeres no imperativo: “Broadcast yourself”, acepção que pode instaurar um duplo olhar para o conjunto verbo-pronominal. Assim, o verbo “broad(en)” pode remeter ao sentido de ampliar, sair de dentro (de), que seguido pela palavra “cast” instaura o sentido de formato/estrutura fechada em si, isto é, quebre suas próprias barreiras, seja você mesmo! A outra se ligaria a se transmitir, como se estivesse na TV.

Um dos motivos que orientaram nossa escolha pelo site está na tecnologia de reprodução por ele empregada, que preza pela qualidade de vídeo comparável a tecnologias já bem conhecidas e conceituadas no mercado de imagem e som.

Antes do lançamento do *YouTube*, em 2005, eram poucos os métodos simples e acessíveis a leigos em tecnologia que queriam colocar seus vídeos na Internet. Com sua interface de fácil uso, o *YouTube* possibilitou, segundo o próprio site, a “qualquer pessoa que usa computador a postagem na Internet de um vídeo que milhões de pessoas poderiam ver em poucos minutos” (YOUTUBE, 2016). A grande variedade de tópicos cobertos

³ www.youtube.com.br

pelo *YouTube* e a presença do botão compartilhar se tornou, com o passar do tempo, um dos mais frequentemente utilizados elementos da cultura da Internet.

Tannen e Trester (2013, p. ix) atestam que

[n]ossas vidas, de formas que só agora estamos começando a entender, são vividas e vivenciadas por meio das redes sociais digitais: Nós nos informamos pela Internet, lemos livros no Kindle⁴, encontramos velhos amigos no Facebook e novos amantes em aplicativos (OK Cupid e Match.com). Mantemos relações interpessoais no LinkedIn, criamos, filtramos e compartilhamos fotos no Instagram, nós twitamos, fazemos e desfazemos amigos, postamos e marcamos alguém em nossas postagens, curtimos postagens e, às vezes, até queremos “(des)ver” algo postado

Desse modo, as redes sociais digitais vêm permitindo que nossos corpos sejam nossas (ex)tensões de modo a permitir uma projeção do eu como nunca foi vista. Androusopoulos (2013, p. 47) reflete a respeito do site YouTube e define-o como “lugar virtual de cultura participativa”. O linguista alemão que pesquisa as novas formas de projeção do eu, em sites como o *YouTube*, diz que “[...] a cultura participativa é individualmente ou coletivamente a partir de um grau mínimo de exigências, ou meios acessíveis de participação” (ANDROUSOPOULOS, p. 48). Nessa direção, chamamos atenção ao fato de que o próprio site *YouTube* faz uso dessa premissa, já que, nos dizeres da política de privacidade, estão as palavras “[...] fácil acesso à comunidade e engajamento legitimado mesmo na periferia” (YOUTUBE, 2016).

É também importante darmos atenção ao fato que as entrevistas veiculadas pelo site *YouTube* são em sua maioria advindas de trabalhos de graduação nas áreas de jornalismo ou comunicação social, forte contraste entre o fácil acesso e engajamento emergentes no uso da plataforma como projeção do eu, mas, também, estabelece-se uma cristalização ou não da figura do morador de rua usualmente veiculada pelos discursos midiáticos em posições hegemônicas.

Assim, podemos compreender que a veiculação de vídeos nos quais pessoas em condições bem atípicas, comparadas aos sujeitos em situação e posições hegemônicas, podem ajudar na desconstrução do olhar que é lançado ao diferente na composição da sociedade. Androusopoulos (2013, p. 49), ao tratar especificamente da capacidade de desconstrução do *YouTube*, afirma que “[...] a cultura virtual participativa fomentada pela plataforma virtual mencionada enfraquece o poder das mídias em posições hegemônicas,

⁴ Para maiores detalhes, favor acessar <<<https://www.amazon.com.br/Kindle-contraste-bateria-leitura-reflexo/dp/B008AK6BIC>>>

uma vez que define o que é a realidade e verdade daqueles em posições subalternas”. Androutsopoulos (2013, p. 49) é incisivo ao dizer que

O YouTube é celebrado como o lugar da criação de diferentes linguagens na era digital, caracterizadas por práticas de apropriação e remix, Remix pode ser definido como a prática de tomar artefatos culturais, combinando-os e articulando-os em uma nova mistura cultural. Os sujeitos do YouTube podem ser vistos como operados intertextuais, uma vez que desconstróem olhares da/na cultura de forma global e local, sendo uma forma de se engajarem com novas práticas discursivas e resistirem a outras.

Sendo assim, outro motivo orientou nossa escolha pelas narrativas de vida emergentes no site *YouTube*, que se justifica pela configuração espiral que lembra sua essência e construção e é emergente nas páginas do site.

Cada página do *YouTube* consiste de um vídeo, das respostas e comentários do público que assistiu ao vídeo, e de um ambiente que, por gravar sua busca na página inicial do site, orienta suas escolhas de modo periférico.

Embora cada passagem de textos possa ser vista como uma unidade distinta, os vídeos e os comentários coexistem, de forma interdiscursiva, e inter-relacionados, na construção do sentido. Androutsopoulos (2010, p. 23) enfatiza que

[a] produção colaborativa e o aspecto visual do conteúdo do YouTube podem ser vistos como partes de um todo, receptáculos participativos que são multiautorais, multimodais e multimidiáticos, inerentemente dialógicos, dinamicamente expansivos e espirais. São multiautorais na medida em que vídeos, comentários e elementos circundantes são oriundos de diferentes sujeitos; são multimodais, uma vez que constituem e são constituídos por uma infinidade de elementos semióticos, e são multimidiáticos, pois possui uma estrutura audiovisual, que concatena linguagem fílmica e linguagem escrita ao mesmo tempo.

Cabe assinalar, neste contexto, que essa configuração de reunião de partes nos vídeos do youtube produzem uma ilusão de verdade transmitida pela ferramenta virtual de visualizações mencionada. Dessa forma, o recorte, a bricolagem de partes permite associar à TV onde também são retomados discursos enquanto outros são silenciados. A ficção do eu passa a ser camuflada porque é apresentada a partir de uma parte, de um redirecionamento que mostra, ao mesmo tempo em que oculta, signos, gestos e a ficção do eu, a partir da fala daquele que escapa de si e da intervenção exterior do lugar de recorte de sua fala.

3. 2 Aspectos metodológicos

Esta seção de nosso trabalho tem o objetivo de fazer emergir aproximações e distanciamentos entre os eixos que guiarão nosso percurso analítico. Posteriormente, evidenciaremos quais foram os eixos emergentes e como os fragmentos foram sendo organizados a partir desses eixos que, concomitantemente, foram de extrema importância no desenho deste trabalho.

Com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁵, podemos afirmar que as pessoas em situação de rua podem ser caracterizadas como um grupo populacional heterogêneo, composto por pessoas com diferentes realidades, mas que têm em comum a condição de pobreza absoluta, vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e falta de habitação convencional regular, sendo compelidos a utilizarem a rua como espaço de moradia e sustento, por contingência temporária ou de forma permanente. Pode-se afirmar que o surgimento da população em situação de rua é um dos reflexos da exclusão social que, a cada dia, atinge e prejudica uma quantidade maior de pessoas que não se enquadram no atual modelo econômico, o qual exige do trabalhador uma qualificação profissional, embora essa seja inacessível à maioria da população.

É inegável que, a cada ano, mais indivíduos utilizam as ruas como moradia, fato desencadeado em decorrência de vários fatores: ausência de vínculos familiares, desemprego, violência, perda da autoestima, alcoolismo, uso de drogas, doença mental, entre outros fatores. A ineficácia dessas políticas públicas fez com que, historicamente, se destacasse o trabalho das Organizações Não Governamentais (ONGs) e das instituições religiosas. No geral, essas instituições atuam na distribuição de alimentos, roupas e cobertores. Outro trabalho de assistência são os abrigos temporários e os albergues que, de modo geral, são considerados insuficientes para beneficiar toda essa população. Tais políticas, cujo objetivo é amparar as pessoas que delas necessitam, são insuficientes e geralmente não atacam a causa do problema, apenas tentam suprir as necessidades básicas de sobrevivência, como também não estão baseadas em um efetivo conhecimento acerca das demandas que norteiam esse contingente populacional. Portanto, esse desinteresse do Estado pelas pessoas que se encontram na referida situação influencia diretamente no comportamento social como um todo, sendo que os moradores de rua são tratados ora com compaixão, ora com repressão, preconceito, indiferença, desprezo e violência.

⁵ <http://www.ibge.com.br/home/>

Em relação ao percurso empreendido, podemos destacar que foi propositalmente escolhido a fim de que pudéssemos melhor situá-los entre noções, conceitos e teorias, com as quais este trabalho, a partir da perspectiva discursivo-desconstrutivista, que tensiona aproximações e distanciamentos filosóficos baseados nos estudos foucaultianos, derrideanos e lacanianos, dialogará.

Agora, caminharemos para o corpus desta pesquisa que foi transcrito a partir de entrevistas com moradores de rua⁶, veiculadas pelo site *YouTube*⁷.

Pensando a respeito do corpus, nem todas as entrevistas possibilitam flagrar a voz do entrevistador. Sendo assim, as perguntas feitas por ele não foram transcritas nos fragmentos apresentados. Aquelas que estavam audíveis foram anotadas ao longo do corpus transcrito e são trazidas nesta tese.

Outro fator a ser destacado a respeito das entrevistas diz respeito à idade dos entrevistados. Nem todos começam a narrar sobre si e enunciam quantos anos têm, embora seja recorrente informar aos entrevistadores aspectos temporais a respeito da estadia na rua. A partir do acesso à página do *YouTube*, na aba de busca, podemos selecionar e assistir diversos vídeos que são elencados por temáticas. Digitamos, então, o sintagma nominal “moradores de rua” e é aberta uma lista completa de remissões à temática. As cidades nas quais as entrevistas aconteceram variaram entre São Paulo, Campinas, Rio de Janeiro e Salvador. a idade, quando mencionada pelos entrevistados, varia entre 18 anos e 54 anos e a estadia nas ruas, de 3 anos a 20 anos.

O corpus de análise se voltou às falas dos entrevistados, uma vez que a fala transcende o sujeito, ou seja, o sujeito é falado pelos discursos aos quais se filia e é filiado. É sábio, entretanto, salientar que, a partir de uma perspectiva psicanalítica, o sujeito é cindido, descentrado, fragmentado, heterogêneo, perpassado pelo inconsciente, cujo dizer revela o não-controle absoluto dos desejos recônditos, que marcam a incompletude fundante do ser humano. Nesse caso, aproximando-nos dos moradores de rua e de seus dizeres, dir-se-á que o sujeito, ao dizer sobre si que mora na rua e sobre os outros que por

⁶ Ressalta-se que a emergência dessa discussão, conforme já dito anteriormente, tem uma motivação inicial, um tio, que deixou sua família, filhos e esposa, indo morar debaixo do viaduto da avenida Aquidabã, na cidade de Campinas. De 2007 a 2009, nos feriados e celebrações, tínhamos sua presença. Entretanto, o ano de 2010 foi bastante marcante na minha família, já que, depois de inúmeras procuras nos hospitais da cidade, o desaparecimento desse tio foi instaurado e as buscas cessaram. Sendo assim, comecei a procurar relatos de moradores de rua no *YouTube*, percebendo diferentes nuances nas entrevistas concedidas a estudantes de graduação, geralmente alunos de Comunicação Social/Serviço Social, que os entrevistavam.

⁷ Posteriormente, anexo ao trabalho, será entregue um DVD, no qual as entrevistas utilizadas poderão ser consultadas pelos interessados.

ela passam, significa. Sobre isso, Coracini (1999, p. 23) afirma que “[...] os discursos não estão no vácuo e os sujeitos que os enunciam são marcados ideológica e sócio historicamente; ideologia compreende aqui as maneiras de ver o mundo, maneira de ser, valores e crenças”.

Também lembramos que os recortes discursivos feitos buscam satisfazer os objetivos da pesquisa empreendida, portanto, embora sejam emergentes distanciamentos e aproximações ao corpus, a subjetividade do pesquisador se faz presente o tempo todo e não há como ser estanque e neutra. Dessa particularidade, Rosa (2013, p. 98) comenta que “[...] a transcrição das entrevistas, mais do que um gesto automático, mais do que um trabalho que poderia ser creditado a um outro, exterior à pesquisa, indicia uma opção teórica”. Ela ainda ressalta que

[a entrevista] [...] pode tentar recuperar a fluidez [ou as hesitações] da fala; pode permitir uma análise da língua enquanto sistema ou pode visar a uma aproximação à própria ideia de discurso. De uma maneira ou de outra, a transcrição já é uma interpretação.

Desse modo, a tarefa de transcrição que cabe ao pesquisador, de maneira alguma, é um simples deslocamento de um registro oral para o escrito, já que o que ocorre é que a escrita não é o retrato da fala, provocando deslocamentos na materialidade linguística emergente, exigindo um olhar mais atento de quem analisa, uma vez que tanto a língua escrita quanto a língua falada apresentam em seu interior tramas e opacidade inerentes. Assim, não se pode deixar de lado as considerações foucaultianas acerca dos documentos de análises como monumentos (FOUCAULT, 2007), a partir do momento em que os mesmos não se tornam tipos estáveis de enunciados ou portadores de verdades absolutas. As interpretações podem ser múltiplas e tomar o documento como monumento é movimento ético no sentido de percebê-lo como corpus multifacetado e repleto de possibilidades de análise. As que serão tecidas na presente tese, por exemplo, são algumas no campo de possibilidades que os vídeos de entrevistas utilizados podem fazer suscitar.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DO CORPUS

4. 1 Mo(vi)mentos: O morador de rua nas malhas do discurso no YouTube

Na seção anterior desta tese, procuramos explicitar como o nosso encontro com a plataforma *YouTube* se deu e o modo como as entrevistas foram dispostas.

Nesta seção, trilharemos as entrevistas coletadas, o que implica em nos debruçar sobre as nuances discursivas, a fim de pensar sobre as diferentes partes que compõem o todo discursivo.

Os subtemas de análise com os quais trabalharemos são: 1) O morador de rua a partir das representações de si 2) O outro sob o olhar do morador de rua e 3) O espaço-tempo e o poder nas relações dos moradores de rua. É importante apontar que estes eixos existem como uma forma de melhor organizar o percurso analítico, mas, de maneira alguma, estão fechados. Contrariamente, eles se tocam e isso pode ser percebido, já que o tratamento dado às temáticas é remissivo e acontece de forma espiral, como um contínuo que está o tempo todo começando e chegando ao fim.

Eixo 1 - O morador de rua a partir das representações de si

Observemos o recorte discursivo (1) do morador de rua (2):

RD1 – M2

[Entrevistador pede ao morador de rua que fale um pouco dele]
 Eu sou carlos francisco da silva / eu cai nessa vida / porque infelizmente eu perdi minha família/ eu mandei minha esposa embora num momento de muita tristeza / aí / eu arrumei emprego/e tentei pegar minha esposa de volta / mas ela não voltou // eu ando por aí procurando meus filhos//eu posso pedir um prato de comida mas eu não achato ninguém/ peço comida/mas dinheiro não/ o meu fardo é pesado/ vim com duas malas grandes de são paulo à cidade de são josé dos campos a pé/ gastei quase dois ou três dias/ dormi no meio da estrada/ pedi caronas/ as pessoas que não me deram caronas não têm culpa/porque às vezes esses caminhoneiros dão caronas/e as pessoas assaltam eles//com a fé em meu Deus/vim a pé até são josé dos campos/estar na rua é uma situação difícil/ a gente anda/ convive ai nesse mundo/ às vezes dorme no chão/ antes eu tinha um rede/ eu chegava em qualquer lugar armava a rede e deitava/certo?/ já dormi no chão/ no chão puro/ no frio/ é verdade/ já dormi no chão encolhidinho sem

nada/ dormi no mato/ graças ao meu bom deus/num veio nenhuma cobra me atacar / porque às vezes é melhor dormir no mato do que na cidade/certo?/ porque/no mato/talvez/só um animal pode te pegar/ às vezes na rua vem um malvado/ vem um malvado faz uma malvadeza/ então eu acho que falta pro pessoal/ um pouco de amor a deus/ amar a deus é.../ amar a gente morador de rua /amar todo mundo/ nem todo mundo é igual/ temos de fazer como o mestre falou/ se uma pessoa não puder ajudar/ não precisa ofender a pessoa/chamar de vagabundo/ eu peço a deus que deus me dê uma paciência tipo uma igual a de jó/não me refiro à fé/ a fé eu tenho em deus/certo?/mas eu peço a ele que ele me dê/ que eu seja perseverante/ certo?/ que eu segure tudo isso daí/ e que eu ainda consiga ter fé em deus/ que não perca a fé em deus/porque o meu medo é perder a fé, tá?/ porque mal para ninguém eu não faço/certo? /não roubo/ não mato/ não ofendo/ às vezes se eu tiver um dinheiro eu dou

Pensando nas diferentes posições que os indivíduos podem assumir ao enunciar, também o saber se constitui nessas posições. É interessante observar que o morador de rua Carlos Francisco, neste recorte discursivo, instaura a vida nas ruas como estar numa situação desprivilegiada ou subalterna, uma vez que, inconscientemente, faz a locução verbal “cair nessa vida” aponta para o efeito de sentido de que, por estar em situação de rua, desceu níveis. A sequência discursiva apresentada anteriormente permite afirmar que a posição-sujeito assumida conduz ao ato de estagnação e à busca de preservação da esperança em dias melhores. A partir dessa fala, produzem-se sentidos que remetem a uma ordem do discurso excludente que relega o sujeito que fala a um lugar de subalternidade. A identidade de morador de rua se revela, portanto, através do olhar do outro que reflete e refrata o modo como ele se percebe enquanto sujeito subalterno.

O lugar específico que se situa a partir de um deslocamento e de uma separação (a ausência de uma família) mostra como o sujeito percebe a si enquanto sujeito faltante resultado de uma falta exterior que o constitui na trama de relações e vivências em que continuamente está situado na rua. O Outro pensando enquanto Outro mesmo e não como Mesmo é uma pressuposição que parte de uma diferencialidade radical, em que se reverberam singularidades que não se deixam engolir pelo Mesmo na regulação de representações de si.

O interesse da desconstrução, de sua força e seu desejo, se é que ela os tem, é uma certa experiência do impossível: quer dizer, do outro, a experiência do outro como invenção do impossível, em outros termos, como a única invenção possível (DERRIDA, 1987, p. 27)

Então, em Derrida (1987), o Outro não pode se submeter ao Mesmo assim como não há harmonização de sujeitos ou de uma comunidade homogênea. Sua defesa de uma “comunidade sem comunidade” (DERRIDA, 1987, p. 29) põe em xeque a noção de política identitária que encontra ecos na obra *O monolingüismo do outro* (DERRIDA, 1996). Quando o Nós se torna armadilha para reforçar o conceito de Mesmo, é aí que Derrida deposita suas desconfianças. Dessa forma, a alteridade de um morador de rua em relação aos outros reside na diferença que não reforça um grupo homogêneo de moradores de rua, mas liames, multifaces e a complexidade inerente de todo sujeito inconcluso, incompleto e atravessado pelo inconsciente. Por isso é tão importante destacar o movimento de separação de si para com os outros quando o sujeito da entrevista menciona que ele não assalta e que até doa dinheiro de vez em quando, características que ao invés de reforçar o Mesmo, produzem um efeito diferenciador, sem, contudo, tirá-lo da posição de morador de rua. Isso porque “[m]inha língua, a única que ouço falar e que me entendo ao falar é a língua do outro” (DERRIDA, 1991, p. 16). Atravessados que somos pelas palavras do outro, nossa língua não é nossa tampouco inteiramente nossas são as identificações que produzimos em relação ao mundo que nos cerca. Situados que estamos em um mundo de práticas e representações, a alteridade está presente em nós não apenas como ponto diferenciador entre nós e os outros, mas porque também não somos um bloco monolítico isento de nuances. Nosso corpo também é o corpo do outro, nosso olhar é o olhar do outro no sentido de que somos atravessados pela alteridade para enunciar. Para César Duque-Estrada (2002), o que chamamos de identidade se constitui a partir do abalo da identidade. Assim,

Neste sentido, aquilo que vem formar uma identidade é, ao mesmo tempo, aquilo que a desloca, que já a abala, já afrouxa os laços de sua própria coesão e, desse modo, não se pode pensar aqui nem em identidade [Uma identidade jamais é ‘recebida’ ou ‘alcançada’], nem em não-identidade, mas sim em um processo contínuo de expropriação, de ‘alienação sem alienação’, de uma ‘propriedade que jamais se perde nem se é e que jamais se reapropria’ e que Derrida chama de identificação. (DUQUE-ESTRADA, 2002, p.14-15)

Podemos perceber movimentos de identificação quando o morador de rua se aproxima de outros moradores discursivamente percebendo a si como morador a partir do lugar que (des)habita. No entanto, as identificações não implicam em uma identidade, mas na identificação com determinados traços do outro. Assim, ao mesmo tempo em que

se aproxima, ele também se distancia. Distanciando-se, a identificação se dá com o Outro, com uma alteridade fora das ruas que ele percebe como ideal, a partir da habitação de um lugar outro diferente daquele em que ele se encontra. Podemos também constatar que seu discurso é atravessado por vozes imperiosas que podem dizer respeito ao capitalismo, pois para ele só poderia estar ao lado da esposa ou ainda como disse “pegar a esposa de volta”, como se ela fosse algo que ele precisasse dominar, se tivesse emprego. Aqui, notamos que a família é objeto de cuidado apenas quando o homem consegue, de fato, exercer o papel que lhe é atribuído, isto é, o de chefe da família, aquele que manda. Esse lugar discursivo emerge a partir da inscrição do sujeito em uma formação discursiva patriarcal que remete a um lugar social e historicamente situado em que a mulher é percebida numa posição hierárquica inferior à do homem, lugar este que revela matrizes da desigualdade entre os sexos. Desse modo, o sujeito que fala se inscreve em determinada formação discursiva que permite que seja situado historicamente e, assim, a partir de sua voz, emite vozes de outros sujeitos, o que atesta a opacidade do sujeito permitindo antever que o discurso não é transparente, tampouco a linguagem.

Neste contexto, a mulher percebida como mercadoria que pode ser “resgatada” ou “pega”, caso o Senhor obtenha emprego remete a esta formação discursiva e reforça o discurso capitalista que quantifica e objetifica sujeitos a partir de um lugar que se desdobra a partir do reflexo da sociedade à sua volta: tal pensamento não é característico dos moradores de rua, pois pode ser reproduzido em outros ambientes. O jogo de identificações não é homogêneo, portanto, e isso não garante que todos os moradores de rua pensem da mesma forma atravessados que estão por um outro saber sobre a mulher.

Além disso, podemos observar como a esposa, ou mesmo a figura feminina, é colocada em segundo plano, como se esta fosse interdependente das ações masculinas, ou objeto do homem (“pegar de volta”). É como se houvesse uma voz emergente no dizer dele de que sua esposa estaria apenas sujeita a ele, se ele tivesse emprego, gerador, nesse caso, de bens materiais, como se o emprego instaurasse uma clausura incontestável na relação. Também, chamamos a atenção para o emprego verbal utilizado na fala do morador de rua ao se referir a “pedir comida, mas não achatar ninguém”, uma vez que a representação que emerge é a do morador de rua como pedinte, como alguém digno de olhares caridosos, como alguém próximo que precisa ser ajudado, mas, não obstante, como alguém que se torna inconveniente ou, como ele mesmo disse “alguém a ser nomeado de vagabundo”, uma vez que pede dinheiro. O ato de ser nomeado remete a uma instância identitária visto que a identidade é percebida a partir do olhar do outro e, a partir

disso, podemos mencionar que a sociedade hegemônica – constituída de transeuntes, por exemplo - percebe os moradores de rua como “vagabundos”.

Outro modo de dizer que materializa os discursos, neste caso, é o da religião. O emprego vocabular faz com que sua emergência seja pautada no discurso da fé. Um olhar mais detido e observamos uma representação do morador de rua como alguém que “carrega seus fardos pesados”, analogia que pode instaurar um paralelo à figura bíblica de Jó, homem íntegro, temente a Deus e reto. Ainda a esse respeito, a figura de Jó pode ser representada por ele, já que, atendo-nos às suas palavras, ele diz “não roubar”, “não fazer mal a ninguém” bem como “não matar”. Princípios religiosos que nos remetem a elementos presentes nos mandamentos oriundos do texto bíblico de Êxodo 20:13 – 15.

Mais uma vez, na esteira do discurso da fé, capturamos, em suas palavras, a materialização ou a presentificação da figura de Deus, já que, contrário ao uso comum – “graças a Deus”, ele emprega “graças ao meu Deus”. O uso do pronome possessivo, aí, instaura uma negação da existência de ser qualquer Deus, mas aquele que o tem acompanhado pelas peregrinações, portanto, o Deus que lhe pertence, que está com ele, que o acolhe (o seu Deus). Voltando-nos às palavras dele, notamos que esse participante de pesquisa não crê em qualquer deidade, o que pode ser materializado linguisticamente quando diz “graças ao meu bom Deus”.

Nota-se que, em seus dizeres, é emergente uma oposição entre aquilo que caracteriza a moradia nas ruas e seu morador e aquele que não está em situação de rua. Exemplo disso está na referência à falta de amor, quando ele diz “falta pro pessoal um pouco de amor”, merecendo nossa atenção, uma vez que institui e generaliza o comportamento daqueles que se dizem fiéis e tementes a Deus, como tendo como mandado maior o amor. Interessante se torna o uso que ele faz do pronome indefinido “todo mundo”, emprego que ao mesmo tempo totaliza e distingue a oposição que ele mesmo demarca em seu discurso – “amar a gente morador de rua” contraposto a “nem todo mundo é igual”.

Retomamos aqui o emprego, conforme já citado inicialmente, do “cair nessa vida”, o qual pode ser relacionado a “nem todo mundo é igual”, contando que a representação do morador por ele mesmo é do diferente, aquele que instaura a oposição. A representação de si parte do tensionamento entre reconhecer-se morador de rua e afastar-se dos estereótipos relegados a este lugar provindos dos que não estão na rua. O uso da expressão “a gente” remete a uma tentativa de identificação com o coletivo que faz com que aquele que fala de si produza-se um dizer filiando-se num espaço de

coletividade. Assim, o jogo de identificações permite resgatar não uma identidade centrada sobre si, fechada como um bloco monolítico homogêneo, mas permite resgatar um indivíduo que ocupa uma posição em meio a um lugar específico social e historicamente situado para então enunciar. As diferenças e aproximações com a alteridade (em si, no Outro) produzem identificações e singularidades que pontuam a diferença não como a repetição do mesmo ou uma oposição que se justapõe dicotomicamente, mas na produção de uma alteridade que não cessa de se reconstruir.

É, similarmente, trazido à baila a representação do morador de rua como a do sujeito que persevera, característica que pode ser materializada em sua fala quando diz que “eu segure tudo isso aí”, o que remete às dificuldades extremas daqueles que se situam no mesmo espaço de (sobre)vivência que ele. O sujeito discursivo, cindido, atravessado pelo inconsciente permite perceber que, como já foi situado, em sua fala há um atravessamento de vozes e isso aponta para um corpo que se torna memória, como um arquivo de experiências vividas na carne que se confunde com a profusão de vidas infames de outros sujeitos que partilham o mesmo espaço. A somatização dos traços do sofrimento dos infames, neste caso, revela um corpo que está em busca de esperanças para seguir adiante; revela, ainda, outro tipo de somatização: de uma invisibilidade que se faz visível através da presença desses sujeitos que se afastam da ordem do discurso hegemônico, que apregoa que todos devem ter um lar. Esses elementos constituem o retrato dos outros sobre si e o modo como tecem representações subjetivas de si.

Por último, mas sem querer esgotar os elementos que possibilitam o percurso analítico, pensaremos acerca da frase “às vezes se eu tiver um dinheiro eu dou”. Sobre isso, compreendemos que o sujeito de bem, embora esteja na rua, é aquele que não faz o mal e até tem um prisma comportamental regido pelas ações que podem constituí-lo como sujeito do bem – dar dinheiro aos pedintes que estão na rua – processo pelo qual ele amortece as ações da rua como se não fosse um dos moradores ao se igualar por fazer as mesmas coisas que uma pessoa que não está na rua faria. A forma como se dá a regulação de ações de conduta também é perpassada pela visão coletiva que os outros têm de si. Isso faz com que os sujeitos infames, marcados pela repugnância coletiva que se instaura sobre eles, situem sua conduta inscrevendo-se em práticas que possam produzir representações positivas sobre si, seja de si consigo mesmo ou dos outros em relação a si. Assim, a generosidade que esperam dos outros manifesta-se a partir de atitudes e práticas inscritas em formações discursivas histórica e socialmente instauradas.

Demos atenção ao recorte discursivo (2) do morador de rua (4):

RD2 – M4

[Entrevistador pede que o morador fale um pouco de sua experiência de estar na rua]

meu nome é igor/estou na rua há mais ou menos 5 ou 6 anos/ vim morar na rua/assim/por influência de amigos/ comecei a usar maconha/ é o começo de tudo/né?/ assim/chegou um certo dia que a gente não pode pagar o quanto fuma/certo?/ a gente faz um encontro/ só que nesse dia/a gente não fumou a maconha/ chegou um cara do nada/e tinha maconha com crack/que é o famoso mesclado/ e/nessa fui lá/e experimentei

Igor, ao falar de si, traça para si a representação de um morador de rua como alguém suscetível e vulnerável. Essa faceta está presente em seu dizer, quando ele diz: “vim morar na rua por influência” [...]. Desse modo, há intervenção de um outro, nesse caso, amigos, para a efetivação da morada na rua. Instaura-se, então, se assim pudéssemos chamar, uma irmandade da rua.

Observa-se que, no fio de seu discurso, há delações a respeito da vida na rua, as quais podem ser materializadas linguisticamente, quando se empregam as palavras “um certo dia a gente não pode pagar o quanto fuma, certo?”. Sobre essa passagem, podemos observar que, mesmo estando na rua, obedecem-se a regras; nesse caso, existe uma que diz respeito à droga – “Só fuma droga quem tem dinheiro para pagar”. Assim, desconstrói-se o dizer que, na rua, quem aí está é livre, para, então, compreendermos que, na rua, a liberdade é aparente e, muitas vezes, ilusória, pois há regras que lhes são impostas, das quais não se consegue fugir, embora a luta seja incessante. Digno de nota também em seu dizer é o uso de operadores conversacionais, tais, como, por exemplo, “né?” e “certo?”, os quais buscam a anuência de quem o escuta como se ele procurasse de alguma forma instaurar uma cena e quisesse dela fazer emergir argumentos que pudessem respaldar seu dizer como verdadeiro.

Aqui, também, chamou nossa atenção o modo como ele, ao falar do outro, instaura uma questão bastante pertinente à discussão: a visibilidade e invisibilidade desse outro. Percebe-se que a distribuição de droga é um exercício muitas vezes velado e apagado. Materializamos essa particularidade, no seu dizer, por evidenciar que “chegou um cara do nada”. O emprego vocabular “um cara do nada” torna-se interessante à análise, já que a rua é um espaço que está sempre permeado de muitos transeuntes - o que é esperado - mas institui-se também sua surpresa, uma vez que ele diz ter sido do nada, como se a rua fosse o lugar de ninguém, do não pertencimento. Desse modo, a rua é construída como o

lugar das incertezas; nunca se sabe quem o vai abordar e o que de diferente esse “cara” traz.

Por fim, o emprego vocabular, em torno da categoria pronominal “a gente” torna-se interessante, porque pode produzir um efeito de união de pessoas, mas, aqui, institui-se um olhar discursivo a respeito da irmandade na rua, nunca está só, quer seja pelos olhares dos que passam ou pelos olhos dos companheiros na calada da noite.

Agora, passaremos ao recorte discursivo (3) do morador de rua (5):

RD3 – M5

[Entrevistadora pergunta como o morador foi parar ali]
aí meu nome é andré/ meu vulgo é cigano aqui na rua/ moro na rua há 5 anos/ vim morar na rua até o momento que minha tia me abandonou eu tinha 16 anos de idade/ ah/meu/ perdi minha mãe com 7 anos de idade/né?/ isso não vem ao caso/mas/mais ou menos/ se for entender/ meu pai matou minha mãe junto com meu tio/ meu tio morreu preso com dois tiros no ombro depois de um mês.

André instaura para si a representação de um sujeito sem lugar fixo para morar ao dizer “meu vulgo é cigano”. Torna-se importante que pensemos a respeito dos elementos que dessa fala emergem. Primeiro, chamamos a atenção ao uso da palavra “vulgo”⁸, que, sobremaneira, na linguagem popular, pode ser “vulgarmente”, “na língua vulgar/corrente”. Entretanto, uma pesquisa mais detida a respeito do termo, pode-se encontrar uma oposição das raízes do latim entre *vulgo* (vulgarmente/na língua vulgar) e *vulgus* (o mesmo que ralé), dicotomia que pode trazer à tona um olhar diferente, isto é, a representação do morador de rua seria o de pertencente a uma classe subalterna, elemento interessante, já que é distintivo nas múltiplas esferas sociais.

Seguindo, nota-se que o uso do nome próprio por esse morador de rua, nesse caso, cria um efeito dicotômico, como se fora desse espaço, as pessoas só o conhecessem como André e nas ruas ele fosse, então, nomeado de cigano, fazendo emergir uma explicação que pode ser associada às rotas de fuga, conforme proposto por Deleuze e Guattari.

Outro aspecto relevante e que vale ser trazido à atenção está na forma como ele se diz e diz em relação à sua própria história quando afirma: “isso não vem ao caso, mas, mais ou menos assim”. Seria dizer, então, que André busca em seus dizeres uma justificativa que enverede pela verdade dos fatos: ser abandonado pela tia aos 14 anos e

⁸ A esse respeito, queira verificar <http://www.aulete.com.br/vulgo>

ter tido a mãe morta pelo próprio pai, com a ajuda de um tio deixa marcas em sua subjetividade que leva a um efeito de desamparo. O sujeito resiste ao não querer falar do assunto e aquilo que recalca é justamente o que lhe dói na alma. Daí a aparente assepsia ao falar do assunto pode remeter a uma naturalização do acontecimento que se banaliza através da fala.

Vejamos o recorte discursivo (4) do morador de rua entrevistado (6):

RD4 – M6

[Entrevistadora pede ao morador que fale um pouco sobre si]
 eu sou Alessandro/42 anos/ex-agente de saúde/esse colchão e uma peça de roupa é tudo que tenho/decidi vir morar na rua por ter me separado de minha mulher/e deixei três filhos para trás/na casa da minha mãe/ não estava dando certo/tenho um irmão que é militar/e a gente não se dá bem/para não ter briga/para não magoar mais minha mãe/ eu fiquei na rua/na rua eu consigo sobreviver sozinho/mas eu quero sair da rua/quero que meus filhos tenham orgulho de mim/quero que eles digam/meu pai reagiu/meu pai reagiu de novo/de novo

Para Alessandro, a vida pode ser estabelecida entre âncoras temporais entre o agora e o antes, quiçá entre os tempos do presente e do passado. Primeiramente, ele se intitula ex-agente de saúde. O uso dessa partícula diante de sua profissão faz emergir um efeito, o qual faz um novo eu ser reconfigurado e que pode ser associado à vivência e experiência cotidiana da rua.

Pensando a respeito de chuvas intensas, a separação dele é um marco, já que o fez deixar para trás seus filhos. Interessante é o uso vocabular ao se referir a si, quando diz “quero que meus filhos tenham orgulho de mim/quero que eles digam, meu pai reagiu, meu pai reagiu de novo”, uma vez que a vida na rua é vista como uma instância impactante que se instala no corpo e deixa sequelas ao forçar sua saída. O verbo reagir produz um efeito associado à ação do sujeito em meio a dificuldades e pode ser então associado à saída das ruas, como se ele fosse partícipe de uma competição ou precisasse se ver livre dessa situação.

Chamou a nossa atenção também a referência à rua como passagem de sobrevivência, visto que, ao empregar “na rua eu consigo sobreviver”, o uso que faz do verbo “sobreviver” permite perceber a produção de um sentido de ultrapassagem, como se ficar na rua fosse uma sobrevida, algo além de sua existência carnal. Dessa forma, tornar a vida uma competição por causa do enfrentamento de obstáculos que permitem ao sujeito “vencer na vida” ou mudar de estágio no qual se encontra para outro estágio menos

difícil remete a um discurso de competição no qual advém a fala do sujeito que se subjetiva em relação ao que espera de si a partir do olhar do outro sobre si. Ao sujeito que falha, que falta, que é atravessado pelo inconsciente, resta a opacidade da linguagem que revela que este não é fonte de seu dizer, mas que seu dizer se inscreve em uma conjuntura social e historicamente específica.

A seguir, traremos o recorte discursivo (5) do morador de rua Alex (7):

RD5 – M7

meu nome é alex/ e fui morar na rua por conta das drogas/ mas diria que o problema chave que me levou às ruas foi eu querer ter liberdade/ eu querer conhecer o mundo/ e também/por ser uma pessoa sapeca/ uma pessoa mais solta na minha família/ então sempre se criou uma rede de me proteger/ de me vigiar/eu não tinha espaço/ meu lugar/sabe?/ e eu nordestino sempre tive aquele sonho de vir para são paulo/ talvez não fosse apenas um sonho/mas uma vontade de sair/de conhecer novos lugares/até então nunca tinha saído do estado/morava em salvador/ e então quis sair/conhecer/com 14 anos eu sai de verdade/ embora durante minha infância/ sempre dava umas saidinhas/passava uns três ou quatro dias fora/mas voltava/ dormia à beira-mar/em canoas/em barracas

É interessante perceber que o percurso discursivo que Alex constroi ao longo da entrevista concedida institui polaridades que fazem emergir avessos.

Observamos que a rua se caracteriza pela liberdade, fator que pode ser materializado em sua fala pelas palavras [...] “diria que problema chave que me levou às ruas foi eu querer liberdade”. Chamamos atenção para o uso do substantivo “chave”, já que faz emergir o efeito de ter sido a porta de entrada, além disso é fundante um marco temporal entre um antes e o agora, elementos importantes à nossa análise, já que procuram instaurar uma representação do espaço-tempo da rua. É também de nosso interesse destacar que essa suposta porta, por assim dizer, de alguma forma, é acompanhada pela droga que é a via de acesso à desejada liberdade. Aqui, é importante ao percurso analítico que destaquemos que, diferentemente de outros entrevistados, Alex informa que a busca pela liberdade coexiste com a busca pela droga; entretanto, estar livre das amarras sociais que o lar e seus membros impõem acaba por ser o vetor principal de força que o levou às ruas.

Voltemos nossa atenção para os adjetivos que são empregados a fim de caracterizar a si próprio. Ao falar de si, ele usa o termo “sapeca”, “uma pessoa mais solta na minha família”, elementos que tornam possível a emergência de um sujeito que clama

por liberdade, clamor que pode ser flagrado a partir das palavras que descrevem ações familiares “[...] então sempre se criou uma rede de me proteger, de me vigiar. Eu não tinha espaço, meu lugar, sabe?” Ser protegido, como se ele estivesse envolvido por uma rede, ser vigiado constituem atitudes familiares que o entrevistado justifica por sua “sapequice”, uma espécie de rebeldia, de não aceitação das regras.

Ainda, depreendemos, a partir dos dizeres “Eu não tinha espaço, meu lugar, sabe?”, que, para Alex, a casa, ao contrário da visão de muitos, não era o lugar que inspirava sossego e calma. Por assim dizer, toda essa rede que foi criada com o objetivo de vigiá-lo impulsionou-o à busca pela ilusória liberdade, uma vez que, na rua, as relações também são pautadas em jogos de poder e de influência.

Inclusive, torna-se significativo que discutamos o uso da partícula “sabe” ao final de sua fala, uma vez que este uso funda um efeito de busca de anuência por parte de quem o escuta, como se fosse possível obter uma faceta que pudesse, então, justificar a sua estadia ou opção pela morada nas ruas. Trazemos à atenção a forma como ele caracteriza o processo de desterritorialização do seu antigo lar para, concomitantemente, reterritorializar-se no espaço da rua.

Pensemos, primeiro, que ele move e é movido por forças centrípetas e centrífugas que o fazem caracterizar o espaço da casa que ocupava como o não-lugar, isto é, destituem-se do ambiente do lar elementos que serviam para assinalá-lo como o lugar da proteção e da vigília, para, então, atribuir à rua traços da ausência de ações coercitivas que buscavam enquadrá-lo num ambiente pautado por regras pertinentes aos fios ideológicos caracterizantes do seio familiar.

Digno de nota é, igualmente, o percurso desterritorializante que este morador empreende acerca da cidade de São Paulo, iniciando-se quando ele diz: “Eu nordestino sempre tive aquele sonho de vir para São Paulo”, já que retoma em seu discurso o conjunto de representações que povoa, geralmente, a memória de migrantes das regiões norte e nordeste a respeito das riquezas e oportunidades de trabalho que este estado-cidade, São Paulo, pode trazer para a vida daqueles que aqui chegam.

Para fecharmos, por ora, a representação desse morador de rua, elencaríamos a figura do desbravador que, independentemente do lugar onde dormirá, deixa o seio familiar e assume para si um novo feixe identitário na busca pela suposta liberdade, mas se esquece que a rua se pauta em regras erigidas por aqueles que ocupam o espaço da rua por mais tempo. Relações de poder são, assim, instauradas pela experiência de rua.

Dando continuidade ao percurso, vejamos o recorte discursivo (6) do morador de rua (8):

RD6 – M8

[Entrevistadora pergunta como ele lida com os nomes que recebe]
as nomeações/eu sempre recebi com muita naturalidade /e tranquilidade/eu sempre tive uma opinião muito crítica sobre todo esse sistema//eu sou filho de um agricultor analfabeto muito explorado por toda a vida/ meeiro de café no paraná/que com a chegada do agronegócio / o café acaba/ e meu pai  expulso do campo/como todos os outros lavradores/essa coisa sempre bateu muito forte/sempr e tive consciência de que/aquele caminho trilhado pelo meu pai era o correto/porque era um homem digno/honesto/e trabalhador/n?/mas/por outro lado/era uma pessoa extremamente explorada/ então essa coisa do malandro/ do não sei o que / já me batia como alguém que me dizia que todo mundo que não queria trabalhar/ que não queria um trabalho braçal /era malandro/ como uma forma estratégica de fazer com que todo mundo trabalhasse para o capita l /trabalhasse para que alguém enriquecesse/então/nunca me caiu como algo pejorativo isso não/muitas vezes até tomei como elogio/ estudei até a 4 série/hoje o ensino fundamental/mas acho que a gente divide conhecimento.

Chama nossa atenção o fato de esse morador de rua não achar que os termos usados para nome-lo diante de sua condição de moradia na rua sejam pejorativos, uma vez que ele diz tom-los “até como elogio”, visto que estudou até a 4 série. Este efeito de tomar como elogio algo que pode ser percebido de forma pejorativa pode apontar para um espaço de resistência do sujeito em relação à forma como as palavras e as coisas se relacionam socialmente. É preciso atentar para a expressão “muitas vezes” relacionada ao ato de tomar como elogio que permite perceber que nem sempre houve tal ação, o que remete a um lugar de resistência: tomar como elogio, portanto, não  ao uniforme em relação às circunstâncias mencionadas; logo, nem sempre houve tal reação.

Podemos também apreender, a partir da materialidade linguística, a figura paterna que é tratada como “homem correto, honesto, digno e trabalhador”. Dessa forma, é interessante o modo como este morador de rua estabelece o seu outro, neste caso, calcado na figura paterna, uma vez que pode ser evidenciado em seus dizeres a busca por ser igual ao pai e sua possível frustração em não conseguir alcançar tal feito.

Compreendendo a forma como este morador de rua estabelece o seu próprio juízo de valor a respeito de sua condição de moradia na rua, destacamos ainda um fator que vem a desconstruir a figura desse sujeito em situação de rua, já que sabemos que a estadia

e moradia nas ruas é decorrente de diversos desdobramentos psicossociais das muitas esferas da sociedade.

Desse modo, flagra-se em seus dizeres a ilusão de um sujeito que pensa ser fonte de seu dizer. Por sua vez, revela uma contradição desse sujeito (tomar ofensa como elogio, por exemplo, e preservar a criticidade acerca do sistema): “eu sempre tive uma opinião muito crítica sobre todo esse sistema”. Essa particularidade emergente em seu dizer pode vir a ser atrelada a uma outra que vem à tona quando ele diz: “Sempre tive consciência de que aquele caminho trilhado pelo meu pai era o correto, porque era um homem digno, honesto e trabalhador, né?”, percebe-se que a memória discursiva que engendra os dizeres desse sujeito que (des)habita a rua em específico é a de que só se exerce cidadania a partir de prismas que imperem e façam funcionar comportamentos de dignidade e honestidade, fatores a serem enobrecidos apenas pelo trabalho. Assim, pode ser percebida a presença de representações tradicionais do que seja um homem bom, honesto... na sociedade brasileira, sobretudo no campo e nas camadas mais humildes da população, inserida no discurso religioso e, portanto, moral.

Por fim, torna-se emergente em seus dizeres um conjunto de representações acerca da figura do malandro que, segundo ele, vai tangenciando aqueles que, por algum motivo, não aceitam trabalhos braçais. É importante desconstruir aqui o efeito que é estabelecido e que bordeja o que ser malandro na sociedade pode ser, já que sabemos que muitas vezes quem não tem trabalho formal também é chamado de malandro.

Além disso, é indispensável que pensemos como o oposto, neste caso, a figura paterna, colocada como polaridade à figura do malandro. Embora o pai tenha sido analfabeto, o fato de ele ter trabalhado, sido honesto e digno fazem com que a representação de si desse morador de rua seja a do malandro, porque silencia e engessa as ações dele como se fossem passíveis de uma não mudança bem como impõe ao papel do morador de rua uma possível estadia contínua ao morar nas ruas. Por outro lado, para explicar a utilização do termo malandro pode-se acentuar que tal palavra carrega também a idéia de alguém que não aceita as regras da sociedade vigente, que, à sua maneira, resiste ao que é valorizado por ela – uma espécie de rebeldia! Daí ele não se ofender com esse termo, que também produz o efeito de sentido de esperteza.

Neste momento, observaremos o recorte discursivo (7) do morador de rua Marcos (9):

eu sou marcos antônio da silva/tenho 54 anos/eu fico aqui/ nesse abandonozinho/ esse quartinho aqui [apontando para uma caixa de papelão]/esse aqui é meu lar/essa que é minha casa/ é o meu chinelo/ é a minha roupa/tudo isso aqui/ é o meu biscoito/ é o meu cafezinho / sou pedreiro civil /pedreiro de acabamento /eletricista/ carpinteiro/ amador / confeitiro/ mas é o seguinte depois que peguei meus 40 anos/não tem emprego

Percebemos que, para esse morador de rua, a representação emergente é a de abandonado, uma vez que institui a rua, encarada por muitos apenas como lugar de passagem, como sua casa; além disso, compreende-se que contradizendo uma visão cartesiana, esse morador de rua coloca-nos numa posição dual, já que, para ele, a caixa de papelão é a casa, o que estilhaça a memória social de que a rua é apenas e unicamente lugar de passagem. Chamamos a atenção, desse modo, para a forma como ele busca se justificar por estar na rua. Ele faz isso recorrendo novamente a categorias do universo do trabalho que pudessem colocá-lo numa posição diferente da atual que é a de morador de rua, efeitos de sentido podem ser capturados também, já que ele não diz “eu não consigo emprego”, “não tem emprego”, como se a lei da oferta e da procura não dependesse única e exclusivamente dele.

Vejamos a seguir o recorte discursivo (8) de um morador de rua (15):

RD8 – M15

eu sei o que é a rua / a rua é sofrimento / na rua / ninguém é de ninguém / viver na rua é ser empurrado / é ser chibateado [apontando para erupções cutâneas/isso é o álcool / não tô mais resistindo

Para esse morador de rua, a representação de si emergente é daquele que, para estar na rua, precisa se submeter a leis contraditórias, uma vez que, em suas palavras, “ninguém é de ninguém”⁹, visto que a especificidade das leis da rua regem um campo específico de desdobramentos e de abrangência: não há proteção exterior que impeça que sejam molestados, por exemplo. É interessante chamarmos atenção para o uso do pronome indefinido ninguém, já que ele instaura uma categoria espacial flexível e não capturável. Assim sendo, se ninguém é de ninguém, o lugar no qual os moradores de rua estabelecem para si e fazem para si morada também pode ser o lugar de apagamento e do

⁹ Ecoa também uma canção antiga, cantada por Cauby Peixoto (Composição de Umberto Silva, Toso Gomes e Luiz Mergulhão **Ninguém é de ninguém Na vida tudo passa**)

silenciamento, elemento passível de análise, pois joga com a polaridade – “A rua é de alguém” e “A rua é de ninguém”. Pensemos nessa direção e recorramos aos dizeres dele nos quais emerge um saber próprio da rua que revela certo empoderamento nesse dizer (poder-saber) frente ao entrevistador materializado em suas palavras “eu sei o que é a rua”. Além disso, estar em situação de rua instaura um conjunto de representações do morador de rua como aquele que resiste, aquele vai contra a ordem, quer seja aquela que dita regras de como devemos ocupar espaços ou aquela que povoa o imaginário social de que apenas se pode morar em lugares já cristalizados e há muito tempo já estabelecidos como lar, quer ela seja lugar de fuga, de trajeto, de quebrada e da flexibilidade possível na/da vida humana.

Sigamos agora para o recorte discursivo (9) do morador de rua (17)

RD9 – M17

busco por um trabalho/sem ser explorado/sem ser explorado entre aspas/sem ser muito explorado/até sendo catador/porque aí ganho a minha renda/faria meu trabalho/e/na maioria das vezes/não teria ninguém para estar me mandando/nem me humilhando/porque quando um morador de rua chega para trabalhar/ só pelo fato de ser morador de rua/acho que as pessoas já têm aquele estigma/ querem que eu seja melhor do que o outro/ porque por exemplo se eu carrego um copo/ e o copo cair/ se o meu copo cair/é porque sou morador de rua

O dizer deste morador de rua é atravessado por múltiplas vozes que ora se contradizem ora se complementam. Pensemos a esse respeito, primeiramente, na denúncia que emerge em seu dizer. Este fator pode ser relacionado à representação que visa escapar ao logro alheio, instância que pode ser materializada em suas palavras “Busco por um trabalho sem ser explorado, sem ser explorado entre aspas”. Ter ele recorrido ao adjunto adverbial “entre aspas”, sem sombra de dúvida, faz emergir uma voz que instaura a premissa de que sempre haverá alguém que quer tirar vantagem do empregado, e, a esse respeito, podemos problematizar como a modernidade e seus múltiplos tentáculos têm transformado o trabalhador em mercadoria, impondo-nos a lei da oferta e da procura.

É também representativo nos dizeres desse morador de rua a recusa pela aceitação de ordens bem como a crítica à forma como age quem está em posição hierarquicamente superior e dá ordens. A hierarquização é emergente, o que pode ser observado em seu dizer: “[...]faria meu trabalho e, na maioria das vezes, não teria ninguém para estar me mandando nem me humilhando”. Ainda a respeito desse trecho, notamos que o que vem

a seguir instaura de modo gritante como ele se vê – o estigmatizado. Ele, de alguma forma, busca culpabilizar os outros que o estigmatizam, mas, buscando na materialidade linguística, observamos que, a partir dos olhos do outro, ele se constroi – “[...] querem que eu seja melhor do que o outro, porque, por exemplo, se eu carrego um copo, e o copo cair, se o meu copo cair, é porque sou morador de rua”. Desse trecho, conseguimos flagrar uma voz que do Outro que diz que ele precisa ser melhor. Essa contradição do sujeito remete ao olhar do outro sobre si, o que permite perceber a discriminação a que estão submetidos a partir do lugar que (des)habitam: moradores de ruas são percebidos pelos transeuntes como seres indesejáveis, invisíveis, cuja visibilidade incomoda, causa desconforto. Associados à falta de instrução, eles são percebidos como desordeiros frente à ordem social de uma cidade em que os habitantes prezam pela existência de um cenário limpo e também são excluídos por mendigarem, devido ao embriagamento de alguns, por vezes único modo de se anestesiarem de suas intempéries cotidianas.

Atentemos a esse recorte discursivo (10) do morador de rua (18):

RD10 – M18

a gente vai caminhando/e a nossa cabeça vai amadurecendo/você vai passar por muitas coisas para aprender a dar valor/e eu não dava valor/eu era muito bonito/tinha cabelo encaracolado até aqui/eu passei uma procuração para minha irmã de 6 casas/e ela não me deu nenhuma/é por isso que eu estou na rua/depois de todos esses problemas que eu tive/ninguém me deu a mão/pode perguntar por aqui/meu apelido é gracinha/procure saber quem é o gracinha/veja o que minha família fez comigo/acabei nessa cadeira de rodas porque bati o carro na lagoa rodrigo de freitas em 1992/oh moça/você não tem um trocadinho que possa me ajudar?/isso é solidariedade/roupa eu ganho/tudo eu ganho/as pessoas me amam/sabe?/você pode percorrer as regiões/aqui chamo as pessoas de pererequinhas/ as garotas/cocotinhas/ sabe?/ não quero falar das lembranças de família/ por favor/ mas tá bom / tenho uma filha/ela está em maracá/o nome dela é janaína/ e é enfermeira/sinto muita saudade dela/o nome da mãe dela é joveline/joveline barbosa/eu conheci a joveline/ela me roubou de uma namorada minha/a neusa/a gente teve uma relação/e nasceu a janaína/eu era muito... /como se dá o nome/eu era muito galinha/eu já fui flor do campo/agora eu sou tiririca do brejo/quando tiver tudo ruim para você/olha para trás/tem gente pior do que você

Esse morador de rua, na tentativa de não querer falar das lembranças do passado, instaura para si um percurso que vai desde o sujeito “bonito, com cabelo encaracolado”,

“flor do campo” ao oposto, como ele mesmo intitula “tiririca do brejo”. É interessante perceber que as marcas temporais estabelecem dicotomias corporais que se ligam ao vigor e à beleza e, inconscientemente, lançam-se para âncoras espaciais, já que “flor do campo” evoca um processo que demarca sua virilidade e proximidade das “cocotinhas”, isto é, meninas que se rendiam aos seus encantos. Contrário a essa perspectiva, já na cadeira de rodas, fator que também instaura uma posição-sujeito, que pode trazer aos seus dizeres um efeito de desesperança e resignação, percebemos que existe um esforço para silenciar e tamponar eventos que delatam seu estilo de vida desregrado e suas consequências. O fato de dizer “[...] não quero falar das lembranças de família, por favor” é relevante, já que sabemos que a família instaura espaço-tempo, pois remete ao seio e à organização familiar.

Também, nessa entrevista, conseguimos rastrear possíveis vozes que caracterizam o outro, polo oposto àquele ocupado pelo morador de rua. Diferentemente das vozes presentes em outras passagens de entrevistas, aqui, percebemos que o outro é caracterizado como alguém de bem, como alguém que presta ajuda.

Outrossim, notamos que os dizeres desse morador de rua são atravessados pela voz do discurso que constitui e faz constituir o de autoajuda, o que é possível perceber pelo uso da máxima (inscrevendo seu dizer em discursos do senso comum, portanto) que ele emprega ao terminar esse trecho que é “quando tiver tudo ruim para você, olha para trás, tem gente pior do que você”. Essa particularidade é, da mesma forma, apontada no início de sua entrevista, quando ele afirma que “[a] gente vai caminhando, e a nossa cabeça vai amadurecendo, você vai passar por muitas coisas para aprender a dar valor”.

Prossigamos ao recorte discursivo (11) do morador de rua (19)

RD11 – M19

deus tem me dado grandes livramentos/ele me livrou de muitas coisas/creio que seja deus/outra pessoa não existe/por deus/ele ainda tem misericórdia da gente/é como muitas pessoas falam/deus abomina o pecado/mas ele ama o pecador/tive uma vida difícil/perdi minha mãe/eu tinha de 3 para 4 anos de idade/e a gente era em 9 irmãos/e meu pai não teve condições de criar todo mundo/e aí/fui criado com uma tia aqui em são vicente / quando

bateu meus 14/15 anos/a gente começa com aquela época de bailinho/ né?/aquelas festas de modelos americanos / parties / aí fui me afundando/me afundando/aí eu peguei esse vício maldito/que foi o álcool/e de lá para cá/ eu tento parar/né?/muitas vezes quando eu entro em desespero/né?/quando eu fico meio chateado da vida/começo a beber/já não paro/não como/tem vezes que são 3 ou 4 dias que não boto nada de comida na boca/é só pinga/ pinga/aí vou parar no hospital/ a rua e o álcool transformam o ser humano em três bichos/o primeiro bicho é o leão/porque você bebe demais/você usa drogas/você se sente um leão/todo mundo que passa na sua frente/você quer dar porrada/RAWR/então você se sente um leão/no segundo bicho/você já sente como um macaco/sabe o porquê é o macaco?/porque você já não liga mais para banho/você já não toma banho/já não corta um cabelo/ você já não faz a barba/e você quando passa na rua passa fedendo/então já o segundo bicho você se transforma em um macaco/e no último bicho você se transforma em porco/que aí/para mim/já é o último estágio/e acontece o que?/você não vai chegar à casa de uma pessoa barbudo/ fedido/ e rasgado/ e pedir um prato de comida/o que cê vai fazer?/você vai nos lixos/abrir latão de lixo e pegar comida/o ser humano em si se transforma em três bichos/e uma/a gente deita em qualquer lugar porque se estiver alcoolizado e tiver uma marquise dessas/você dirá que está um apartamento/se estiver debaixo da ponte/dirá que está em um hotel 5 estrelas. Para suportar o frio da rua/você tem que estar alcoolizado ou muito drogado/mesmo que você esteja dormindo em cima de um papelão/ ou jornal.

Os dizeres desse morador de rua são atravessados por diversas vozes, fazendo emergir um conjunto de representações a respeito dele. Chamaremos atenção para algumas que se tornam mais evidentes ao lermos sua entrevista.

Em primeira instância, percebemos que a imagem que ele faz dele mesmo é a do sujeito de fé, isto é, aquele que, ao se subordinar à figura divina, faz-se dependente única e exclusivamente desse discurso religioso, atribuindo-lhe êxito em seus percalços e percursos pelas ruas. Assinalamos essa particularidade acerca do discurso religioso: em suas palavras, “Deus tem me dado grandes livramentos. Ele me livrou de muitas coisas. Creio que seja Deus. Outra pessoa não existe”.

É significativo que abordemos a forma como ele instaura a presença divina e faz dela seu aporte para seguir adiante. Inclusive, é de notável observância que ele anule a existência de outra entidade que o torne forte e vencedor, materializado este aspecto em seu dizer “outra pessoa não existe”; torna-se significativo que a categoria divina é colocada no mesmo nível de comparação que a categoria humana.

Pensando a respeito da figura divina, trazida à tona pelo morador de rua em seus dizeres, apontamos para a emergência da noção de interdiscursividade, a qual pode ser estabelecida a partir do texto bíblico de Pedro 3:18¹⁰ e o que esse sujeito diz sobre a figura divina. Essa relação torna-se possível, já que, para os cristãos, Cristo foi criado a fim de que padecesse pelos pecados humanos, fossem estes justos ou injustos, com o objetivo único e exclusivo de aproximá-los de Deus, redimindo, então, seus pecados. Essa faceta pode ser capturada nos dizeres desse morador, quando ele afirma que “Deus abomina o pecado, mas ele ama o pecador”.

Segundo o entrevistado, torna-se pertinente que pensemos como esse outro, nesse caso a figura divina. Primeiro, ele o trata como Deus da “misericórdia”, que “abomina o pecado” para, então, “amar o pecador”.

Continuando o nosso percurso pelo dizer desse morador, caminharemos para aspectos que anunciam a chegada às ruas. Embora ele faça uso do verbo “bater”, que, acompanhado de “14/15 anos”, indica quando completou essa idade ou por volta dessa idade, esse uso está destituído do sentido dicionaresco o que produz um efeito de sentido relevante à nossa análise, uma vez que o verbo “bater” traz à tona um possível momento de crise, por assim dizer; é como se a vida o tivesse apanhado, pego como despojo, novamente um deslocamento em direção ao campo discursivo bíblico, visto que, aos cristãos, os imprevistos sobrevêm a todos de modo instantâneo.

Significativo também é o uso recorrente que esse morador de rua faz de numerais, fator que traz aos seus dizeres um olhar característico e demarcante acerca de sua idade, do número de irmãos bem como o início do alcoolismo, instaurando para si um percurso de perda ou descontrole de sua própria vida. Chama nossa atenção que o emprego do verbo “afundar” institui esse descontrole, como se para ele não tivesse mais ar para respirar ou emergir à superfície. Pinçando essa perspectiva em seu dizer, apontamos “Aí fui me afundando, me afundando, aí eu peguei esse vício maldito, que foi o álcool”. O descontrole está, então, associado a um descarrilamento do sujeito em relação ao que espera de sua vida no sentido de resignar-se com sua situação. Dessa forma, sinalizamos que esse morador de rua é caracterizado pelo descontrole, uma vez que ele se diz “entrar em desespero”, encontrando no álcool uma forma de tamponar as chateações da vida.

Pertinente a esse caminho analítico empreendido, está o emprego do verbo “criar”. Nota-se que, ao falar da estrutura familiar, este morador de rua informa que o pai não teve

¹⁰ <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1pe/3>

condições de criá-lo; desse modo, uma tia o criou. Assim sendo, diante desse emprego vocabular, diante da utilização de tal verbo nesse contexto em que a criação remete a uma instância específica de relação com o outro que produz efeitos no comportamento do indivíduo. Assim, o sujeito tem a ilusão de que a criação remete ao início de uma desordem de vida na qual a forma como foi criado – não pelo pai – produz um efeito de causalidade em relação ao rumo que sua vida tomou posteriormente. Torna-se então possível traçarmos um paralelo que se lança aos dizeres dele, quando informa o poder do álcool em transformar o homem em três bichos/animais.

Traça-se uma analogia que se volta para a sua escolha vocabular, que, embora passível de deslocamentos nos aspectos semânticos, podem instaurar dicotomias e relações - “Ser criado por uma tia” bem como “ser cria/animal/bicho”.

Atrelado a essa animalização, compreendemos que as características de cada animal parecem ter sido vividas e são vivificadas nos dizeres dele que tão logo fazem emergir um conjunto de representações sobre si que são materializadas no corpo. Para ele, rua e bebida são vias que transformam o ser humano, animalizando-o. Essa animalização não pode passar despercebida como recurso do dizer. Derrida (2002) afirma que, sendo o animal privado de linguagem, de razão e emoções, os seres humanos se distinguem através do uso do verbo, da palavra, um tratamento de qualidade superior. Quando um ser humano não tem direito a nada, para Derrida (2002), ele então animaliza-se. É este o caso de moradores de rua.

Na sequência, a figura do leão é elencada como o primeiro na escala. Vale observar que essa escala é crescente no nível de envolvimento com o espaço da rua, mas, dicotomicamente decrescente, pois, quanto mais o tempo passa, mais morador de rua uma pessoa se torna, fator que pode ser atribuído ao último estágio que é ocupado pela figura do porco. É significativo, para o primeiro momento, o uso do sintagma verbal “você se sente como um leão”, uma vez que, impulsionado pela bebida, o morador de rua atribui a si poderes que são geralmente instituídos ao rei da selva, o que fica evidenciado em seu dizer: “todo mundo que passa na sua frente você quer dar porrada!”. Cabe, aqui, apontar que, ao se referir ao leão, esse morador de rua recorre à onomatopéia (RAWR!), com o objetivo de trazer ao seu dizer o efeito de sentido de como o leão expressa, de forma acústica, o seu poder.

O segundo animal que, segundo este morador de rua, define o processo de transformação causado pela rua e pela bebida é o macaco. Assinalamos que as referências a este animal fundam um *modus operandi* de hábitos e costumes, que, conhecidos em

nossa sociedade, apregoam à civilização comportamentos que estabelecem regras e padrões, punindo, de alguma forma, aqueles que não os seguem. O macaco é então referido porque está associado ao ato de dispensar hábitos de asseio: não mais se toma banho, nem se corta o cabelo, nem se faz a barba, acrescentando tais ações da consequência do mau odor. Tal animalização se refere a um distanciamento dos homens “com casa”, da sociedade que trabalha, vive e tem um teto para chamar de seu.

Por último, a referência feita é ao porco. É emergente o olhar do outro que tampona, silencia e faz o morador de rua se assemelhar ao porco, uma vez que, novamente, não está no *modus operandi* da limpeza e do asseio, benquistos por aqueles que se encontram em posições hegemônicas. É pertinente que abordemos que estar “fedido”, “rasgado” e “barbudo” são predicativos que instauram a condição de ser porco, uma vez que o morador de rua causaria vergonha, porque busca no lixo seu alimento.

Ainda uma vez torna-se interessante tratar da bebida como porto de passagem ou passaporte para as ruas, elemento que é mediador entre o corpo descontrolado, materializado em seu dizer que associa a embriaguez a um estado de ilusão necessária para a vida nas ruas, quando se imagina que qualquer marquise passa a ser um apartamento e uma ponte passa a ser um hotel 5 estrelas, por exemplo. Essa subjetivação aponta para a identificação com uma instância exterior que não diz respeito ao cotidiano dos moradores de rua: o ato de morar em apartamento ou frequentar hotéis de luxo é algo associado a devaneios, parte da ilusão necessária vivenciada por um sujeito que por vezes perde a esperança. Também parte do uso de uma ironia a partir da qual brinca com a situação de vulnerabilidade em que se encontra.

Eixo 2 - O outro sob o olhar de moradores de rua

Na seção anterior desta tese, analisamos entrevistas que se relacionavam ao **Eixo 1 - O morador de rua a partir de representações de si**.

Nesta seção, trilharemos as entrevistas coletadas para o **Eixo 2** cuja temática é **O outro sob o olhar de moradores de rua**.

Passemos ao recorte discursivo (1) da moradora de rua (1) no qual ela discorre a respeito da reação das pessoas quando a veem.

RD1 – M1

[A entrevistadora pergunta como as pessoas reagem à presença dela como moradora de rua]
 todo mundo que para o carro/na rua /me dá as coisas/me doam dinheiro/uns R\$ 50/R\$ 30/R\$ 20/ou R\$ 10/para mim comprar uma mistura/ às vezes eu pergunto aos transeuntes/quem é o senhor?/não/ eu quero te ajudar/ o seu sofrimento é muito/de dia/você vê todo mundo alegre/mas de noite/horas dessas//aqui/até casinha de cachorro/tem para eles deitarem

Para o sujeito entrevistado, o lugar que ocupa na cidade é de alguém que endossa um cenário degradante diferenciado dos transeuntes. Ser diferente, neste contexto, remete a uma animalização do Outro cuja presença incomoda, cujo lugar é “uma casinha de cachorro”, cujo “sofrimento é muito”. O olhar em relação ao Outro transeunte, pedestre, que tem lugar para morar, que habita a cidade dentro dos moldes de um discurso capitalista que apregoa a aquisição de um imóvel, de um lugar pra dormir e de conforto para si se contrapõe ao olhar sobre si. Mas, como a língua que falamos não é nossa, é língua do outro, conforme proposições derridianas (DERRIDA, 1996), também a desterritorialização que causa estranhamento produz um lugar marginal na cidade. Essa marginalização também é discursiva, impele à ausência da fala (“às vezes eu pergunto ao transeunte: quem é o senhor?”).

Além disso, chamou nossa atenção que, no fio do discurso, conseguimos flagrar o uso da palavra “mistura” que pode ser usada ora como alimento, mas também aponta para um efeito de sentido de destaque, aquela que se diferencia dos outros elementos, aquele que não se “mistura”. O mundo que é alegre de dia traz pessoas que oferecem dinheiro para que se alimente, mas isso não remete a uma empatia, por vezes pode ser um reforço à abjeção a que estão submetidos. “De noite, horas dessas” é uma expressão popular que, antecedida pela conjunção adversativa “mas” remete à contraposição ao dia: a noite, então, é percebida como um espaço em que a alteridade deixa de existir e restam os Mesmos. Porém, de acordo com Derrida (1996), não há o Mesmo sem o Outro e os

moradores de rua não constituem uma massa homogênea que partilha as mesmas identificações em relação a si e aos outros.

Passemos ao recorte discursivo (2) do morador de rua (2):

RD2 – M2

[Entrevistador pede ao morador de rua que fale um pouco dele]
 eu sou carlos francisco da silva/ eu caí nessa/ porque infelizmente eu perdi minha família/ eu mandei minha esposa embora num momento de muita tristeza/ aí/eu arrumei emprego/e/tentei pegar minha esposa de volta/mas ela não voltou/ eu ando por aí procurando meus filhos//eu posso pedir um prato de comida/mas eu não achato ninguém/ peço comida/mas dinheiro não/ o meu fardo é pesado/ vim com duas malas grandes de São Paulo à cidade de são josé dos campos/a pé/ gastei quase dois ou três dias/ dormi no meio da estrada/ pedi caronas/ as pessoas que não me deram caronas não têm culpa porque às vezes esses caminhoneiros dão caronas e as pessoas assaltam eles//com a fé em meu Deus/vim a pé até são josé dos campos/estar na rua é uma situação difícil/ a gente anda convive aí nesse mundo/ às vezes/dorme no chão/ antes eu tinha um rede/ eu chegava em qualquer lugar armava a rede e deitava certo?/ já dormi no chão/ no chão puro/ no frio/ é verdade/ já dormi no chão/encolhidinho sem nada/ dormi no mato/ graças ao meu bom deus/num veio nenhuma cobra me atacar / porque/às vezes/é melhor dormir no mato do que na cidade certo?/ porque no mato talvez só um animal pode te pegar/ às vezes na rua vem um malvado/ vem um malvado/faz uma malvadeza/ então eu acho que falta pro pessoal/ um pouco de amor a deus/ amar a deus é.../ amar a gente morador de rua /amar todo mundo/ nem todo mundo é igual/ temos de fazer como o mestre falou/ se uma pessoa não puder ajudar/ não precisa ofender a pessoa/chamar de vagabundo/ eu peço a deus que deus me dê uma paciência tipo uma igual a de jó/não me refiro à fé/ a fé eu tenho em deus, certo?/mas eu peço a ele/que ele me dê/ que eu seja perseverante/ certo?/ que eu segure tudo isso daí/ e que eu ainda consiga ter fé em deus/ que não perca a fé em deus/porque o meu medo é perder a fé, tá?/ porque mal para ninguém eu não faço certo? /não roubo/ não mato/ não ofendo/ às vezes se eu tiver um dinheiro eu dou

Para esse entrevistado, a perda da família é uma exclusão fundante de sua situação de desterritorialidade atual. Estar na rua “cair aqui”, como metáfora de um saudosismo de quem já esteve “fora” remete a um desequilíbrio factual que resulta na desgraça do indivíduo. Logo, estar fora remete a elementos culturalmente associados ao sucesso como ter uma família, um emprego, filhos e uma casa. Não é a toa que, para este morador de rua, a mulher que não pode resgatar e os filhos que perdeu são mencionados. A busca interminável dos filhos (“ando por aí buscando meus filhos”) também remete a um estado

contínuo de “andarilhez” confirmado pelo fato de este haver chegado a pé em São José dos Campos.

O olhar acerca do outro é percebido na diferença que produz identificações com um lugar que não é mais “seu”, se é que algum dia foi seu. Os que estão do lado “de lá”, então, podem recusar carona sob pena de serem assaltados, ainda que deixem de aceitar oferecer carona a ele. Tem-se então a reificação que assinala e reforça uma divisão da sociedade em dois lados: os de lá e os de cá. Tal informação se articula com modos de desidentificação. Essa desidentificação com o lugar em que habita (a rua é metáfora da cidade (des)territorializada) está associada a uma identificação com um discurso religioso que ao mesmo tempo em que reluta em reconhecer-se naquele lugar em que está também apregoa que deve haver compaixão. O discurso religioso tem aparição a partir do instante em que, na fala, o sujeito percebe que é preciso ter fé para seguir adiante como se diante de tantas desgraças a única esperança estivesse próxima da crença de algo que não existe. Podemos, então, perceber a importância de uma sucessão de exclusões e ausências - da mulher, dos filhos, de casa, de conforto, de comida - para perceber estas exclusões como fundantes de um modo de se inscrever como sujeito neste discurso religioso: diante da desesperança do que se perdeu, o socorro das coisas que não existem.

Esse olhar para a alteridade que não pode estar isento de valorações reforça a identificação e liames e limites tênues entre o Mesmo e o Outro. O reconhecimento de legitimidade dos moradores como seres humanos se dá pelo fato de que ele, por exemplo, “até dinheiro dá” de vez em quando, ao fato de que ele não “achata” ninguém, de que há moradores que são bons, apesar de existirem os malvados. Essa divisão entre o que é bom e o que é mau remete a uma busca de valoração positiva que justifique a presença de seres humanos que cultivam hábitos associados ao caráter - hábitos estes que estão “fora das ruas”, em sociedade. Para minimizar a exclusão, mencionar tal fato - a existência de pessoas boas na rua - faz com que estas sejam vistas como mais humanas e menos diferentes. Dá-se, então, uma forma de aproximação com os que não estão nas ruas. Tal aproximação não é gratuita e neutra. Então, o relato se centra na narrativa acerca das dificuldades que o levaram até ali. Assim, por trás do dizer de quem fala sobre si está o inconsciente atravessado pela alteridade de quem fora.

Agora, tomaremos para análise o recorte discursivo (3) do morador de rua (3):

RD3 – M3

[Entrevistadora pergunta como era a morada nas ruas]

morava na rua/ comia só quando passavam ajudas assistenciais/ morar na rua é depender das pessoas de bom coração/ se depender do governo/ele não ajudava muito isso/ lógico que o governo tem alguns albergues mas a principal ajuda vem da sociedade/ grupos que se formam/e fazem as famosas sopas aqui no centro no largo são Francisco/no pátio do colégio tem muito disso/ foi nessa que eu me higienizava/me alimentava tomava banho/e me davam roupa/ e não é porque você é morador de rua/que você tem que ser sujo/ não/muito pelo contrário/ você pode ser limpinho/você até pode ter uma boa aparência/ há organizações não-governamentais que te dão roupa/que te dão ... /que cortam seu cabelo/ que te dão aparelho de barbear para fazer sua barba/ então/não é porque você está em situação de rua que você tem de ser sujo/ a época que eu fui para rua/foi bem época de eleição/ muitos candidatos a deputados/eles prometem que vão te dar uma casa/e que vão te tirar da rua/ e nunca é assim/ mas/diferente do que muitos pensam na rua/você come bem / há alimentos frescos// mas você passa despercebido na sociedade/ vira meio que nada/ fazer parte do cenário da cidade é realmente difícil/ as pessoas não te respeitam pelo seu caráter/e pela sua essência/mas pela roupa que você está vestindo/pelos acessórios que você tem/por toda sua parte externa mas esquecem do seu interior da sua essência da sua personalidade/não era para ser assim/ lógico que tem muita gente que mora na rua/que não tem escrúpulos/que é completamente do mal/mas grande parte das pessoas é morador/e tem uma história para contar/ as pessoas que moram em regiões nobres/tais como jardins pensam que uma pessoa da favela é uma pessoa que usa droga direto/que é bandido/que não presta/cê entende?/ e não é assim/as pessoas se esquecem que Brasília/sim/é uma grande cadeia aberta/ 3 meses na rua parecem 30 anos/ polícia te batendo pessoas te apontando/ as pessoas veem um papelão te cobrindo acham que você é um noia/que você fuma pedra o dia inteiro/e não é bem por aí.

A representação de si e do outro são nuances que se entrelaçam e se tensionam no terreno das identificações. Assim, para a moradora de rua, estar na rua e a visão que os outros têm dela podem ser problematizadas. O discurso higienizador que remete a uma desqualificação dos moradores é então rechaçado para produzir um efeito de singularidade. A diferenciação em relação a um estereótipo, então, remete a uma inscrição em um lugar específico, em que a identidade traz em si o afrouxamento dos laços de sua própria coesão: não existem OS moradores de rua como massa homogênea, há os que tomam banho, os que se alimentam nos albergues, os que recebem assistência. Em contraposição a isso, tem-se a desidentificação com a existência do Mesmo, a identidade que os outros conferem socialmente aos moradores de rua contra o que este morador de rua vem se debater.

A animalização e invisibilidade faz com que sejam percebidos como “nada” e isso faz com que o discurso de marginalização seja reforçado. Boa parte da fala do entrevistado remete a posições específicas assumidas no interior de uma formação discursiva que produzem um deslocamento em relação a uma suposta unidade de ser morador de rua. Assim, atravessado pelo inconsciente, sujeito cindido e sujeito a falhas que é, ele vai trazer marcas de resistência e de re-territorialização. O que os outros falam sobre o morador de rua e que incomoda produz nele um desconforto que precisa ser especificado, situado, para que, ao situar-se neste grupo, faça- o a partir da inscrição em uma diferença fundamental do discurso higienizador. Assim, o outro sob o olhar do morador de rua é aquele que exclui, que denega, que ridiculariza, que reforça a degradação e a animalização a que são expostos cotidianamente.

Continuando, daremos atenção ao recorte discursivo (4) do morador de rua (4):

RD4 – M4

[Entrevistador pergunta sobre a família e se prefere morar na rua]
eu tenho família/ preferir a gente não prefere morar na rua/ não precisa nem falar/a rua é o perigo/não consegue dormir sossegado/passa frio depende dos outros/sabe/ a pior coisa nesse mundo/depender dos outros / veio

A pergunta do entrevistador é respondida com um silenciamento: o entrevistado não menciona diretamente o paradeiro de sua família nem as causas que o levaram a estar na rua. O que ele faz é apresentar-se a partir da resistência com relação ao lugar que “habita”. Se o morador de rua permanece na rua mesmo tendo família, o que ele faz é resistir à pergunta tergiversando e centrando-se na segunda parte: “ninguém prefere morar na rua”. Tal denegação remete a uma forma de subjetivação: uma forma de resistir sem reconhecer um fato corriqueiro, no caso, de que haveria uma preferência entre rua e moradia convencional, divisão esta em que os sujeitos se colocam como seres que (r)existem onde habitam como conscientes da situação de que há circunstâncias externas aos moradores que os levam para tal espaço. Expressões como “não precisa nem falar” e “depende dos outros” revelam a repetição de discursos que atravessam formas de ler a rua. Assim, reiteram-se olhares dos outros sobre o lugar, visões sobre o outro vindas de quem não mora nas ruas.

O silêncio não pode ser percebido como se situando fora da linguagem ou como ausência de algo apenas, visto que produz efeitos. Por isso, cabe assinalar que, dentre

todas as manifestações humanas, para Nasio (1989), o silêncio continua sendo aquela que melhor exprime a estrutura do inconsciente. Para a psicanálise, por exemplo, seus efeitos são tão decisivos quanto os de uma palavra efetivamente pronunciada. Aqui cabe um deslocamento: não se trata de percorrer os caminhos da análise, mas em realizar uma leitura como terreno aberto de possibilidades que apresenta o documento de fala como um monumento passível de interpretações infinitas como bem postulou Foucault na *Arqueologia do Saber*. Ora, no caso do morador de rua, esta resistência é marca de uma falta constituinte do sujeito desejante que produz identificação em relação ao que falta ao mesmo tempo em que produz o desajuste em relação ao lugar em que está. Então, ele vai mencionar o perigo da noite e o frio como elementos exteriores que fazem parte de sua vivência: sujeitos estranhos sondam seus pesadelos visto que não são familiares, nem conhecidos e podem lhe fazer mal. Assim, a outridade é a alteridade que precisa ter empatia para que ele possa sobreviver: “a pior coisa nesse mundo é depender dos outros”.

Vejamos o que morador de rua (5) no recorte discursivo (5) respondeu ao ser questionado como é morar na rua:

RD5 – M5

[A entrevistadora pergunta como foi morar na rua]

morar na rua é muito difícil/tá ligado?/ porque / com as pessoas assim/não sei como é a visão/ a maioria assim tem um coração bom/ mas/até o momento é tipo /ah toma um bagulho pro cê comer, que eu sei que cê tá com fome porque pra mim não vai faltar/ mas assim a gente é fútil é iníquo às vezes sabe?/ a gente tá tipo pedindo / saca?/ aí tem uma certa parte que é usuária que vai lhe pedir é claro/ mas que não vê o além tá ligado?/ a dificuldade que ele passa de onde ele veio ou para onde ele vai

A alteridade é expressa no discurso do sujeito a partir de um distanciamento que tem um efeito subalternizador. Os Outros são percebidos a partir de uma diferença radical, portadores de um olhar distanciado sobre os moradores de rua. O desdém com que são tratados (“ah, toma um bagulho pro cê comer, que eu sei que cê tá com fome porque pra mim não vai faltar”) reforça a estereotipação, ainda que seja assinalado que “a maioria tem um coração bom”. A abjeção dos sujeitos é reforçada pelo desinteresse de quem não está na rua em saber como estes foram parar lá. Então, a identidade de morador de rua não é única nem homogênea, mas um multifacetado contexto de representações e comportamentos visto que há “os usuários”, “os que pedem”, por exemplo. A identificação não é ponderada diretamente e o pertencimento a determinado grupo é

corroborado a partir da discursivização das ações dos outros para com a comunidade de moradores de rua. São vistos com desprezo e descaso ao mesmo tempo em que são ignorados na condição de humanidade por estarem à margem da sociedade. Habitar as ruas não é garantia de animalização, mas a desumanização que remete a um olhar que ignora sua situação e só oferece alimento porque está sobrando e não vai faltar traz o reforço de um lugar à parte que não é o mesmo dos transeuntes.

A seguir, no recorte discursivo (6), o morador de rua responde à pergunta do que sente falta:

RD6-M7

[A entrevistadora pergunta do que ele sente falta]
 uma saudade minha mãe/ nunca conheci minha mãe/ se eu tivesse filhos eu ia ensinar a verdade/oh filho isso daqui é droga/ é gostoso mas não usa/ oh/o bagulho é louco na rua/filho/ eu ia falar nas gíria/mas ia falar nas palavras sinceras/porque/o filho tem que aprender/sabe/ tem que saber como é o momento/e o movimento/porque não adianta/você falar pra ele aí/filho o bagulho é louco/na rua/não anda com certo amigo/não/ não tipo até que dá para andar/ o grande barato não é andar/ é/oi/beleza/tchau/ é andar com as pessoas certas/ se eu tivesse o poder/eu queria ter minha mãe do meu lado/ uma última mensagem/ que deus te abençoe e te glorifique

O lugar de uma exclusão é assinalado no discurso do morador que reitera continuamente a falta de uma mãe, falta esta constituinte porque remete a uma perda primordial advinda do nascimento, ou seja, falta de uma origem que organiza a própria história: “nunca conheci minha mãe”. Esta falta constituinte que faz parte do indivíduo possibilita perceber a diferença tardia que os significados culturalmente atribuídos ao seio materno e a exclusão de não ter tido uma mãe retorna em sua vivência. Assim, a retomada de uma posição em que ele se projeta no contexto da função paterna produz um discurso que, ao retomar a falta constitutiva, remete a um contexto inexistente em que tem a ilusão de que o desejo da falta é preenchido com a presença da mãe. A função materna, para ele, está ligada às leis de amparo e proteção que inviabilizam que os filhos enveredem pelo mundo das drogas; porém, esse suposto preenchimento da falta não ocorre sem deslocamentos: o filho que passa a ser pai aos filhos relega proteção ao mesmo tempo em que repassa sua experiência das ruas. Inconscientemente, externa o desejo de não ter se envolvido com pessoas que designa como sendo “erradas” e se inscreve no âmbito do discurso religioso ao despedir-se com as palavras “deus te abençoe e glorifique”. Este fechamento produz um efeito de diferenciação em meio a almas perdidas (drogados) que

perderam a fé e já não se importam mais com a divindade. De novo, o socorro do que não existe amparando o discurso de um morador de rua, conforme percebemos em outro excerto anteriormente mencionado. O que não existe em oposição ao que existe remete, assim, a um lugar em desnível, a um território conturbado de identificações, que se constitui como espaço-tempo que atravessa sujeitos e (des) identificações.

Observemos, no recorte discursivo (7), o morador de rua (6) falar um pouco de si:

RD7 – M6

[A entrevistadora pede ao morador que fale um pouco sobre si]
 Eu sou alessandro/42 anos/ex-agente de saúde
 esse colchão e uma peça de roupa é tudo que tenho/decidi vir morar na rua
 por ter me separado de minha mulher/e deixei três filhos para trás/na casa
 da minha mãe/ não estava dando certo/tenho um irmão que é militar/e a
 gente não se dá bem/para não ter briga/para não magoar mais minha mãe/
 eu fiquei na rua/na rua eu consigo sobreviver sozinho/mas eu quero sair da
 rua/quero que meus filhos tenham orgulho de mim/quero que eles
 digam/meu pai reagiu/meu pai reagiu de novo/de novo

Alessandro expressa, ao falar de si, um distanciamento familiar como causa do que o levou para a rua. Então, o olhar sobre o outro recai em uma diferença fundamental: a exclusão de si em um ambiente que não lhe é favorável à existência. Ao mesmo tempo em que ele deixa os filhos e não quer magoar a mãe devido aos desentendimentos com o irmão militar, a rua não é apresentada como um lugar de redenção. Remeter à família como constituída por pessoas que precisam ser protegidas não é um fato que deve passar despercebido.

A desculpa para ir para as ruas são a mãe e o irmão. Essa forma de proteção às avessas recai sobre a constituição do sujeito a partir de complexos familiares que reiteram modos de perceber a si a partir do julgamento alheio. Assim, a avaliação dos filhos recai (superego) sobre o peso de estar nas ruas e a aprovação deles é motivo suficiente para que ele deseje sair dali. Então, o desejo não cessa quando sai de casa, nem quando está na rua. Mais do que corroborar a afirmação lacaniana de que o real do desejo é nunca cessar de desejar (LACAN, 1998, p.493), tal exemplo remete a uma desterritorialização: sair de casa, ir para rua, sair da rua, ainda que não deixe de mencionar que a sobrevivência solitária é possível na rua como uma espécie de independência forçada que se contrapõe à ausência de independência da situação anterior. Quem é o outro sob o olhar deste morador? O outro é aquele que se distancia dele, que o percebe como alguém que incomoda, alguém que magoa, alguém que não dá orgulho, o outro é alguém que julga

sua impotência de estar próximo e assim produz seu afastamento. O afastamento não recai sobre o irmão, sobre os filhos ou sobre a mãe, mas também a uma situação da qual ele quer pertencer. A rua, que lhe traz sobrevivência individual também é um lugar ao qual ele não quer pertencer. E assim pode ser percebida e corroborada a noção de sujeito cindido, atravessado pelo inconsciente que, ao dizer, fala através do outro, cuja linguagem não é somente sua, como postulou Derrida, visto que é falado pelo outro (pela mãe que não pode ser magoada, pelos filhos que ainda podem um dia sentir orgulho no pai, pelo irmão de quem se diferencia pelos desentendimentos). Esse Outro, que ele só consegue expurgar distanciando-se do lugar em que vive, inicialmente não deixa de fazer parte dele, mas é acobertado e recalcado em outro ambiente diferente para ser silenciado por detrás do espectro da independência solitária das ruas.

Demos atenção ao morador de rua (8) no recorte discursivo (8) em que descreve o percurso de vinda até à cidade de São Paulo:

RD8 – M8

quando a gente ouve a história do outro/há coisas que se repetem/a gente vai para rua em busca de aventura/ir para rua por vislumbrar dias melhores/são paulo foi meu grande canto/eu chamo de meu eldorado/sai de uma cidade de 4 ou 5 mil habitantes/para morar em são paulo né?/ o corinthians estava lá/ as luzes estavam lá/ tudo que eu ouvia falar no rádio no paraná estava lá/em são paulo/né?/esse fascínio todo/essa ilusão com a grande cidade/ sonho de ganhar dinheiro/e prosperar/foi um dos motivos para a alternativa de vida morar na rua/ fui para franca/ para aparecida do norte/ essa busca da cidade/e encontrando abrigo

A fala do morador de rua é produzida a partir do discurso que ultrapassa a noção de sobrevivência: para ele, tratava-se de ir em busca do eldorado. A palavra Eldorado remete a um lugar de benesses em que se encontram “leite e mel”. O Eldorado para esse sujeito era São Paulo, visto que havia se deixado deslumbrar pelos encantos da cidade grande: as luzes, o Corinthians (time grande em oposição a times menores do interior). Luzes que, no plural, remetem à diversidade de opções que poderia vislumbrar na capital paulista. O Outro aqui não é uma massa de indivíduos que não estão na rua, mas um lugar que se instaura a partir de um imaginário coletivo de organização específica: o eldorado paulista.

No início do fragmento, podemos notar o encontro com outros em situação semelhante: “a gente ouve a história do outro / há coisas que se repetem”. Esse detalhe não é menos importante que a história que está sendo contada, pois, ao invés de iniciar

sua história como única, ele filia seu dizer em experiências próximas que reforçam a busca do Eldorado paulista que não é só sua. Há coisas que se repetem porque as pessoas à sua volta têm histórias semelhantes que se entrelaçam e se distanciam da sua, ao mesmo tempo em que a busca de abrigo, ao invés de acolhimento do outro faz com que esteja em busca do abrigo de uma cidade a outra fora da capital (em Franca e em Aparecida do Norte, por exemplo). A alteridade é então percebida como uma massa de pessoas que se enovelam em lugares distintos que se entrecruzam: ora pessoas que foram para São Paulo e estão nas ruas, ora pessoas que não são moradores de rua e que não são mencionadas pelo sujeito em questão.

Passemos à análise dos recortes discursivos (9) e (10) dos respectivos moradores de rua (10) e (12):

RD9 – M10

amigo/eu perdi minha mãe /perdi minha mãe e meu pai/e um filho /fiquei sozinho/está entendendo? /perdi um carro/me roubaram ele / aí não tive condições de comprar mais nada / eu não tenho um centavo no bolso hoje nem para tomar um café / o sonho meu / de eu ir embora para casa / ficar junto de uma filha minha/que mora em santa catarina /e posso te falar outra coisa que tenho esperança/é de viver antigamente coisas/que hoje em dia não posso mais

RD10 – M12

o que queria para sair da rua / seria um serviço / uma família / uma coisa assim para sair da rua /porque essa rua também não é muito fácil não/muito ruim / muita ânsia demais na gente

Uma sucessão de perdas é como o sujeito que fala desemaranha a teia de sua existência a partir dos acontecimentos que ocasionaram sua chegada às ruas: perdeu mãe, pai, um filho, perdeu a companhia das pessoas que o rodeavam, um carro e, então, ficou sem nenhum centavo. Estar sem nem um centavo não aponta apenas para situação financeira, mas para o esgotamento característico de uma falta que o constitui. A alteridade é percebida em dois momentos: ora em relação às perdas dos familiares, em que a ausência de pessoas é seguida da perda de bens materiais a ponto de chegar a ficar sem dinheiro por completo ora em relação a uma filha que mora noutro estado cuja existência e ausência também o constituem enquanto sujeito desejante. Ora, se a falta constitui o sujeito, embora a ausência da filha distante e dos entes que faleceram não

deixem de se fazer presentes, estar na rua é habitar o lugar do abandono, em que o sujeito se sente solitário e saudoso de uma vida que já teve (“esperança de viver antigamente coisas que hoje em dia não posso mais”).

Se a primeira sequência discursiva traz a questão da falta, a segunda articula a falta a uma angústia. O desejo e a falta se entrelaçam visto que o anseio desenfreado (“ânsia”) de conseguir emprego é percebido como fator de redenção para o segundo morador. Da mesma forma que o primeiro, ao segundo a família também é redentora no sentido de possibilitar outra vida fora das ruas. Logo, do discurso dos dois advém que a falta de uma família é frequentemente elemento constituinte do estar nas ruas. O abandono e a não-existência de entes familiares ou prole, esposa ou marido, reforçam-se mutuamente como elementos associados à desgraça que leva às ruas. Assim, reconstituir ou resgatar a família torna-se símbolo de encontro com um imaginário perdido, mas harmonizador, que as ruas não permitem experienciar.

Observemos o recorte discursivo (11) do morador de rua (13):

RD11 – M13

morar na rua.../ talvez um campo de concentração seja melhor/ você é invisível/ você é discriminado/né/as pessoas não te enxergam/ as pessoas veem você como lixo/ou mendigo/morar na rua é difícil/não tem como descrever/ se você imaginar o pior dos piores/é estar na rua/ já fui gerente de supermercado/ tive casa e carro/perdi tudo

A animalização remete a uma invisibilização do sujeito. Neste contexto, Derrida (2002) retoma o fato de o animal ser privado de linguagem, de razões e emoções diferenciando-se dos seres humanos que se distinguem por utilizarem o verbo. Aos moradores de rua é negado o direito de fala. Tal negação do direito à fala destes humanos remete a uma diferença entre eles e os animais: os animais são desprovidos de fala, os seres humanos que moram nas ruas têm suas falas interdidas porque a eles é negado o direito de fala justamente porque suas falas são silenciadas, recalcadas, ignoradas pelo corpo social que não habita as ruas. Não para que emudeçam, mas para que suas palavras não sejam escutadas pelos transeuntes, pelos governantes, por aqueles que se distanciaram deles e de quem eles se distanciaram.

A comparação com os campos de concentração, no recorte acima, aponta para o sofrimento de morar na rua, como se estivessem a caminho da morte (sem o direito de viver). Não se trata de um desejo de vivenciar o horror dos campos nazistas, mas de

acentuar a gravidade de sua situação. Aos moradores não cabe lugar de fala nem alteridade possível. A abjeção a que estão frequentemente submetidos faz com que palavras como “lixo”, “mendigo” sejam utilizadas para assinalar o teor da violência simbólica que é a eles direcionada.

Vamos agora ao recorte discursivo (12) do morador de rua (16):

RD12 – M16

o tratamento recebido dos servidores públicos/quer seja do policial/do agente de segurança/é discriminador/é violento/é agressivo/a gente precisa enxergar servidores como alguém que está a serviço do povo e do estado/sou considerado marginal pelo simples fato de estar ali/à margem/e o estado usa isso como uma máquina repressiva/eu já fui expulso/e impedido de entrar em algumas cidades/eu por não conseguir justificar minha estadia/fui colocado dentro de uma viatura e deixado 5 ou 6 km distantes da entrada da cidade

Nesta fala, podemos perceber o Estado como máquina repressiva de indivíduos, máquina que disciplina corpos e reforça-lhes o lugar de subalternidade a partir da expiação e repulsa que a violência produz. Aqui se tem um tipo de alteridade que não é a de indivíduos transeuntes, que se definem pelo ato de caminhar, mas de oficiais, defensores da lei e da ordem que consideram aqueles que estão na rua infratores da ordem urbana (“sou marginal pelo simples fato de estar ali”). A exclusão física de cidades que não recebem pessoas sem moradia revela um descaso e também um efeito de silenciamento em relação à existência dessas pessoas. Mais que a animalização desses sujeitos, cuja voz não é escutada, como podemos perceber no recorte anterior, temos a exclusão direta através de ações de repressão. A alteridade não é apenas negada e silenciada, mas excluída física e efetivamente da sociedade da qual “não deveria” fazer parte. Neste contexto, o jogo de produção de identificações é mais tenso, visto que se tem a ilusão de existência de uma identidade central à qual todos os que vivem na cidade precisam estar submetidos para existirem nela enquanto indivíduos “de bem”.

Observemos, agora, o recorte discursivo (13) do morador de rua (21):

RD13 – M21

(...) o prazer que essa droga causa é semelhante a um orgasmo no início/hoje/eu uso para me controlar/para não me tornar uma pessoa agressiva/para não me tornar um lixo/mais lixo do que a gente se torna depois/por que eles não falam do numerário da conta dos deputado/e vereadores/que estão envolvidos no tráfico de drogas/a polícia que forma milícia/apreende droga/em campinas/e põe um noiado/como são

chamados/um peba/para vender aqui no centro (BH)/uma droga substitui a outra/o antidepressivo/e o antifissurante vai substituir o crack por um certo tempo/porque/quando o usuário for considerado apto pela clínica a chegar à rua/aqui de novo/mesmo na rua/a gente causa inveja/não é qualquer morador de rua que consegue pegar droga com o traficante/fumar/e vender ao mesmo tempo/por isso/a grande maioria dos moradores de rua morrem/porque ele pega a droga/fuma um pouco/vende o resto/não tem como pagar/ele pega aquele dinheiro que ele fez/vai comprar mais/na ilusão que vai conseguir pagar o traficante.

O anestesiamento de uma droga que permite a recusa de um indivíduo que faz parte da personalidade do sujeito, mas que não pode existir é o argumento que dá início a este depoimento. No início, associa ao prazer, depois, ao controle das emoções. Mais que um recalçamento de um comportamento inadequado, se tem o assinalamento de um lugar ao qual não se quer pertencer: o de indivíduos rebeldes que estão uma escala “abaixo” dos seres educados. A agressividade é então comparada inconscientemente a uma falta de civilidade, a uma animalidade que torna as pessoas que a praticam “mais lixo que a gente se torna depois”. Mais do que assinalar a predominância de um vício, o morador de rua em questão assinala o lugar de uma sociedade doente que se aproxima de si quando se deprime. Após isso, entra em cena o jogo das relações de poder entre moradores: nem todos podem usufruir das mesmas benesses, alguns têm acesso a drogas, outros não. A relação de poderes que aponta para um poder que se estabelece não unilateralmente, mas em uma trama, como em uma rede de relações em que as relações podem ser inúmeras, como as que são exemplificadas ao final do depoimento.

Eixo 3 - O espaço-tempo e poder nas relações dos moradores de rua

Na seção anterior desta tese, analisamos entrevistas que se relacionavam ao **Eixo 2 – O outro sob o olhar de moradores de rua**.

Nesta seção, trilharemos as entrevistas coletadas para o Eixo 3 cuja temática é **O espaço-tempo e poder nas relações dos moradores de rua**.

Passemos ao primeiro recorte discursivo deste eixo:

RD1 – M1

[Entrevistadora pergunta como chegou à rua]

era sexta-feira/ eu não lembro do mês/ mas eu lembro/que foi antes das 10h da manhã/ e eu pedia a ele/ deixe-me/ao menos/tirar minhas roupas / moço/ e ele me dizia/se o seu marido estiver dormindo/ acorde-o / ele disse/ você não vai tirar nada/ foi aquela vingança/com raiva/ é muito triste olhar para onde você morou/tanto tempo/ esses anos todos/que eu volto aqui/eu começo a chorar

Para essa entrevistada, a chegada à rua se deu por meio de uma reintegração de posse feita em seu antigo barraco em um dos viadutos da cidade. Nesse caso, o Estado, por meio de um mandado expedido por um juiz, requer a volta de uma área invadida ao seu presumido legítimo proprietário.

Com isso em mente, afirmamos que, contrariamente à imagem que povoa o imaginário popular de que a rua é lugar de liberdade, ela é lugar de relações de poder que remetem à soberania, ao Estado-Nação e à fronteira que se cria entre uma casa ocupar e na rua morar (SANTOS 2005).

Também podemos afirmar que o poder do morador de rua está em como ele se coloca ou como se movimenta, uma vez que há leis que os operam, que os determinam e há aqueles a quem devem obediência. A partir disso, observamos como a relação de poder é marcada pela disciplina e intrinsecamente distribuída por um todo, tecido social e historicamente. Tal fator pode ser percebido através da reintegração de posse e pela ação policial que demarca uma relação de forças: polícia-morador de rua, o que se materializa linguisticamente no dizer “Você não vai tirar nada” bem como “Foi aquela vingança com raiva”, elemento que povoa a memória social, ou melhor, o imaginário, de que a polícia não protege o sujeito de bem.

Ainda, com base no excerto, retomamos, então, a noção de desterritorialização, conforme discutido por Haesbaert (2005), uma vez que, com a intervenção do Estado, há desterritorialização dessa moradora de rua e familiares, que desencadeia em uma nova espacialização e produz novas configurações geográficas. Além disso, é como se a moradia no barraco fosse expropriada para voltar ao poder do Estado, ação essa que produz uma fricção de diferentes elementos de uma escala hierárquica no jogo de poder. A esse respeito, Carlos (2007) afirma que a moradia na rua é uma formação histórica em que se estabelecem, se recriam, se transformam as relações de poder. Mas esse produto social não se faz sem conflitos, contradições e resistências.

Desse modo, podemos atribuir à rua o legado de espaço das resistências no qual lutas cotidianas são travadas.

Vejamos como a vida é descrita neste recorte discursivo (2) pelo morador de rua
(2)

RD2 – M2

[Entrevistadora pergunta como é a vida nas ruas de São Paulo]
a avenida paulista significa a irmã mais velha/a irmã maior/vou te falar/ a avenida paulista é a que nos dá a melhor face de são paulo/né?/a melhor a mais positiva/e a mais simpática das faces que são paulo mostra pro mundo//ainda que eu tenha adoecido/ vivo e dou esperanças para outros/aqueles que reclamam da vida deveriam ir olhar a face menos positiva da cidade que é cracolândia/e lá ver o sofrimento/ a dor/ e o pouco caso que são tratados aqueles dependentes das drogas/lá tem crianças de 9/ 10/ 11 anos à espera de um futuro/ e que a cidade se lembre deles principalmente no amor né?/ quem fala para um morador de rua eu te amo? eu quero dividir minha vida com você// a infância drogada/ a infância desvalida/ como tem em são paulo/e em outras cidade do mundo/ ela sofre de carência afetiva/ ninguém as abraça/ ninguém as deseja/ ninguém fala que ama

Esse entrevistado, ao descrever como é a vida nas ruas de uma metrópole, afirma que ela, em São Paulo, caracteriza-se por polaridades. Assim, valendo-nos de noções já abordadas por nós no capítulo 1 desta tese, como, por exemplo, as de espaço liso e de espaço estriado, conforme Deleuze e Guattari (1997), notamos que, embora o morador de rua no imaginário coletivo seja o sujeito cuja trajetória de vida envolve perdas graduais e desvinculações familiares, no fio do discurso, esse indivíduo é rastreado como o sujeito da falta, nesse caso materna, materializado linguisticamente por “a avenida Paulista significa a irmã mais velha, a irmã maior”, efeitos de sentido que estabelecem uma espacialidade em torno da região que circunda a avenida citada como lugar no qual a proteção é maior, mas uma proteção que torna velada a existência de outros sujeitos que não são autorizados a existir nela, trata-se de uma região que simboliza uma faceta positiva de uma capital que cresce e engole os que não se encaixam nas formas tradicionais de convivência e habitação. Sua existência simboliza um silenciamento das diferenças (ainda que estas ali persistam, ainda que em menor quantidade e evidência aos olhares dos transeuntes).

Também, torna-se importante trazer à análise a noção de espaço liso e estriado, uma vez que esse morador de rua estabelece contraponto entre a região central, onde fica a Cracolândia, e a região em que a avenida Paulista se encontra. Observemos que esse morador de rua, em seu dizer, faz “entrecruzamentos fixos e variáveis” (DELEUZE e

GUATTARI, 1997), rastreáveis a partir dos pontos negativos e positivos, zona sul (avenida Paulista) e região central da cidade (Cracolândia), além de uma possível analogia acerca de uma irmã maior e de uma irmã menor, que, nos dizeres desse morador de rua, talvez produza efeitos de sentido em torno do carinho e afeto que uma região pode vir a oferecer e a ausência de cuidado e atenção de outra, justapostos no liso e estriado.

Ainda, sobre a noção de espaço liso e estriado, temos a horizontalidade e a verticalidade que podem ter lançado mão também ao pensar na questão da espacialidade das ruas da região citada por esse morador de rua, principalmente, pelo fato de, estando na vertical, incomodar-se muito e causar distanciamento, tornando-o visível aos transeuntes. Em contrapartida, estando na horizontal, é emergente um silenciamento e apagamento, porque está em situação subalterna.

Tendo essa noção em mente e com base no excerto trazido, pensemos em como a questão espacial se relaciona ao poder, conforme proposto por Foucault (1995), uma vez que a ocupação da rua pode ser instituída como efeito do aparelho de Estado sobre a vida das pessoas: a falta de políticas que auxiliem na reversão do quadro de aumento de moradores de rua reflete não somente o aumento, mas na constituição de tal espaço como um espaço em desordem. Os estudos foucaultianos abordam a questão da continuidade da arte de governar por: ascendente e descendente. Na continuidade ascendente, discute-se que “aquele que quer poder governar o Estado deve primeiro saber se governar, governar a sua família, seus bens, seu patrimônio” Isso na Antiguidade. Morar na rua remete a uma forma de fracasso em questões de governo de si e dos outros se for percebido sob a ótica tradicional de ter um lar, uma família e sustentar a si e aos outros, por exemplo. A continuidade descendente é na perspectiva de que “quando o Estado é bem governado, os pais de família sabem governar suas famílias, seus bens, seu patrimônio e por sua vez os indivíduos se comportam como devem”. As duas linhas de continuidade fecham o cerco para a arte de bem governar, ou melhor, uma sociedade em que “todos” conseguem se governar e governar outrem torna-se uma sociedade livre dos preceitos negativos imbricados nos interesses individuais colocados à frente dos coletivos, na sobreposição do espaço privado ao espaço público. Essas linhas de continuidade trazidas por Foucault chamam a atenção para a linha central entre o governo de si (a moral) e o governo de Estado (a política); é o governo da família (a economia), que permitirá que o equilíbrio desse triângulo, moral — economia — política, possa ser encaminhado ao bem da sociedade.

Também chama atenção o fato de que pode ser percebida a dessubjetivação de indivíduos. Isso porque alguns indivíduos são passíveis de não subjetivar-se enquanto legítimos sujeitos no espaço da cidade. Mais do que uma hierarquização, tal qualificação se dá a partir da negligência e através do distanciamento e da repulsa que os transeuntes dirigem a esses sujeitos. A subjetivação se dá, portanto, não pela harmoniosidade com os demais, mas através de um espaço de diferença que se acentua pela presença daqueles que parecem culpados por sua condição (des) habitadora.

Assim, a territorialização e desterritorialização das ruas que servem de morada aos indivíduos em situação de rua se dão de modo frágil e descontínuo. Dizemos isso uma vez que é característica do morador de rua perambular pelas ruas e avenidas das cidades e metrópoles. Esses territórios descontínuos, embora não se mostrem através de uma imposição clara de poder por parte de seus habitantes, assim se tornam por conta da interpretação de quem está de fora, através de seu julgamento de valores. Pode-se dizer que a exclusão que se dá no caso dos moradores de rua não é pela proibição estrita de circular em certos lugares, mas, sim, pelo constrangimento causado pelo olhar do outro sobre o indivíduo que não é partícipe das normas do lugar.

Vejamos, neste recorte discursivo (3), como o morador de rua (3) fala a respeito da chegada à rua:

RD3 – M3

[Entrevistadora pergunta ao morador de rua como foi sua chegada à rua]
foi assim/ eu tinha 17 anos/ quando o processo de ir morar na rua aconteceu/ eu tinha meus pais/e ainda tenho eles até hoje/ e isso aconteceu/ a partir do momento/que eu me assumi homossexual para eles/ minha mãe me expulsou de casa/ meu pai me agrediu/ foi um processo muito complicado para mim/ porque/querendo ou não /eu era um adolescente/ não tinha uma opinião formada /a respeito das coisas da vida/ eu ainda me lembro/que eu me reuni com eles/para contar sobre minha sexualidade/ mas/ cara/ a reação deles foi muito pior que eu poderia imaginar/ minha mãe disse que preferia ter um filho drogado/ um filho bandido/a um filho viado/ aí eu fui morar na rua/ passei fome/ passei frio/ passei muitas necessidades/ eu conheci/ na rua/ uma pessoa na rua/ e ele era garoto de programa/ aí ele me disse/vai você tem perfil para coisa/você leva jeito/ foi quando/ele me apresentou pro scene só chic, que/hoje/já nem existe mais aqui/na avenida São João/ e isso/eu tinha acabado de completar 18 anos

Ter sido a moradia nas ruas um processo que aconteceu para quem??? faz com que emergam efeitos de sentido de que houve um desenvolvimento gradativo. Neste caso,

a chegada nas ruas se deu através da resistência familiar em relação á sexualidade que contradiz a heteronormatividade. O desenrolar do fio de memória que é assinalado não faz apenas recuperar instantes, mas recorta fragmentos de dores que ficam encrustadas na pele de quem viu a rua como único recurso após ter sido expulso de casa.

Ancorando-nos em Deleuze e Guattari (1997, p. 163), entendemos que, por meio de rotas de fugas, esse morador de rua foi desterritorializado pela expulsão de casa pela mãe e foi territorializado na espacialidade da rua. A desterritorialização da casa, espaço de aconchego que deveria acolher ao invés de expulsar acentua a impressão deste sujeito que sofre os efeitos das malhas de poder que se estendem em rede por todo o tecido social. Não se trata, portanto, apenas da individualização de um ser, mas da subjetivação que opera a partir de uma alteridade familiar (e social) excludente. Dessa forma, a voz deste sujeito não faz emergir apenas sua experiência, a ela estão enlaçadas diversas vozes de experiências que atravessam seu dizer e revelam uma posição na qual se inscreve para subjetivar-se.

Jacques (2008), ao pesquisar moradores de rua que foram expulsos de casa, chama a atenção para a noção deleuzeana de rotas de fuga, uma vez que ela tem um caráter micropolítico, pois produz resistência diante do que se impõe como modelo aceitável para a sociedade. No excerto, observamos que esse sujeito, em contato com fatores sociais e culturais, ressignifica suas vivências e experiências. Por essa perspectiva, a corporeidade dos indivíduos está estreitamente regada por esses aspectos da relação do corpo com as multiplicidades proporcionadas pelo espaço.

Vale acentuar que, segundo Jacques (2008), a escrita da cidade no corpo (e vice-versa), chamada de corpografia, pode ser estudada pelos padrões corporais de ação, que são os gestos e movimentos propiciados pela experiência urbana. A corpografia então se revela nos gestos, nas formas de subjetivação da rua e nos efeitos das experiências dos moradores, transeuntes e pessoas que fazem parte direta ou indiretamente desse espaço. Uma corporeidade, então, não se reduz a um indivíduo, mas faz atentar para os efeitos da dispersão das subjetividades. Assim, quando moradores descrevem suas experiências e vivências estamos no terreno da corpografia. Isso não se dá gratuitamente: pautar-se neste tipo de considerações requer um cuidado especial para os detalhes como no caso do próximo morador que relata sobre a experiência de dormir nas ruas.

Vejamos como o sentimento de falta e o dormir são tratados neste recorte discursivo (4) do morador de rua (4):

RD4 – M4

[Entrevistador pergunta como é dormir na rua e do que sente falta]
 às vezes/ você dorme com fome/ às vezes não/ você ter sua televisão/ e assistir um filme/ às vezes/ dá fome/ sabe essas coisas normais?/ do cotidiano, saca/ não tem um lado bom morar na rua/ não vou falar que não é um lado bom/ só que tem seu lado mais ou menos positivo/ porque você não vai pagar luz/não vai pagar água/nem aluguel/ você não tem responsabilidade com nada/ e cê acorda a hora que quiser/ cê come a hora que você quiser/ certo/ tem esses lados/ não é positivo/ mas/ assim vantajoso/ o lado ruim é isso aí/ veio/ estar na rua é estar disposto a tudo veio/ não tenho a escolha entre estar em casa e estar na rua/ fui expulso de casa/ cê acha que/se eu tivesse a oportunidade de estar em casa agora/ cê acha que eu estaria aqui/ tem gente que faz isso/ cara/ prefere ficar na rua/ tem casa/ tem tudo/ veio/ a droga não deixa ele ir embora/ crack/ ele não consegue pegar o ônibus assim/e dizer/ pô eu vou embora/ quando eu ia para minha casa/ eu nunca vou com o crack/ NUNCA/ sempre pego uma catuaba/ um corotinho chapado / porque o álcool corta o efeito do crack/ não fica aquela abstinência/ aquela fissura/ aquela vontade/ se tivesse que escolher outra vida/ para mim/ veio/não sei qual ela seria /antes de fumar drogas/não era vida ainda/ a vida que eu levava antes da rua/ era passageiro/ não era vida/ se eu tivesse de me desafiar/ buscar um objetivo sair da rua/e u teria de acreditar em mim/ buscar uma nova maneira de viver/ lógico/ e sumir daqui/ veio/ ir lá pro centro/ ficar num lugar onde eu possa me restabelecer/ e ficar forte psicologicamente/ o crack é complicado/ agora/o resto da vida inteira/ depende da farinha ou do crack/ eu terei essa vontade de usar pela vida inteira/ eternamente/ aquela mulher é mais ou menos minha esposa [aponta para sua companheira]/ a gente estamos numa amizade assim né?/ uma esposa feia daquele jeito não tem como/ ela não pode ser minha esposa porque meus amigos veem ela e dizem a mim/ cê tá louco?/ um futuro para mim é uma nova vida/ eu acredito que eu vou mudar de vida/ minha próxima oportunidade de vida não sei qual será/ mas eu não vou terminar desse jeito/ eu tenho fé no ser superior/ quem é esse ser?/ jesus/ e uma última mensagem a você é eu mudarei de vida

De início, os dizeres desse entrevistado a respeito da rua bordejam uma possível normalidade, uma vez que elementos, tais, como “ter a sua TV” e “assistir um filme” remontam ao espaço de uma casa bem como estar sob um teto. Entretanto, no fio desse discurso, que a ele parece ser cotidiano e normal, percebemos que é emergente de sua narrativa o aprisionamento que a espacialidade da rua causa (CERTEAU,1996, p.31).

Nessa direção, podemos pensar como ações corriqueiras e cotidianas passam a ser normalizadas, como se não pertencessem a moradores de rua. Desse modo, a rua aprisiona seu morador com uma curiosa ambiguidade: de alguma forma, pelas horizontalidades e verticalidades, supostamente libertaria, mas, contrariamente, aprisiona como se tivesse um imã.

Pensando na espacialidade da rua, recorremos à discussão empreendida por Derrida (2003) sobre a hospitalidade. A própria palavra hospitalidade tem raiz do latim *hospes*, que também advém de *hostis* (estranho), isto é, o inimigo estranho (*hostilis*) ou estrangeiro. Assim, em termos derrideanos, a rua pode apresentar características de hospitalidade, já que emergem deste espaço ora reconhecimento do morador de rua como hóspede – aquele que habita as ruas, que veio de outro lugar - ora como inimigo que colocaria a vida de outros em risco. Ao fazer da rua, por assim dizer, sua hospedaria, o morador de rua insere-se e é inserido numa roda em que limites, critérios, leis e valores passam a ser obedecidos – isso porque não é a rua que faz as leis, mas quem nela habita -, materializados linguisticamente neste trecho: “estar na rua é estar disposto a tudo/ veio/ não tenho a escolha entre estar em casa e estar na rua/ fui expulso de casa”.

Essa exclusão de possibilidades de escolha, essa negação de direitos percebida como o que leva até a rua quando um sujeito é expulso de casa faz acentuar ainda mais a questão da hospitalidade. Expulsar, impedir o aconchego do lar e tratar como um estrangeiro alguém familiar, através de um estranhamento que culmina no banimento desse alguém, remete também a uma falta de hospitalidade já que há a negação do reconhecimento como hóspede. A rua necessariamente não é, para tal sujeito, um lugar de hospitalidade, ela é o destino dos expulsos. Tal hospitalidade carrega consigo a marca dos que são repulsivos e não podem habitar uma casa. Por isso, a metáfora da rua como casa faz emergir um lugar heterotópico visto que, não sendo uma casa passa a ter características de uma, não havendo hospitalidade, recebe os que vêm de dentro das casas e lá não podem mais habitar.

Observemos o recorte discursivo (5) do morador de rua (5) em que ele diz a respeito de dormir na rua:

RD5 – M5

[Entrevistadora pergunta sobre dormir na rua]

dormir na rua... você falou numa palavra boa/ até me arrepia/ não tô brincando não/ o negócio é feio/ tem hora que a gente não consegue uma manta/ porque a manta... a manta eu falo mesmo/ é o nosso descanso/ é a manta e o papelão/ porque se não tiver o papelão para tirar a friagem do solo/ entende?/ a gente pode pegar uma pneumonia/ eu nunca vi/ só vi uma vez em toda minha vida/ no ano de 2000/ eu falo que foi no ano de 2000 porque passou na reportagem do cidade alerta/ uma vez/que falaram que o morador de rua morreu congelado na rua/ foi uma vez/ uma vez/ eu falo que são milhares de moradores de rua/ mas/ às vezes/ a doença já está lá há muito tempo/ ai a manta mata/ se eu tivesse de realizar um sonho/ eu

queria ter uma mulher ao meu lado/ para me dar forças/ eu falo aí para você/ a mulher/ para mim/ é cabeça da família/ é aquela que me dá forças/ se eu tivesse uma mina do meu lado/ uma companheira mesmo /que desse um sorriso para mim/ todas as manhãs que me desse um beijo/ e um abraço/ em todas as tristezas minhas/ eu falo para você que aí não ia ter para ninguém/ eu ia ser o homem mais feliz/ e aí ia ter de tudo// água é tristeza/ água é só da chuva// rodoviária dá para tomar banho/ tá ligado?/ lá tem uma torneira/ o pessoal lá também é liberado né?

A pergunta se faz a partir de um ato banal: todo corpo precisa descansar ao final ou durante o dia. Diz respeito a uma questão de saúde, de qualidade de vida: dormir bem é sinal de que o corpo está descansando, em repouso. Para que o sono apareça e haja um mínimo de aconchego na rua que não é um lugar de hospitalidade, conforme mencionamos na análise do recorte anterior a este, dormir carece de algumas exigências: o espaço da rua é frio e é necessário que haja algo para colocar entre o solo e o corpo do morador de rua. Não se trata de um luxo, mas de uma necessidade cuja ausência ou negligência, segundo o morador de rua, pode causar hipotermia.

A hospitalidade inexistente daqueles que precisam cuidar de si porque não há alteridade que os proteja do frio revela o acentuamento da exclusão daquele que é diferente. Mais do que a falta do aconchego de um lar que conforta e aquece, tem-se também a falta de uma companheira. A rua como lugar de exclusão, então, produz uma multidão de desenganados que se distanciam uns dos outros cuja realidade se torna forçadamente invisível aos que transitam pelos locais em que eles habitam, não porque sua existência não seja percebida, mas porque ela é negligenciada como se não deveriam existir.

À noção de hospitalidade se soma uma necessidade do outro e a falta é corroborada pela ausência de alguém para cuidar ou que cuide dele. Por isso, a felicidade está condicionada à existência de uma companheira: “que desse um sorriso para mim/ todas as manhãs que me desse um beijo/e um abraço/em todas as tristezas minhas/ eu falo para você que aí não ia ter para ninguém/ eu ia ser o homem mais feliz”. Trata-se de uma carência afetiva. Tal carência se liga a uma falta constituinte do sujeito que o subjetiva como sujeito dessa falta, desse hiato de existência no qual pesa a ausência do outro. Então este sujeito que é sujeito da falta, da incompletude, tem a si somada a falta de afeto, de aconchego e de alteridade generosa que, para ele são marcas que se encrustam na pele e produzem efeitos de uma exclusão não apenas material, mas afetiva.

Passemos, agora, ao recorte discursivo (6) do morador de rua (7):

RD6 – M7

[Entrevistadora pergunta como é ser morador de rua]
 por mais que a rua possa ser definida como liberdade/ela é local de uma solidão imensa/ quando você está na rua/você está no meio de uma multidão/mas ninguém te enxerga/ sabe /você está ali/ mas/você... não te enxerga mesmo/sabe/ hoje mesmo/passei pelo ponto de ônibus/o arredor fica deserto/ havia um morador ali/quando te enxerga é para te criticar/enxergam o lado mau/ mais feio da coisa/mas ele não tem a abertura de olhar de todos os lados/o porquê a pessoa está ali/sabe/a gente que está na rua/tem uma repressão/vamos dizer... /somos violentados nossos direitos a todo o momento/ por isso cheguei a trabalhar porque tenho uma visão autônoma da vida

Estar em meio a uma multidão em que ninguém te enxerga, eis a definição de estar na rua para este morador. A solidão que não é só dele faz remeter a uma constelação de vozes interditas de sujeitos que ali habitam. Isso porque a novidade do discurso é o acontecimento de sua volta. Retorno este que se dá cada vez único e insubstituível porque não se dá da mesma forma. A subjetivação desse sujeito se assinala a partir de um lugar de exclusão e de desterritorialização da qual é agente e resultado.

O que faz alguém habitar um espaço desterritorializado, então, não é a questão dos enunciados de resposta, mas a desconfiança e problematização com um discurso que remete à liberdade dos moradores de rua. Que liberdade é essa cujo preço a pagar é a exclusão? A repressão discursiva assinalada por ele revela um olhar que interdita e palavras que vêm somar-se a outras palavras de exclusão. Então, por mais que o espaço da rua apresenta uma liberdade condicionada, encarada como fator positivos por alguns moradores de rua, ela não é suficiente para anular a solidão da qual os moradores fazem parte.

Retomemos a noção de hospitalidade: a rua não é lugar de receber, acolher, fazer o estrangeiro sentir-se bem. Torna-se lugar de exclusão, de repulsa, de dessubjetivação: quem ali é, na verdade, não o é, não faz parte, existe a partir de uma exclusão necessária e uma negligência visível: habita o campo do inabitável, dos que não deveriam existir. A solidão não é apenas não ter pessoas por perto, mas não poder receber delas o mínimo de hospitalidade para que haja, então, um efeito de acolhimento. Ao final da fala, tem-se uma marca que visa à produção de uma diferença no interior da diferencialidade do morador: trabalha, porque tem uma visão autônoma da vida. Então, “cheguei a trabalhar”

revela uma circunstância extrema no interior de um espaço que estereotipa os moradores de rua como pessoas que não trabalham. Essa subjetivação que coloca o indivíduo numa posição de diferença no interior da diferença em que se situa visa produzir uma singularidade e faz com que sua voz remeta a outros sujeitos e aos cenários heterogêneos que a rua pode fazer emergir.

Observemos o recorte discursivo (7) do morador de rua (8):

RD7 – M8

[entrevistador pergunta onde ele dormia]
debaixo de ponto não/tinha muita água (risos)/ cheguei dormir
debaixo de viadutos/há uma estratégia de sobrevivência/ morei em
campos de Goytacazes/ onde eu dormia sob o ponto de ônibus/ ele
era uma laje de concreto/e eu dormia em cima dele devido à
violência/ então você vai se adaptando à realidade de cada cidade/e
de cada região do país/ nessa estratégia de vida/ por exemplo/ na
região sul você não dorme muito na rua/na época do inverno/ na
região norte /e nordeste/ você vai preferir dormir na rua porque é
menos fresco/é calor demais/ no rio de janeiro por exemplo você
prefere dormir na rua devido à opção de trabalho que a cidade
oferece/ é mais tranquilo trabalhar à noite do que você trabalhar
durante o dia/ ou seja/ você se adapta às diferentes realidades de
cada cidade/ dormir na rua é desafiador/ mas é aquela história/você
tem uma cartucheira/uma agulha/ e uma onça na frente/ então não
tem jeito/ você tem de dormir/ é aquilo que tem/ a noite cai/ e você
não tem para onde ir/você não tem uma casa/ não tem um teto para
voltar/ você tem a chave/ o grande enigma da coisa que abre a
porta/ e aí te resta a noite/ um ponto de ônibus uma marquise um
campo de praça/ e é isso que você tem/ então é desafiador/ é/ você
tem duas escolhas/ dormir ali ou passar a noite acordado ali/ uma
hora o sono vai te roubar e você vai dormir ali

As palavras desse entrevistado fazem uma cartografia das experiências da rua a partir do espaço geográfico em que os sujeitos se habitam a (com) viver. O traçado de experiências remete a uma subjetividade que está permeada de alteridade: sul e nordeste se diferenciam - pelo risco de hipotermia no sul que inviabiliza o ato de morar nas ruas, o que ao mesmo tempo, privilegia quem estiver no nordeste, visto que a rua pode ser lugar mais fresco à noite para trabalhar – possivelmente uma alusão ao ato de pedir esmolas ou vender coisas, por exemplo. O lugar onde se dorme passa a ser uma incógnita passível de perigos noturnos e violência (dormir sob uma parada de ônibus feita de concreto é uma alternativa, por exemplo).

Não saber onde se vai dormir faz com que o sono seja não um espaço de repouso, mas que esteja aliado a um efeito de perturbação constante que acentua a desterritorialização do espaço urbano: estar em um lugar em um dia, noutro lugar em outro é algo que é a marca deste ser andarilho. Assim, o sujeito da falta é porque não é completo e porque é percebido como um ser que não pode ter hospitalidade, aconchego e lar. A adaptação a cada lugar faz com que se perceba o ato migratório que acompanha o risco de estar sempre no mesmo lugar. Então aqui temos a problematização de um espaço como moradia: a rua é uma moradia que, assim como a produção de subjetividades errantes, não é imóvel, se desloca, se (des)faz a cada dia.

Mais do que narrar experiências, este morador apresenta uma multiplicidade de vozes que se unem às suas vivências: (r)existir, logo sou. Não saber onde se vai dormir ou como se vai dormir em cada espaço percorrido traz uma errância característica que remete não apenas a uma migração, mas a um estado de contínua movência. Se o sujeito não é fixo, como apregoa a psicanálise, se ele é dividido em sua subjetividade. Tal deslocamento não se dá apenas interiormente – sujeito dividido entre consciência e inconsciente ele também se desloca fisicamente pelo espaço da cidade na condição de morador de rua assumindo lugares tão diversos quanto as posições que pode ocupar no discurso para ser sujeito.

Passemos ao recorte discursivo seguinte:

RD8 – M9

eu sou marcos antônio da silva/ tenho 54 anos/eu fico aqui/ nesse abandonozinho/ esse quartinho aqui [apontando para uma caixa de papelão]/ esse aqui é meu lar/ essa que é minha casa/ é o meu chinelo/ é a minha roupa/tudo isso aqui/ é o meu biscoito/ é o meu cafezinho/ sou pedreiro civil/ pedreiro de acabamento/ eletricitista/ carpinteiro/ amador/ confeitiro/ mas é o seguinte/depois que peguei meus 40 anos/ não tem emprego

A fala deste entrevistado confere um efeito de abandono ao sujeito. Tal subjetivação remete a uma estrangeiridade: torna-se outro no mundo capitalista empregador, visto que a idade o torna inábil para exercer funções para as quais está preparado. Resta ao sujeito a metaforização de um lugar específico, tornando-o o que ou em quê? então sob as vestes discursivas de um “lar”. Essa metaforização se dá devido a uma releitura do espaço: uma caixa de papelão se torna casa, se torna um quarto, se torna

“habitável” porque é o que o morador de rua tem de equivalente aos objetos de discurso aos quais ele associa tal caixa.

O papelão, discursivamente, pode ser pensado como remetendo a uma fragilidade humana, que se volta sobre si no interior de sua impotência. Resignificar-se discursivamente e também ao espaço à sua volta é o que torna o objeto estrangeiro – uma caixa de papelão – algo familiar e da utilidade atribuída se entra no terreno do mesmo e da identidade para não corroborar a diferença fundamental que o separa do restante da humanidade que tem casa para habitar, que tem um quarto para dormir. O diminutivo “quartinho” pode remeter a uma especificação que considera a hipérbole metafórica que se quer intentar realizar entre a casa, um lar, e uma caixa de papelão: de todos os objetos mencionados, o papelão é um “lar menor”, mas, cabe assinalar, ainda assim um lar.

No próximo recorte discursivo (9), a moradora de rua (11) explica o motivo de estar na rua

RD9 – M11

eu era espancada/ chamava a polícia para mim/ aí peguei e vim para as ruas/ familiares batiam em mim /tia primo/ sofri todo tipo de violência dentro de casa/ para matar a fome/ a gente usa tiner para matar a fome/ não tem nada para você comer/ então ele sustenta sua fome

Neste recorte, temos um motivo que pode levar às pessoas a morar na rua: violência doméstica. Tal sujeito se percebe vítima de maus tratos e isso o leva a habitar um espaço inabitável: podemos perceber então que a rua não é necessariamente percebida como escolha, visto que quando o lar não acolhe, quando o sujeito é percebido como estrangeiro, quando não há hospitalidade, é que emerge o cenário do fora de casa. Então, estar fora de casa é lugar de estranhos e, ironicamente, os que são familiares não são acolhedores, então, tornam-no estranho, fazem-no sentir estrangeiro dentro de sua própria casa.

Essa busca em não ser estrangeiro, em buscar a familiaridade longe do que é familiar, de um escapismo que leva a desterritorializar o espaço desconhecido é o que leva às ruas tal sujeito. Fuga de uma animalização em que o Outro não o percebe como sujeito passível de ser acolhido, negligência com os cuidados e carência afetiva. Neste quadro sintomático, a fome é o menor dos problemas, visto que pode ser “burlada” com um pouco de “tiner”. Tiner é um solvente utilizado para diluir tinta até o ponto necessário em que esteja pronta para aplicação em qualquer superfície. Não sendo alimento, ele se

torna alimento para disfarçar o desejo de alimentar-se na rua. A carência afetiva é tão devastadora que tal morador prefere utilizar o solvente (droga barata e eficaz!) do que retornar à casa de seus familiares. Mais do que o efeito da falta de afeto, estar no hall de alteridades negadas faz com que muitos deixem espaços familiares para habitar o lugar de estrangeiros: estamos no terreno da outridade, as ruas.

Observemos o recorte discursivo (10) do entrevistado (14):

RD10 – M14

(...) o que eu estou querendo dizer/é/que nem todo morador de rua é marginal/ mas/em qualquer lugar do mundo/também é lei/ não se pode fazer de via pública moradia/ até/no deserto// o papelão é da prefeitura/ mas a barraca/ o sabonete/ o sapato é nosso/ é bem pessoal/ eu ganhei uma barraca/ que é a quinta barraca/ se eu não chego aqui/a tempo/ eles iam levar/ a penúltima barraca/ os fiscais tiveram a cara de pau de dizerem/ agora/eu vou pescar/ essa é bem pessoal da gente/ eles não respeitam nenhum/ eu já apanhei/ eles já pegaram 13 kg de ração do meu cachorro/ minha bombinha de asma/ sabe?/ e outra coisa nenhum deles tem crachá/ NENHUM/ quando eles não chegam com a viatura/ tem três anos que estou nesse mesmo lugar/ agora nesse mês/ esses meses aqui/ que eles têm sido educados/ porque/no mais/já apanhei/ os guardas ficam sem graça/ eu sou uma moradora diferente?/ sou/ realmente eu sou/ porque eu acho que assim/ meu direito começa/quando o seu termina/obrigado dá licença/ o que é meu não é seu/ o secretário passou aqui e viu a barraca/ a ordem era de levar a barraca

A identidade se sustenta a partir de uma separação fundamental com o outro, mas para que ela exista, é preciso que haja uma alteridade em mim, que eu seja o outro de alguém: discursivamente, o sujeito entrevistado propõe uma separação entre si e os outros que são marginais. Tal separação não é ingênua, ela insiste em afirmar um lugar familiar para os homens “de bom senso” que se separam dos demais, “ladrões, perigosos”. A alusão ao deserto como lugar em que também não se pode fazer da rua moradia aponta para a presença do inconsciente: a moral habita em cada um de nós e é produzida cultural e discursivamente. Mesmo que não haja ninguém à volta para nos policiar, as regras de conduta são o que nos separam dos animais. Buscar fazer parte desse grupo de pessoas “dentro da lei” é o que remete à formação de uma subjetividade que reafirma o mesmo negando uma diferença constitutiva.

O que chama a atenção no relato não é a animalização dos sujeitos que não são considerados humanos porque não deveriam existir ao coabitarem o inabitável: é a animalização dos oficiais que, sem crachás, sem identidade, num gesto de generalização

discursiva que os envolve, apresenta-os como indivíduos cruéis e sem índole (o cidadão de bem que conquistou a barraca da prefeitura, que não é marginal, tem seus pertences roubados pelos oficiais, pelos que seriam supostamente “da lei”). Então, a ordem remete a um poder que circula em rede pelo tecido social e classifica os sujeitos de acordo com o lugar que habitam: moradores de rua são classificados cultural e discursivamente como outros. A eles não cabe a mesma consideração que cabe aos sujeitos “de bem”. Então, a contradição entre o marginal e o homem de bem faz refletir aqui sobre posições ocupadas pelos indivíduos para se tornarem sujeitos. Por isso, não se pode negligenciar fatores culturais, históricos, sociais.

Passemos ao recorte discursivo (11) do morador de rua (20):

RD11 – M20

eu vivo na rua há 20 anos/ eu tenho minha família/ minhas filhas/ mas/lá/ não dá para ficar/ não dá para beber/ quando um não tem dinheiro/ o outro tem/ a gente não fica na mão/ sou soro-positivo/vai fazer 11 anos/ eu pretendo sair dessa vida/ e/ aqui/ a gente tem muita amizade/ a gente não pede nada para ninguém/ e tem muita coisa/aí/ aqui/ a gente deita a hora que quer/ não paga luz/ não paga água/ você tem o direito de ir e voltar/ com meu ex-marido/ eu tenho oito filhos/ lá/ não dá para morar/ não pode beber/ tudo querem controlar/ e a gente tem um dinheiro/tem cartão/ e pode entrar no mercado/ e comprar o que a gente quer/ e pretendo sair da rua/ vou me inscrever nas casinhas/ porque eu não vendi a casa/ eu renunciei à casa/ porque me roubaram tudo as coisas/ eu vim na habitação/ e renunciei/ eu tenho o papel da luz/ da retirada do relógio/ e do corte da água/ quando eu renunciei a casa/ a casa foi para outra pessoa/ casa germinada não dá certo

A enunciação acima remete a espaços de tempo específicos assinalados e também a espaços físicos que se diferenciam. No primeiro plano, então, o tempo em que ela está na rua (20 anos) e o tempo em que se descobriu soropositiva (11 anos). Duas marcas de estigma social que se unem em um mesmo sujeito, que atuam na (des) subjetivação. A diferença de si e dos outros é o que tal recorte quer trazer ao mesmo tempo em que se é parecido com os outros: o desejo de ter um lar e não ter um lar, perder uma casa, não conseguir arcar com as despesas, mas estar à espera de outra moradia. O desejo do sujeito

se volta também para um tipo específico de moradia: que não seja casa geminada. Essas aproximações e deslocamentos remetem a uma subjetividade que se constitui na diferença, que traz marcas de uma alteridade constitutiva e um desejo de ser o mesmo. Tais pressões – ter uma casa, de tal forma, com tais características – remetem a um olhar para a diferença que está fora das ruas, na vida dos que não constituem tal espaço. O desejo então expressa não somente uma falta relacionada ao ter, mas ao ser, ser como aqueles que são valorados positivamente por não estar nas ruas: a subjetividade negada vem acentuada de uma subjetividade enaltecida. A constituição do sujeito então se dá pelo que não tem e pelo que não é somada da denegação do que o constitui e que o separa daquilo que ele considera – inconscientemente - “civilizado”.

A resistência do sujeito faz problematizar o que seria “aceitável” na vida em sociedade visto que, frente a fatores sociais, culturais ressignifica suas vivências e, ao fazê-lo, se produz a escrita da cidade no corpo. É no corpo onde se escrevem as marcas da experiência: é também o corpo que se inscrevem as marcas da experiência urbana. E o corpo se expressa na fala, a partir das angústias das faltas que constituem o sujeito. A hospitalidade, então, é o que torna os estranhos familiares ao sujeito: não as filhas, mas os outros moradores de rua lhe são familiares, lhe tiram a estrangeiridade, entendem a marca da sua diferença, estão onde ela pode beber, ajudam- se uns aos outros.

Dessa forma, o fragmento acima, então, produz não apenas um discurso da diferença, mas um discurso que problematiza a própria concepção de lar: não lar como moradia física e família de entes consanguíneos, mas um espaço habitável em que sujeitos coexistem harmoniosamente. “Estar na rua/ ter uma casa” são duas faces de uma moeda que vai sendo então valorativamente construído no discurso desse sujeito. Na busca de subjetivar-se, tal sujeito então remete a um viés de escolha: está onde há mais prós do que contras, embora ainda anseie pela vida fora da rua: ter uma casa (“que não seja geminada”).

Por fim, observemos o recorte discursivo (12) do entrevistado (21):

RD12 – M21

[Entrevistador pergunta se o morador de rua trabalha, como é a vida na rua]

eu trabalhei em construções civis/em obras/ né/dormir mesmo/ você não dorme/ você dá uma relaxadazinha básica/ né/ é barulho/ é estranho/que cê nunca viu/ que cê num conhece/ passa aí toda hora/ dormir/você dorme em uma casa/ em um quarto/ em que você confia/ aí você dorme/ na rua/ você espera pela manhã chegar/

estou esperando amanhecer/eu trabalho/ sou cozinheiro/ meu primeiro salário eu vou sair dessa vida/ vou recomeçar minha vida.

O sujeito entrevistado termina o relato com um desabafo: as dificuldades da rua e a sucessão de acontecimentos frustrantes que o levaram até ali poderiam tê-lo levado ao suicídio. Não é a possibilidade de suicídio que chama atenção discursivamente, mas como há todo um esforço para, após um longo relato de planos futuros (adquirir um terreno, comprar uma casinha, reformar um cômodo, rebocar outro) que parecem levar a um efeito de esperança produzem justamente o contrário. Tal narrativa se sustenta como uma história de vida que traça a geografia migratória de muitos sujeitos que vão até uma metrópole em busca de melhores condições de vida.

Deixar falar, ter alguém que escute, assumir a possibilidade de verbalizar o que sente foram elementos que culminaram na criação da psicanálise enquanto disciplina de interpretação e prática analítica. Conforme acentuamos noutra seção, enquanto analistas de discurso, não é nosso papel tecer uma análise clínica acerca do sujeito que fala, mas analisar discursivamente as derivas, os entremeios, desconfiar do que “está posto” e perceber a novidade no retorno do mesmo a partir do acontecimento de sua volta. Logo, não é a individualização de uma pessoa que tem existência específica no mundo, mas um relato no qual vozes são atravessadas e corporificam produções de subjetividade: todo sujeito, discursivamente falando, é ser social, cultural e histórico e não pode estar desprendido de seu tempo. Para isso, ao problematizar como se dá a relação com o espaço-tempo percebeu-se que esta incide sobre as representações de si e do outro.

A rua pode ser percebida, através das análises como o resgate de um objeto perdido, tal qual a reunião das partes que constituem a massa amorfa da imagem do sujeito no estágio do espelho de Lacan. A própria visão que temos, enquanto expectadores dos vídeos analisados, é circunscrita a partir de um *a priori* delimitado por estudantes de comunicação social que fizeram bricolagens, recortes, operaram ênfases em determinados instantes que também podem direcionar a leitura e a interpretação daquele que for analisar o corpus.

A animalização dos sujeitos é uma marca característica dos que vivem na rua visto que as representações de si e dos outros incidem sobre o imaginário coletivo acerca dos moradores de rua. O outro é quem não mora na rua, é quem julga, quem passa a apressa para não ver, quem vira o rosto, são os agentes públicos que exercem a função de

colaborar para a higienização, é o outro dentro de cada morador, que se envergonha de si, que lamenta, que sonha.

Vale acentuar que, sobre um dos sujeitos, ele não foi o único a vir do nordeste para trabalhar na obra em que o chefe fugiu com o dinheiro deixando-os à deriva. Então, este indivíduo que ocupa esta posição para se tornar sujeito de seu dizer não tem domínio dos efeitos do que diz e assim relata não apenas sua história, mas a história da migração no Brasil em que milhares de sujeitos têm suas vidas marcadas pelas tentativas – muitas vezes frustrantes – de buscar uma vida melhor em um lugar estranho. Estar no lugar do estrangeiro, longe do que é familiar e subjetivar-se aí, morando na rua, em um espaço em que a subjetividade dos que não têm casa é negada não é apenas um desastre, é também um espaço de produção de subjetividades. Por isso a hospitalidade da rua não é tão assinalada no relato acima: porque tal termo remete a um lar, fato este se configura na memória afetiva do entrevistado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: APONTAMENTOS DE UMA ANÁLISE DISCURSIVA

A partir de um viés discursivo-desconstrutivista, a presente tese buscou problematizar as representações de sujeito e de corpo a partir de dizeres de moradores de rua, extraídos de entrevistas do *YouTube*, bem como discutir a incidência de representações espaço-temporais. Partimos do pressuposto de que o discurso constitui as identidades em condições sócio-históricas e que um dos modos de seu funcionamento é a espacialidade-temporalidade, formulamos a hipótese de que os dizeres de moradores de rua são constituídos por representações de espaço e de tempo cujos efeitos remetem a alterações das relações de poder.

Desse modo, a partir das entrevistas veiculadas pelo site YouTube com moradores de rua e dos recortes discursivos trazidos por nós torna-se possível relacionar o afastamento da pressão da realidade, o que, nesse caso, pode ser oriundo da moradia em uma casa, uma vez que este lugar é o que instaura responsabilidades quer estas sejam o pagamento da conta de luz, de água, de telefone, ou ainda seguir as regras estabelecidas no seio familiar com um possível encontro de um refúgio num mundo próprio, a rua, no qual as condições de sensibilidade são diferentes daquelas experimentadas enquanto ainda ocupavam casas.

Outrossim, a bebida e outras drogas também parecem ser transporte para uma situação de prazer, na qual os problemas, as dores e as limitações desaparecem. Pensando à luz dos estudos psicanalíticos, pode-se dizer que a rua instaura um lugar ansiado pelo encontro com o objeto perdido, situação de plenitude onde nada falta – momento de prazer primeiro no seio materno. É interessante chamar a atenção para o fato de que o morador de rua encontra no álcool ou em outra droga a química capaz de tamponar sua falta, o gozo que lhe parece eterno enquanto dure o efeito da droga. A sensação de plenitude é interrompida quando finda a ação química. O mal estar é emergente e, com ele, a ânsia por mais álcool, recomeçando o circuito alcoólico: álcool – mal estar – mais álcool, repetição compulsiva em torno da droga, que a torna “dona” da vida do chamado morador de rua. Também conseguimos depreender desse eixo de análise que a realidade desses moradores de rua torna-se cada vez mais visceral, uma vez que a questão da miséria tem se manifestado nos conglomerados urbanos com o aumento do fenômeno da vida na rua.

Torna-se interessante para esse apontamento da análise discursiva a discussão feita por Santos (2004, p. 49), o qual defende que aqueles que (des)ocupam as ruas

desenvolvem um modo de vida distinto do daqueles que vivem em casas, como se estabelecessem circuitos superiores e inferiores numa oposição dialética. Santos (2004, p. 47) explica-nos que os circuitos inferiores estão profundamente implantados dentro da cidade; neste caso, os moradores de rua são parte dos inferiores e subalternos, já que podem ser classificados numa cadeia que vai contra a direção social. Segundo o pesquisador brasileiro, essas pessoas constituem um grupo antissocial ou tipicamente ilegal, como se vivessem à margem da sociedade.

Ressaltamos que ambos os circuitos, evidentemente, formam-se na história de formação do Brasil e das relações econômicas aqui existentes. A relação dialética entre os dois circuitos acontece, na medida em que o inferior sustenta o superior através das relações econômicas. Este último, por sua vez, necessita de ramificações que disseminem um dado modo de vida e visão de mundo que o sustente.

O modo de vida na rua pressupõe uma vinculação específica com a realidade, que, em muitos aspectos, é distinta daquela existente no circuito superior, posto que a parcela da população que ascende socialmente tem acesso a bens e serviços aos quais aqueles pertencentes aos circuitos inferiores são barrados. No entanto, entre os próprios moradores há atitudes de coerção por causa da disputa por território, por exemplo, no qual os moradores mais antigo conseguem ocupar melhores espaços da cidade. Isso implica na existência de relações de poder que são semelhantes às aquelas que se situam na vida de sujeitos fora das ruas. O que os moradores têm são políticas de coerção que atravessam os corpos e instauram práticas de defesa e de expulsão. A ida para a rua se dá por dois motivos, geralmente, nos casos analisados: por condições socioeconômicas precárias ou por causa do sonho do eldorado que está associado a um imaginário de liberdade – não ter que pagar as contas, por exemplo.

Com Calvino (1999), em sua obra *Cidades Invisíveis*, aprendemos que “[...] a cidade deixa de ser um conceito puramente geográfico para tornar-se um símbolo complexo e inesgotável da existência humana”, já que o espaço da rua é visto como um campo de conflitos e tensões, como lugar de enfrentamentos e contradições que se produzem como resultado das continuidades e discontinuidades dos processos de urbanização. Com isso em mente, podemos perceber que a rua, longe de se constituir como um espaço do abandono torna-se um espaço de organização de uma rede de camaradagem e convivência, conformando a integração hierarquizada de uma fronteira em movimento, conforme Pessanha (1995).

A partir das entrevistas veiculadas pelo site YouTube, pudemos traçar um paralelo entre um antigo habitante das ruas das pequenas, médias e grandes cidades desde a Antiguidade, o denominado "louco de rua" em alusão aos moradores de rua. De forma ímpar, essa figura cria no cenário das metrópoles modernas um personagem urbano, geralmente isolado do conjunto da população fixada nas casas e em outros espaços corporativos, fazendo também, do espaço público, um lugar de moradia e, a seu modo, algum tipo de laço, algum tipo de negociação e de aliança. Podem ser pessoas com sofrimento psíquico que, numa condição de exclusão, têm buscado a naturalização através das épocas: os semideuses, no Tempo Mítico, os hereges endemoninhados, na Idade Média, jogados nas galeras da purificação no Renascimento como passageiros da "Nau dos Loucos", recolhidos nos hospícios a partir da Idade Moderna. Além disso, percebemos que grande parte dos moradores de rua são caminhantes solitários das cercanias, às margens das estradas, às margens da cidade e da cidadania, numa busca heroica de sobrevivência material e psíquica.

Tomando como ponto de partida o eixo analisado, contamos que, geralmente, são pessoas que se encontram num estado de miserabilidade e desamparo para os quais são emergentes a dificuldade com o cuidado de si, o alheamento com relação à questão do tempo, a dificuldade maior e diferenciada de fazer laço social. Dessa forma, terão dificuldades também no estabelecimento das mediações simbólicas necessárias na apropriação do espaço e no convívio com seus pares, uma vez que o morador perambula por e entre espaços das grandes metrópoles, sendo rara a fixação em um ponto específico.

A subjetividade está marcada pelo contexto da autovitimização como se os moradores fossem um barco à deriva em meio a um mar bravo que pode derrubá-los e causar sua morte por causa das condições de vulnerabilidade a que estão sujeitos. A retomada de discursos de vitimização colocam os moradores numa posição subjetiva de vítima: perdeu o emprego, amigo apresentou para as drogas, foi expulso de casa, por exemplo, são instâncias que remetem ao discurso da histérica para quem é mais fácil culpar o outro e deixar de se responsabilizar pela situação em que se encontra.

Mesmo estando na rua, os moradores de rua fazem laços com o mínimo de pessoas e são, geralmente, portadoras de uma dignidade avessa à filantropia, figuras de uma estética bizarra e singular, que vagam pelo território urbano ou se fixam em algum ponto do espaço público, carregados de objetos aparentemente inúteis, expostos às intempéries do tempo e às vicissitudes da rua, rua essa que tem se transformado "na instituição dos

excluídos, criada pela sociedade brasileira, no [...] terreno baldio da cidadania" (FERREIRA, 2001).

Buscando ampliar nosso olhar a respeito da população de rua, encontramos o debate sobre o documentário "Dizem que sou Louco" de produção da psicanalista Mirian Chnaiderman que nos apresenta a população de rua como aquela que, se fixada nas ruas e diferentemente dos sem teto, de alguma forma, enlouquecem tomados pelas drogas, pela violação de seus corpos, pelo desenraizamento identitário. Na época da gravação do documentário, ela considerou a necessidade da estrutura psíquica em jogo. Ela diz que "[n]a rua, eles se aliviam de um barulho interno... quando as vozes ficam muito intensas..." Não sendo, portanto, o delírio, a única manifestação do sujeito, havemos de nos perguntar se, no caso em questão e em outros que estamos acompanhando nas ruas, não estaríamos diante de uma estabilização precária, indicando que os efeitos da foraclusão podem ser compensados com outros recursos que não a produção delirante indicada pelo arguto espírito clínico de Freud.

A partir de uma visão discursivo-desconstrutivista, vale ressaltar, também, que a rua pode ser percebida como espaço heterotópico em que se subvertem espaços homogeneizados a partir de dicotomias como dentro/fora, público/privado, entre outras, sendo tomada não apenas como local de trânsito, mas também como moradia. Desse modo, habitar o inabitável é sinônimo de viver o invivível, o impensável. Assim, contradizendo estratégias de poder que visam à subordinação social, os moradores de rua inserem seus corpos em lugares com os quais alimentam identificações: a rua é um entrelugar, já que é territorializada e desterritorializada por eles frequentemente. O embate do homem com o espaço que ocupa ou desocupa não pode mais ser visto a partir de essencialismos e a fragmentação dos espaços cotidianos se torna passível de análise, bem como as formas de subjetivação desses sujeitos que interagem e se tornam parte da paisagem.

Referências

ANDRADE, Eliane. **Entre o desejo e a necessidade de aprender línguas**: a construção das representações de língua e de aprendizagem do aluno-professor de língua inglesa. 2008. 266 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ANDROUTSOPOULOS, J. Participatory Culture and Metalinguistic Discourse: Performing and Negotiating German Dialects on YouTube. In: TANNEN, D.; TRESTER, A. M. (eds.) **Discourse 2.0. Language and New Media**. Washington, DC: Georgetown University Press, 2013, p. 47-71.

BIRMAN, J. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Ed. 34, 2007.

BIRMAN, J. **Freud e a Filosofia**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

CAMARGO, Luis Francisco Espíndola; AGUIAR, Fernando. Foucault e Lacan: o sujeito, o saber e a verdade. **Rev. Filos., Aurora**, v. 21, n. 29, p. 531-544, jul./dez. 2009.

CARLOS, Ana Fani. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 2007.

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 2**: morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

CORACINI, Maria José (Org.). **Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático**. Campinas: Pontes, 1999.

CORACINI, Maria José (Org.). **Identidade e Discurso**: (des)construindo subjetividades. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

CORACINI, Maria José. **A celebração do outro arquivo, memória e identidade**: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

CORACINI, Maria José. Análise do Discurso na Linguística Aplicada. In: CASTRO, S. T. R. de. **Pesquisas em LA**: novas contribuições. Taubaté: Cabral, 2010a. p. 17-33.

CORACINI, M. J. Os sem-teto em comunidades virtuais: entre o ressentimento e a violência. **Guavira Letras**, n. 16, p. 156-168, jan./jun. 2013.

CORACINI, Maria José. Representações de professor: Entre o passado e o presente. **Reflexão e Ação**, v. 23, n. 01, p. 132-161, jan./jun.2015.

CORACINI, M. J. Transdisciplinaridade e análise do discurso: migrantes em situação de rua. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 11, n. 01, p. 91-112, 2010b.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2014.

CULLER, Jonathan. **On deconstruction**. Ithaca: Cornell University Press, 1994.

DA ROSA, M. T. **O discurso universitário-científico na contemporaneidade**: marcas e implicações na constituição identitária do pesquisador em formação. 2013. 251 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia**, vol. 05. São Paulo: Editora 34, 1997.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Trad. Júnia Barreto. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1988.

DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

DERRIDA, Jacques. **Da hospitalidade**. Trad. Antônio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

DERRIDA, J. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DERRIDA, J. **O animal que logo sou**. Trad.: Fábio Landa. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

DERRIDA, J. **Psyché**: Invention de l'autre. Paris : Galilée, 1987.

DUQUE-ESTRADA, Paulo César. Derrida e a escritura. In: DUQUE-ESTRADA, Paulo César (org.). **Às margens**: à propósito de Derrida. São Paulo: Loyola, 2002.

FERREIRA, Tânia. **Os Meninos e a Rua**. Uma Interpelação à Psicanálise. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michel. Des espaces autres: hétérotopies. **Architecture, mouvement, continuité**, n. 5, p. 46-49, out. 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II**: O Uso dos Prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

FOUCAULT, M. Outros espaços. In: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos III - Estética**: Literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 411-422.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, M. B. (Org.), **Ditos e escritos**: ética, sexualidade, política. Trad. E. Monteiro e I. A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 265-287.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir. 35^a. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FREUD, S. **O Mal Estar na Civilização**. In: FREUD, S. Obras completas de Freud vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GEISER, R.R. et al. - Áreas verdes nas grandes cidades. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 26., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, p. 50-55.

GREGOLIN, M. R. Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria? In: _____; BARONAS, Roberto (Orgs.). **Análise do discurso**: as materialidades dos sentidos. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2001, p. 47-58.

GRIGOLETTO, M. Língua e identidade: representações da língua estrangeira no discurso dos futuros professores de língua inglesa. In: CARMAGNANI, A. M.; GRIGOLETTO, M. (org.). **Inglês como língua estrangeira**: identidade, práticas e textualidade. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2006.

GUATARRI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HIERNAUX, Daniel. Tempo, espaço e apropriação social do território: rumo à fragmentação na mundialização. In: SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura; SOUZA, Maria Adelia A. de (orgs.). **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 2008, p.150-160.

IANNI, O. **A sociedade global**. 10^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

IANNI, O. **Enigmas da modernidade-mundo**. 10^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias urbanas**. São Paulo: Arquitectos/Vitruvius, 2008.

JAMESON, Fredric. **A Cultura do Dinheiro**. Petrópolis: Vozes: 2001.

JENKINS, Henry. **Convergence culture**: Where old and new media collide. New York: New York University Press, 2006.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, J. **Escritos**. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 96-103.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**. Barueri, SP: Manole, 2005.

LOPES, Lucas Rodrigues. **O blogueiro e suas práticas – corpos carnavalizados e interações multifacetadas**. 2010. (Dissertação de mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I.F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2006.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

NASIO, J. D. **Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

NASIO, J. D. **O silêncio em psicanálise**. Campinas: Papirus, 1989.

OGILVIE, B. **Lacan**: a formação do conceito de sujeito (1932-1949). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

PESSANHA, Neves Delma. Perfil da População de Rua. In ROSA, Cleisa M. M. (org). **População de Rua-Brasil e Canadá**. São Paulo: Hucitec, 1995.

PRIKLADNICKI, Fábio, **Desconstrução e identidade**: o caminho da diferença. 2007. 101 f. (Dissertação de mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

RIMBAUD, Arthur. **Poesia Completa**. Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

RIMBAUD, Arthur. **Uma Temporada no Inferno**. Trad. Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: L&PM, 2001.

SANTOS, Milton. O retorno do território. **OSAL - Observatório Social de América Latina**. V. 6, n. 16, p. 100-120, jun. 2005.

SANTOS, Milton. **Pobreza Urbana**. São Paulo: Hucitec, 2004.

SOUZA, O. **Fantasia de Brasil**: as identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Escuta, 1994.

TANNEN, D.; TRESTER, A. M. (eds.) **Discourse 2.0. Language and New Media**. Washington: Georgetown University Press, 2013.

ANEXO 1- O morador de rua sob seus próprios olhos

RD1 – M2

[Entrevistador pede ao morador de rua que fale um pouco dele]

eu sou Carlos Francisco da Silva/ eu cai nessa/ porque infelizmente eu perdi minha família/ eu mandei minha esposa embora num momento de muita tristeza/ aí eu arrumei emprego e tentei pegar minha esposa de volta mas ela não voltou/ eu ando por aí procurando meus filhos//eu posso pedir um prato de comida mas eu não achato ninguém/ peço comida mas dinheiro não/ o meu fardo é pesado/ vim com duas malas grandes de São Paulo à cidade de são josé dos campos a pé/ gastei quase dois ou três dias/ dormi no meio da estrada/ pedi caronas/ as pessoas que não me deram caronas não têm culpa porque às vezes esses caminhoneiros dão caronas e as pessoas assaltam eles//com a fé em meu Deus vim a pé até são josé dos campos/estar na rua é uma situação difícil/ a gente anda convive ai nesse mundo/ às vezes dorme no chão/ antes eu tinha um rede/ eu chegava em qualquer lugar armava a rede e deitava certo?/ já dormi no chão/ no chão puro/ no frio/ é verdade/ já dormi no chão encolhidinho sem nada/ dormi no mato/ graças ao meu bom deus/num veio nenhuma cobra me atacar / porque às vezes é melhor dormir no mato do que na cidade certo?/ porque no mato talvez só um animal pode te pegar/ às vezes na rua vem um malvado/ vem um malvado faz uma malvadeza/ então eu acho que falta pro pessoal/ um pouco de amor a deus/ amar a deus é.../ amar a gente morador de rua /amar todo mundo/ nem todo mundo é igual/ temos de fazer como o mestre falou/ se uma pessoa não puder ajudar/ não precisa ofender a pessoa/chamar de vagabundo/ eu peço a deus que deus me dê uma paciência tipo uma igual a de jó/não me refiro à fé/ a fé eu tenho em deus, certo?/mas eu peço a ele que ele me dê/ que eu seja perseverante/ certo?/ que eu segure tudo isso daí/ e que eu ainda consiga ter fé em deus/ que não perca a fé em deus/porque o meu medo é perder a fé, tá?/ porque mal para ninguém eu não faço certo? /não roubo/ não mato/ não ofendo/ às vezes se eu tiver um dinheiro eu dou

RD2 – M4

[Entrevistador pede que o morador fale um pouco de sua experiência de estar na rua]
meu nome é Igor/estou na rua há mais ou menos 5 ou 6 anos/ vim morar na rua assim por influência de amigos/ comecei a usar maconha/ é o começo de tudo, né?/ assim chegou um certo dia que a gente não pode pagar o quanto fuma certo?/ a gente faz um encontro/ só que nesse dia a gente não fumou a maconha/ chegou um cara do nada e tinha maconha com crack que é o famoso mesclado/ e nessa fui lá e experimentei

RD3 – M5

[Entrevistadora pergunta como o morador foi parar ali]
aí meu nome é André/ meu vulgo é cigano aqui na rua/ moro na rua há 5 anos/ vim morar na rua até o momento que minha tia me abandonou eu tinha 16 anos de idade/ ah meu perdi minha mãe com 7 anos de idade né?/ isso não vem ao caso mais ou menos/ mas se

for entender/ meu pai matou minha mãe junto com meu tio/ meu tio morreu preso com dois tiros no ombro depois de um mês.

RD4 – M6

[Entrevistadora pede ao morador que fale um pouco sobre si]

Eu sou Alessandro/42 anos/ex-agente de saúde

esse colchão e uma peça de roupa é tudo que tenho/decidi vir morar na rua por ter me separado de minha mulher/e deixei três filhos para trás/na casa da minha mãe/ não estava dando certo/tenho um irmão que é militar/e a gente não se dá bem/para não ter briga/para não magoar mais minha mãe/ eu fiquei na rua/na rua eu consigo sobreviver sozinho/mas eu quero sair da rua/quero que meus filhos tenham orgulho de mim/quero que eles digam/meu pai reagiu/meu pai reagiu de novo/de novo

RD5 – M7

meu nome é Alex/e fui morar na rua por conta das drogas/mas diria que o problema chave que me levou às ruas foi eu querer ter liberdade/ eu querer conhecer o mundo/ e também, por ser uma pessoa sapeca/ uma pessoa mais solta na minha família/ então sempre se criou uma rede de me proteger de me vigiar/eu não tinha espaço/ meu lugar sabe?/ e eu nordestino sempre tive aquele sonho de vir para são Paulo/talvez não fosse apenas um sonho/mas uma vontade de sair/de conhecer novos lugares/até então nunca tinha saído do estado/morava em salvador/e então quis sair conhecer/com 14 anos eu sai de verdade/ embora durante minha infância sempre dava umas saidinhas/passava uns três ou quatro dias fora/mas voltava/dormia à beira-mar em canoas em barracas

RD6 – M8

[Entrevistadora pergunta como ele lida com os nomes que recebe]

as nomeações/eu sempre recebi com muita naturalidade e tranquilidade/eu sempre tive uma opinião muito crítica sobre todo esse sistema/eu sou filho de um agricultor analfabeto muito explorado por toda a vida/ meeiro de café no paraná/que com a chegada do agronegócio o café acaba/ e meu pai é expulso do campo como todos os outros lavradores/essa coisa sempre bateu muito forte/sempre tive consciência de que aquele caminho trilhado pelo meu pai era o correto/porque era um homem digno honesto e trabalhador né?/mas por outro lado era uma pessoa extremamente explorada/ então essa coisa do malandro/ do não sei o que/ já me batia como alguém que me dizia que todo mundo que não queria trabalhar/ que não queria um trabalho braçal era malandro/ como uma forma estratégica de fazer com que todo mundo trabalhasse para o capital/trabalhasse para que alguém enriquecesse/então nunca me caiu como algo pejorativo isso não/muitas vezes até tomei como elogio/ estudei até a 4ª série/hoje o ensino fundamental/mas acho que a gente divide conhecimento.

RD7 – M9

eu sou marcos antônio da silva/tenho 54 anos/eu fico aqui/ nesse abandonozinho/ esse quartinho aqui [apontando para uma caixa de papelão]/esse aqui é meu lar/essa que é minha casa/ é o meu chinelo/ é a minha roupa/tudo isso aqui/ é o meu biscoito/é o meu cafezinho/sou pedreiro civil/pedreiro de acabamento/eletricista/carpinteiro/amador/confeiteiro/mas é o seguinte depois que peguei meus 40 anos/não tem emprego

RD8 – M15

Eu sei o que é a rua. A rua é sofrimento. Na rua, ninguém é de ninguém.
Viver na rua é ser empurrado. É ser chibateado. (Apontando para erupções cutâneas) Isso é o álcool. Não tô mais resistindo

RD9 – M17

busco por um trabalho/sem ser explorado/sem ser explorado entre aspas/sem ser muito explorado/até sendo catador/porque aí ganho a minha renda/faria meu trabalho/e na maioria das vezes não teria ninguém para estar me mandando/nem me humilhando/porque quando um morador de rua chega para trabalhar/ só pelo fato de ser morador de rua/acho que as pessoas já têm aquele estigma/ querem que eu seja melhor do que o outro/ porque por exemplo se eu carrego um copo/ e o copo cair/ se o meu copo cair/é porque sou morador de rua

RD10 – M18

a gente vai caminhando/e a nossa cabeça vai amadurecendo/você vai passar por muitas coisas para aprender a dar valor/e eu não dava valor/eu era muito bonito/tinha cabelo encaracolado até aqui/eu passei uma procuração para minha irmã de 6 casas/e ela não me deu nenhuma/é por isso que eu estou na rua/depois de todos esses problemas que eu tive/ninguém me deu a mão/pode perguntar por aqui/meu apelido é gracinha/procure saber quem é o gracinha/veja o que minha família fez comigo/acabei nessa cadeira de rodas porque bati o carro na lagoa rodrigo de Freitas em 1992/oh moça/você não tem um trocadinho que possa me ajudar?/isso é solidariedade/roupa eu ganho/tudo eu ganho/as pessoas me amam/sabe?/você pode percorrer as regiões/aqui chamo as pessoas de pererequinhas/as garotas cocotinhas/sabe?/não quero falar das lembranças de família/por favor/mas tá bom tenho uma filha/ela está em maracá/o nome dela é janaína/ e é enfermeira/sinto muita saudade dela/o nome da mãe dela é jovelina/jovelina barbosa/eu conheci a Jovelina/ela me roubou de uma namorada minha/a neusa/a gente teve uma relação e nasceu a janaína/eu era muito... /como se dá o nome?/eu era muito galinha/eu já fui flor do campo/agora eu sou tiririca do brejo/quando tiver tudo ruim para você/olha para trás/tem gente pior do que você.

RD11 – M19

deus tem me dado grandes livramentos/ele me livrou de muitas coisas/creio que seja deus/outra pessoa não existe/por deus/ele ainda tem misericórdia da gente/é como muitas pessoas falam/deus abomina o pecado/mas ele ama o pecador/tive uma vida difícil/perdi minha mãe/eu tinha de 3 para 4 anos de idade/e a gente era em 9 irmãos/e meu pai não teve condições de criar todo mundo/e aí fui criado com uma tia aqui em São Vicente/quando bateu meus 14/15 anos/a gente começa com aquela época de bailinho né?/aquelas festas de modelos americanos/parties/aí fui me afundando/me afundando/aí eu peguei esse vício maldito que foi o álcool/e de lá para cá/ eu tento parar né?/muitas vezes quando eu entro em desespero né?/quando eu fico meio chateado da vida/começo a beber/já não paro/não como/tem vezes que são 3 ou 4 dias que não boto nada de comida na boca/é só pinga/ pinga/aí vou parar no hospital/ a rua e o álcool transformam o ser humano em três bichos/o primeiro bicho é o leão/porque você bebe demais/você usa drogas/você se sente um leão/todo mundo que passa na sua frente/você quer dar porrada/RAWR/então você se sente um leão/no segundo bicho/você já sente como um macaco/sabe o porquê é o macaco?/porque você já não liga mais para banho/você já não toma banho/já não corta um cabelo/ você já não faz a barba/e você quando passa na rua passa fedendo/então já o segundo bicho você se transforma em um macaco/e no último

bicho você se transforma em porco/que aí para mim já é o último estágio/e acontece o que?/você não vai chegar à casa de uma pessoa barbudo/ fedido/ e rasgado/ e pedir um prato de comida/o que cê vai fazer?/você vai nos lixos/abrir latão de lixo e pegar comida/o ser humano em si se transforma em três bichos/e uma/a gente deita em qualquer lugar porque se estiver alcoolizado e tiver uma marquise dessas/você dirá que está um apartamento/se estiver debaixo da ponte/dirá que está em um hotel 5 estrelas. Para suportar o frio da rua/você tem que estar alcoolizado ou muito drogado/mesmo que você esteja dormindo em cima de uma papelão ou jornal.

RD12 – M20

meu nome é thiago ferreira/nasci em Bauru e estou na rua faz 8 anos/o que me levou à rua foi as drogas/meu pai e minha mãe faleceu/comecei a andar pelo mundo/tenho minha casa em bauru ainda/aí eu fui para Ribeirão Preto. Fui preso em Ribeirão Preto. De Ribeirão Preto, virou a cadeia. Fui transportado para Campinas. E estou até hoje em Campinas. Não estou foragido. Estou em liberdade. Se eu tivesse oportunidade de mudar minha vida, eu iria trabalhar. Eu não trabalho, atualmente, porque não tem um empurrão. Esse empurrão seria arrumar um emprego, arrumar uma casa para morar. As pessoas olham para os moradores de rua como casqueiro, um noia. Se eu tivesse que mostrar a essas pessoas quem eu sou, eu mostraria por começar a andar limpo, por trabalhar, arrumar um emprego, ir na igreja, mudar de estilo/de vida, né? Ir a igreja, ter um emprego, ser limpo são coisas que significam muita coisa para mim. Se eu tivesse a oportunidade de mudar a realidade das pessoas, eu mudaria a vida do próximo que usa drogas. Eu fui para escola e estudei até a 7ª série. A escola era dahora. Nessa época, eu não usava drogas. Sim, na época que não usava drogas, lógico que era a melhor época da minha vida. Eu era feliz; tinha namorada; andava para todo o lado, todo mundo me cumprimentava, bem mais dahora. Se eu tivesse que ensinar algo para meu filho, ensinaria algo do bem. Não o lado do mal. Não mencionaria o lado de usar drogas, de vender drogas. Última mensagem minha a você seria: Diga não às drogas!

RD13 – M21

Moro na rua faz 3 anos. O que me traz às ruas é: Comecei a tramar na biqueira, comecei a usar drogas. Primeiro foi maconha, o segundo foi farinha. Aí, um começa a tirar o outro. Alguns usavam crack. E eu comecei a tirar eles porque usavam drogas. E, hoje, estou nessa vida. Se eu tivesse oportunidade de voltar para casa, com certeza eu voltaria, porque é uma capacidade que a gente não tem, né? Não ter capacidade de voltar para casa é não conseguir fugir do crack. O crack não me deixa.

Morar na rua, para mim... depois que comecei a dormir na rua, não consegui voltar mais para minha casa. É realmente duro. Quando falo de família, penso: Minha mãe está internada, mas ela sempre trabalhou. Pensa... eu vendia cesta básica de dentro de casa para usar droga. Ai eu saí... Eu mesmo quis sair de casa. Por conta própria, entendeu? Para não dar mais desgosto para ela. E, falar para você: Ultimamente, nem banho eu estou tomando. A falta de tomar banho é relaxamento... relaxo... Nós somos relaxados. Por isso o nome é mora na rua. "Nóis é relaxado memo". Se eu tivesse de ensinar alguma coisa para alguém, ensinaria a ter uma vida melhor. Para mudar de vida. Ou esse ensinamento seria para nós mesmos. Uma vida melhor seria: Estudar, arrumar um emprego e seguir a vida pela frente. Se eu tivesse de mudar alguma na minha vida, eu mudava para mim parar de usar. Os efeitos da droga sob mim: Bate abstinência. E, então, temos de correr atrás, né, para manter o vício? Se eu tivesse filhos, ensinaria algo melhor do que vivo aqui. Minha memória de escola é bastante chata. Eu passei por passar mesmo. Se eu tivesse de

ensinar alguma coisa para meus filhos. Eu diria: Que se eu Deus me ajudar, eu mudaria de vida

R13 – M22

eu sempre trabalhei/trabalhei em granja/trabalhei em sociedade/mas tive tudo destruído pelo álcool/perdi serviço/eu era diretor de laticínios/eu fabricava mais de 5 mil litros em dois tanques//droga assim é a cachaça/perdi minha família//hoje estou aqui embaixo de uma ponte/vendi tudo/vendi três casas lá no santa marta/por causa de drogas e de bebidas/perdi família/os filhos me abandonaram/hoje/ estou debaixo dessa ponte//vou comer um guisado/arroz com farinha e milho//estou na rua uns 4 ou 5 meses/eu trabalhava numa firma boa/eu trabalhava de segunda a sexta/mas/ ai a nega veia gostava de bebida também/e nossa casa pegou fogo/e meu neném de 8 meses estava lá dentro/eu pensei que o pessoal que tinha saído e levado ele/não tinha rua/os bombeiros não podiam entrar/aí/, fui ver/e o gurizinho estava queimado/olha/a vida... /eu só peço a deus/que me ajude daqui para frente/é o seguinte/esse lado é muito dificultoso/o cara tem de ter muita coragem/esse dia será melhor/mas você tem acreditar/ter fé em deus/sem ele e sem os amigos/mas eu pretendo mudar de vida/eu quero achar um trabalho mais dignamente/pode até ser lavoura/fazer horta/ viu?/ou cuidar de uma chácara/qualquer coisa para mim é tudo//tem de dar o passo/deus pode ajudar/mas o cara tem de seguir em frente/eu sinto saudade do meu pai e da minha mãe/mas o que fazer/né?/eles já me deram a vida/mas eu tenho de lutar por ela/eu até tenho família/mas não adianta/eu chego lá/eu trago/e eles não bebem/na hora que eu quiser/eu largo a bebida//o negócio é o seguinte/isso daqui não é vício nem nada/sabe?/eu bebo para esquecer/e é pior/porque/daí/ você lembra mais/esse é o mal do capeta/deus que me perdoe

ANEXO 2 - O outro sob o olhar de moradores de rua

RD1 – M1

[Entrevistadora pergunta como as pessoas reagem à presença dela como moradora de rua]
 todo mundo que para o carro na rua me dá as coisas/me doam dinheiro/uns R\$ 50 R\$ 30 R\$ 20 ou R\$ 10 para mim comprar uma mistura/ às vezes eu pergunto aos transeuntes quem é o senhor?/não/ eu quero te ajudar/ o seu sofrimento é muito/de dia você vê todo mundo alegre mas de noite horas dessas//aqui até casinha de cachorro tem para eles deitarem

RD2 – M2

[Entrevistador pede ao morador de rua que fale um pouco dele]

eu sou carlos francisco da silva/ eu cai nessa/ porque infelizmente eu perdi minha família/ eu mandei minha esposa embora num momento de muita tristeza/ aí eu arrumei emprego e tentei pegar minha esposa de volta mas ela não voltou/ eu ando por aí procurando meus filhos//eu posso pedir um prato de comida mas eu não achato ninguém/ peço comida mas dinheiro não/ o meu fardo é pesado/ vim com duas malas grandes de São Paulo à cidade de são josé dos campos a pé/ gastei quase dois ou três dias/ dormi no meio da estrada/ pedi caronas/ as pessoas que não me deram caronas não têm culpa porque às vezes esses caminhoneiros dão caronas e as pessoas assaltam eles//com a fé em meu Deus vim a pé até são josé dos campos/estar na rua é uma situação difícil/ a gente anda convive ai nesse mundo/ às vezes dorme no chão/ antes eu tinha um rede/ eu chegava em qualquer lugar armava a rede e deitava certo?/ já dormi no chão/ no chão puro/ no frio/ é verdade/ já dormi no chão encolhidinho sem nada/ dormi no mato/ graças ao meu bom deus/num veio nenhuma cobra me atacar / porque às vezes é melhor dormir no mato do que na cidade certo?/ porque no mato talvez só um animal pode te pegar/ às vezes na rua vem um malvado/ vem um malvado faz uma malvadeza/ então eu acho que falta pro pessoal/ um pouco de amor a deus/ amar a deus é.../ amar a gente morador de rua /amar todo mundo/ nem todo mundo é igual/ temos de fazer como o mestre falou/ se uma pessoa não puder ajudar/ não precisa ofender a pessoa/chamar de vagabundo/ eu peço a deus que deus me dê uma paciência tipo uma igual a de jó/não me refiro à fé/ a fé eu tenho em deus, certo?/mas eu peço a ele que ele me dê/ que eu seja perseverante/ certo?/ que eu segure tudo isso daí/ e que eu ainda consiga ter fé em deus/ que não perca a fé em deus/porque o meu medo é perder a fé, tá?/ porque mal para ninguém eu não faço certo? /não roubo/ não mato/ não ofendo/ às vezes se eu tiver um dinheiro eu dou

RD3 – M3

[Entrevistadora pergunta como era a morada nas ruas]
 morava na rua/ comia só quando passavam ajudas assistenciais/ morar na rua é depender das pessoas de bom coração/ se depender do governo ele não ajudava muito isso/ lógico que o governo tem alguns albergues mas a principal ajuda vem da sociedade/ grupos que se formam e fazem as famosas sopas aqui no centro no largo são francisco no pátio do

colégio tem muito disso/ foi nessa que eu me higienizava me alimentava tomava banho e me davam roupa/ e não é porque você é morador de rua que você tem que ser sujo/ não, muito pelo contrário/ você pode ser limpinho você até pode ter uma boa aparência/ há organizações não-governamentais que te dão roupa, que te dão ... que cortam seu cabelo/ que te dão aparelho de barbear para fazer sua barba/ então não é porque você está em situação de rua que você tem de ser sujo/ a época que eu fui para rua foi bem época de eleição/ muitos candidatos a deputados... eles prometem que vão te dar uma casa e que vão te tirar da rua/ e nunca é assim/ mas, diferente do que muitos pensam na rua você come bem./ há alimentos frescos// mas você passa despercebido na sociedade/ vira meio que nada/ fazer parte do cenário da cidade é realmente difícil/ as pessoas não te respeitam pelo seu caráter e pela sua essência mas pela roupa que você está vestindo pelos acessórios que você tem, por toda sua parte externa mas esquecem do seu interior da sua essência da sua personalidade/não era para ser assim/ lógico que tem muita gente que mora na rua que não tem escrúpulos que é completamente do mal mas grande parte das pessoas é morador e tem uma história para contar/ as pessoas que moram em regiões nobres tais como jardins pensam que uma pessoa da favela é uma pessoa que usa droga direto, que é bandido, que não presta cê entende?/ e não é assim/as pessoas se esquecem que Brasília sim é uma grande cadeia aberta/ 3 meses na rua parecem 30 anos/ polícia te batendo pessoas te apontando/ as pessoas veem um papelão te cobrindo acham que você é um noia que você fuma pedra o dia inteiro/e não é bem por aí.

RD4 – M4

[Entrevistador pergunta sobre a família e se prefere morar na rua]

eu tenho família/ preferir a gente não prefere morar na rua/ não precisa nem falar a rua é o perigo/não consegue dormir sossegado passa frio depende dos outros sabe?/ a pior coisa nesse mundo depender dos outros veio

RD5 – M5

[Entrevistadora pergunta como foi morar na rua]

morar na rua é muito difícil tá ligado?/ porque, com as pessoas assim não sei como é a visão/ a maioria assim tem um coração bom/ mas até o momento é tipo /ah toma uma bagulho pro cê comer, que eu sei que cê tá com fome porque para mim não vai faltar/ mas assim a gente é fútil é iníquo às vezes sabe?/ a gente tá tipo pedindo saca?/ aí tem uma certa parte que é usuária que vai lhe pedir é claro/ mas que não vê o além tá ligado?/ a dificuldade que ele passa de onde ele veio ou para onde ele vai

RD6-M6

[Entrevistadora pergunta do que ele sente falta]

uma saudade minha mãe/ nunca conheci minha mãe/ se eu tivesse filhos eu ia ensinar a verdade/oh filho isso daqui é droga/ é gostoso mas não usa/ oh o bagulho é louco na rua filho/ eu ia falar nas gírias mas ia falar nas palavras sinceras porque o filho tem que aprender sabe?/ tem que saber como é o momento e o movimento/porque não adianta você falar para ele aí, filho o bagulho é louco na rua não anda com certo amigo não/ não tipo até que dá para andar/ o grande barato não é andar/ é oi beleza? Tchau/ é andar com as pessoas certas/ se eu tivesse o poder eu queria ter minha mãe do meu lado/ uma última mensagem/ que deus te abençoe e te glorifique

RD7 – M6

[Entrevistadora pede ao morador que fale um pouco sobre si]

Eu sou alessandro/42 anos/ex-agente de saúde

esse colchão e uma peça de roupa é tudo que tenho/decidi vir morar na rua por ter me separado de minha mulher/e deixei três filhos para trás/na casa da minha mãe/ não estava dando certo/tenho um irmão que é militar/e a gente não se dá bem/para não ter briga/para não magoar mais minha mãe/ eu fiquei na rua/na rua eu consigo sobreviver sozinho/mas eu quero sair da rua/quero que meus filhos tenham orgulho de mim/quero que eles digam/meu pai reagiu/meu pai reagiu de novo/de novo

RD8 – M8

quando a gente a ouve a história do outro/há coisas que se repetem/a gente vai para rua em busca de aventura/ir para rua por vislumbrar dias melhores/são paulo foi meu grande canto/eu chamo de meu eldorado/sai de uma cidade de 4 ou 5 mil habitantes/para morar em são paulo né?/ o corinthians estava lá/ as luzes estavam lá/ tudo que eu ouvia falar no rádio no paraná estava lá em são paulo né?/esse fascínio todo/essa ilusão com a grande cidade/sonho de ganhar dinheiro e prosperar/foi um dos motivos para a alternativa de vida morar na rua/ fui para Franca/para Aparecida do Norte/essa busca da cidade e encontrando abrigo

RD9 – M10

amigo/eu perdi minha mãe/perdi minha mãe e meu pai/e um filho/fiquei sozinho está entendendo?/perdi um carro me roubaram ele/aí não tive condições de comprar mais nada/eu não tenho um centavo no bolso hoje nem para tomar um café/ o sonho meu?/de eu ir embora para casa/ ficar junto de uma filha minha que mora em santa catarina/e posso te falar outra coisa que tenho esperança é de viver antigamente coisas que hoje em dia não posso mais

RD10 – M12

o que queria para sair da rua/seria um serviço/uma família/uma coisa assim para sair da rua/porque essa rua também não é muito fácil não/muito ruim/muita ânsia demais na gente

RD11 – M13

morar na rua.../talvez um campo de concentração seja melhor/você é invisível/você é discriminado né?/as pessoas não te enxergam/as pessoas veem você como lixo ou mendigo/morar na rua é difícil/não tem como descrever/se você imaginar o pior dos piores é estar na rua/já fui gerente de supermercado/tive casa e carro/perdi tudo

RD12 – M16

o tratamento recebido dos servidores públicos/quer seja do policial/do agente de segurança/é discriminador/é violento/é agressivo/a gente precisa enxergar servidores como alguém que está a serviço do povo e do estado/sou considerado marginal pelo simples fato de estar ali/à margem/e o estado usa isso como uma máquina repressiva/eu

já fui expulso/e impedido de entrar em algumas cidades/eu por não conseguir justificar minha estadia/fui colocado dentro de uma viatura e deixado 5 ou 6 km distantes da entrada da cidade

RD13 – M25

(...) o prazer que essa droga causa é semelhante a um orgasmo no início. Hoje, eu uso para me controlar. Para não me tornar uma pessoa agressiva, para não me tornar um lixo, mais lixo do que a gente se torna depois. Por que eles não falam do numerário da conta dos deputado e vereadores que estão envolvidos no tráfico de drogas? A polícia que forma milícia apreende droga em Campinas e põe um noiado, como são chamados, um peba, para vender aqui no centro (BH). Uma droga substitui a outra. O antidepressivo e o antifissurante vai substituir o crack por um certo tempo. Porque, quando o usuário for considerado apto pela clínica a chegar à rua, aqui de novo.

Mesmo na rua, a gente causa inveja. Não é qualquer morador de rua que consegue pegar droga com o traficante, fumar e vender ao mesmo tempo. Por isso, a grande maioria dos moradores de rua morrem. Porque ele pega a droga, fuma um pouco, vende o resto. Não tem como pagar. Ele pega aquele dinheiro que ele fez e vai comprar mais. Na ilusão que vai conseguir pagar o traficante.

ANEXO 3 - O espaço-tempo e poder nas relações dos moradores de rua

RD1 – M1

[Entrevistadora pergunta como chegou à rua]

era sexta-feira/ eu não lembro do mês/ mas eu lembro que foi antes das 10h da manhã/ e eu pedia a ele/ deixe-me ao menos tirar minhas roupas, moço/ e ele me dizia se o seu marido estiver dormindo/ acorde-o / ele disse/ você não vai tirar nada/ foi aquela vingança com raiva/ é muito triste olhar para onde você morou tanto tempo/ esses anos todos que eu volto aqui eu começo a chorar

RD2 – M1

[Entrevistadora pergunta como é a vida nas ruas de São Paulo]

a avenida paulista significa a irmã mais velha a irmã maior/vou te falar/ a avenida paulista é a que nos dá a melhor face de São Paulo né?/a melhor a mais positiva e a mais simpática das faces que São Paulo mostra pro mundo//ainda que eu tenha adoecido/ vivo e dou esperanças para outros/aqueles que reclamam da vida deveriam ir olhar a face menos positiva da cidade que é cracolândia/e lá ver o sofrimento/ a dor/ e o pouco caso que são tratados aqueles dependentes das drogas/lá tem crianças de 9 10 11 anos à espera de um futuro/e que a cidade se lembre deles principalmente no amor né?/quem fala para um morador de rua eu te amo? eu quero dividir minha vida com você?//a infância drogada/ a infância desvalida/ como tem em São Paulo e em outras cidade do mundo/ ela sofre de carência afetiva/ Ninguém as abraça/ ninguém as deseja/ ninguém fala que ama

RD3 – M3

[Entrevistadora pergunta ao morador de rua como foi sua chegada à rua]

foi assim/eu tinha 17 anos quando o processo de ir morar na rua aconteceu/ eu tinha meus pais e ainda tenho eles até hoje/ e isso aconteceu/ a partir do momento que eu me assumi homossexual para eles/ minha mãe me expulsou de casa/ meu pai me agrediu/ foi um processo muito complicado para mim porque querendo ou não eu era um adolescente/não tinha uma opinião formada a respeito das coisas da vida/ eu ainda me lembro que eu me reuni com eles para contar sobre minha sexualidade/ mas cara a reação deles foi muito pior que eu poderia imaginar/ minha mãe disse que preferia ter um filho drogado um filho bandido a um filho viado/ aí eu fui morar na rua/passei fome/ passei frio/ passei muitas necessidades/ eu conheci na rua uma pessoa na rua/ e ele era garoto de programa/ aí ele me disse vai você tem perfil para coisa você leva jeito/ foi quando ele me apresentou pro scene só chic, que hoje já nem existe mais aqui na avenida São João/ e isso eu tinha acabado de completar 18 anos

RD4 – M4

[Entrevistador pergunta como é dormir na rua e do que sente falta]

às vezes você dorme com fome às vezes não/você ter sua televisão e assistir um filme/ as vezes dá fome/ sabe essas coisas normais?/ do cotidiano, saca?/ não tem um lado bom

morar na rua/não vou falar que não é um lado bom/ só que tem seu lado mais ou menos positivo/ porque você não vai pagar luz não vai pagar água nem aluguel/ você não tem responsabilidade com nada/ e cê acorda a hora que quiser/ cê come a hora que você quiser certo?/ tem esses lados/ não é positivo mas assim vantajoso/o lado ruim é isso aí veio/ estar na rua é estar disposto a tudo veio/ não tenho a escolha entre estar em casa e estar na rua/ fui expulso de casa/ cê acha que se eu tivesse a oportunidade de estar em casa agora/ cê acha que eu estaria aqui?/ tem gente que faz isso cara/ prefere ficar na rua/ tem casa tem tudo veio/ a droga não deixa ele ir embora/ Crack/ ele não consegue pegar o ônibus assim e dizer/ pô eu vou embora/ quando eu ia para minha casa/ eu nunca vou com o crack/ NUNCA/ sempre pego uma catuaba um corotinho chapado porque o álcool corta o efeito do crack/ não fica aquela abstinência aquela fissura aquela vontade/ se tivesse que escolher outra vida para mim veio não sei qual ela seria/antes de fumar drogas não era vida ainda/ a vida que eu levava antes da rua era passageiro/ não era vida/ se eu tivesse de me desafiar buscar um objetivo sair da rua eu teria de acreditar em mim/ buscar uma nova maneira de viver/ lógico/ e sumir daqui veio/ ir lá pro centro/ ficar num lugar onde eu possa me restabelecer e ficar forte psicologicamente/ o crack é complicado/ agora, o resto da vida inteira/ depende da farinha ou do crack/ eu terei essa vontade de usar pela vida inteira/ eternamente/aquela mulher é mais ou menos minha esposa [aponta para sua companheira]/ a gente estamos numa amizade assim né?/uma esposa feia daquele jeito não tem como/ ela não pode ser minha esposa porque meus amigos veem ela e dizem a mim cê tá louco?/ um futuro para mim é uma nova vida/ eu acredito que eu vou mudar de vida/ minha próxima oportunidade de vida não sei qual será/ mas eu não vou terminar desse jeito/ eu tenho fé no ser superior/ quem é esse ser?/ jesus/ e uma última mensagem a você é eu mudarei de vida

RD5 – M5

[Entrevistadora pergunta sobre dormir na rua]

dormir na rua... você falou numa palavra boa até me arrepiou/ não tô brincando não/ o negócio é feio/tem hora que a gente não consegue uma manta porque a manta... a manta eu falo mesmo é o nosso descanso/ é a manta e o papelão/ porque se não tiver o papelão para tirar a friagem do solo entende?/ a gente pode pegar uma pneumonia/ eu nunca vi/ só vi uma vez em toda minha vida/ no ano de 2000/ eu falo que foi no ano de 2000 porque passou na reportagem do cidade alerta/ uma vez que falaram que o morador de rua morreu congelado na rua/ foi uma vez/ uma vez/ eu falo que são milhares de moradores de rua/ mas às vezes a doença já está lá há muito tempo/ aí a manta mata/se eu tivesse de realizar um sonho eu queria ter uma mulher ao meu lado para me dar forças/ eu falo aí para você/ a mulher para mim é cabeça da família/ é aquela que me dá forças/ se eu tivesse uma mina do meu lado uma companheira mesmo que desse um sorriso para mim todas as manhãs que me desse um beijo e um abraço em todas as tristezas minhas/ eu falo para você que aí não ia ter para ninguém/ eu ia ser o homem mais feliz/e aí ia ter de tudo//água é tristeza/água é só da chuva// rodoviária dá para tomar banho tá ligado?/ lá tem uma torneira/ o pessoal lá também é liberado né?

RD6 – M7

[Entrevistadora pergunta como é ser morador de rua]

por mais que a rua possa ser definida como liberdade/ela é local de uma solidão imensa/ quando você está na rua/você está no meio de uma multidão mas ninguém te enxerga

sabe? /você está ali/ mas você... não te enxerga mesmo sabe?/ hoje mesmo passei pelo ponto de ônibus/o arredor fica deserto/ havia um morador ali/quando te enxerga é para te criticar/enxergam o lado mau/ mais feio da coisa/mas ele não tem a abertura de olhar de todos os lados o porquê a pessoa está ali sabe?/a gente que está na rua tem uma repressão/vamos dizer... /somos violentados nossos direitos a todo o momento/ por isso cheguei a trabalhar porque tenho uma visão autônoma da vida

RD7 – M8

[entrevistador pergunta onde ele dormia]

debaixo de ponto não/tinha muita água (risos)/cheguei dormir debaixo de viadutos/há uma estratégia de sobrevivência/morei em campos de Goytacazes/onde eu dormia sobre o ponto de ônibus/ele era uma laje de concreto/e eu dormia em cima dele devido à violência/ então você vai se adaptando à realidade de cada cidade e de cada região do país/nessa estratégia de vida/por exemplo/na região sul você não dorme muito na rua na época do inverno/ na região norte e nordeste/você vai preferir dormir na rua porque é menos fresco é calor demais/no rio de janeiro por exemplo você prefere dormir na rua devido à opção de trabalho que a cidade oferece/ é mais tranquilo trabalhar à noite do que você trabalhar durante o dia/ ou seja você se adapta às diferentes realidades de cada cidade/ dormir na rua é desafiador/ mas é aquela história você tem uma cartucheira uma agulha e uma onça na frente/então não tem jeito/você tem de dormir/ é aquilo que tem/a noite cai e você não tem para onde ir/você não tem uma casa/não tem um teto para voltar/você tem a chave/o grande enigma da coisa que abre a porta/ e aí te resta a noite/um ponto de ônibus uma marquise um campo de praça/e é isso que você tem/ então é desafiador?/ é/você tem duas escolhas/dormir ali ou passar a noite acordado ali/uma hora o sono vai te roubar e você vai dormir ali

RD8 – M9

eu sou marcos antônio da silva/tenho 54 anos/eu fico aqui/ nesse abandonozinho/ esse quartinho aqui [apontando para uma caixa de papelão]/esse aqui é meu lar/essa que é minha casa/ é o meu chinelo/ é a minha roupa/tudo isso aqui/ é o meu biscoito/é o meu cafezinho/sou pedreiro civil/pedreiro de acabamento/eletricista/carpinteiro/amador/confeiteiro/mas é o seguinte depois que peguei meus 40 anos/não tem emprego

RD9 – M11

eu era espancada/chamava a polícia para mim/aí peguei e vim para as ruas/familiares batiam em mim/tia primo/sofri todo tipo de violência dentro de casa/para matar a fome/a gente usa tiner para matar a fome/não tem nada para você comer/então ele sustenta sua fome

RD10 – M14

(...) o que eu estou querendo dizer é que nem todo morador de rua é marginal/mas em qualquer lugar do mundo também é lei/não se pode fazer de via pública moradia/até no deserto//o papelão é da prefeitura/mas a barraca/ o sabonete/o sapato é nosso/ é bem pessoal/ eu ganhei uma barraca/que é a quinta barraca/se eu não chego aqui a tempo/ eles iam levar/a penúltima barraca/os fiscais tiveram a cara de pau de dizerem/agora eu vou pescar/essa é bem pessoal da gente/eles não respeitam nenhum/eu já apanhei/eles já pegaram 13 kg de ração do meu cachorro/minha bombinha de asma/sabe?/e outra coisa nenhum deles tem crachá/NENHUM/quando eles não chegam com a viatura/tem três anos que estou nesse mesmo lugar/agora nesse mês/esses meses aqui/que eles têm sido educados/porque no mais já apanhei/os guardas ficam sem graça/eu sou uma moradora diferente?/sou/realmente eu sou/porque eu acho que assim/meu direito começa quando o seu termina/obrigado dá licença/ o que é meu não é seu/o secretário passou aqui e viu a barraca/a ordem era de levar a barraca

RD11 – M 23

Eu vivo na rua há 20 anos. Eu tenho minha família: minhas filhas. Mas, lá, não dá para ficar. Não dá para beber. Quando um não tem dinheiro, o outro tem. A gente não fica na mão. Sou soro-positivo vai fazer 11 anos. Eu pretendo sair dessa vida (É como se morador na rua adquirisse dimensão-outra. É como se houvesse vestimenta a ser usada para entrar e sair da rua; como se fosse um lugar) E, aqui, a gente tem muita amizade. A gente não pede nada para ninguém e tem muita coisa. Aí, aqui, a gente deita a hora que quer, não paga luz, não paga água. Você tem o direito de ir e voltar. Com meu ex-marido, eu tenho oito filhos. Lá, não dá para morar. Não pode beber. Tudo querem controlar. E a gente tem um dinheiro, tem cartão e pode entrar no mercado e comprar o que a gente quer. E pretendo sair da rua. Vou me inscrever nas casinhas. Porque eu não vendi a casa. Eu renunciei a casa. Porque me roubaram tudo as coisas. Eu vim na habitação e renunciei. Eu tenho o papel da luz, da retirada do relógio e do corte da água. Quando eu renunciei a casa. A casa foi para outra pessoa. Casa germinada não dá certo.

RD12 – M24

Eu trabalhei em construções civis, em obras, né?

Dormir mesmo, você não dorme. Você dá uma relaxadazinha básica, né? É barulho. É estranho que cê nunca viu, que cê num conhece, passa aí toda hora. Dormir você dorme em uma casa, em um quarto, em que você confia; aí você dorme. Na rua, você espera pela manhã chegar.

Estou esperando amanhecer. Eu trabalho. Sou cozinheiro. Meu primeiro salário eu vou sair dessa vida. Vou recomeçar minha vida.

Eu vim da Bahia tem dois anos e meio. Uma perua me pegou e dizia: Quem quer trabalhar de pedreiro em São Paulo? Na primeira semana é um sonho: Toma aqui R\$ 50,00 para comer e dormir na obra. Mas, o empreiteiro pegou uma bolada e sumiu. E ficou todo mundo lá dentro da obra. Hoje, eu trabalho com sucuta. O que eu chamo de visão de águia e olho de tigre. Você pode não ver nada. Eu já estou com meu olho afixado. Encontro as coisas. E posso dizer que minha saúde é boa. Já nem me lembro qual foi a última vez que peguei gripe. Não vou ao médico. Não conseguiria mensurar quantos km eu caminho, eu

caminho o dia inteiro. Caminho bem mais que 20 km. Vou pro Pacaembu, pro Morumbi [...] Meus braços e pernas já acostumaram. Calejaram. No começo, à noite, doíam demais. Hoje, nada. Meu carrinho é minha própria casa. Chega de noite, pego o plástico aqui, olha. Cubro aqui, fecha aqui. Forro o chão com papelões bem forradinho, para não pegar nenhuma friagem. Pego minha água, ouço minha musiquinha, e digo: Senhor, me abençoe essa noite! Se eu for rico, e as pessoas não souberem e me virem desse jeito aqui, como eu sou, morador de rua mesmo, elas irão todas pro seu lado. Quando eu vim para São Paulo, eu não imaginava nada disso. Queria ganhar dinheiro, ir embora, ter uma vida legal, comprar minhas coisas. Mas, não pretendo ir embora. Aqui, você arruma R\$ 10,00, você acaba ficando, ficando [...] Daqui uns três, você me encontrará na minha casa que seja aqui ou que seja na Bahia, eu quero ter minha casa. Vou fazer um cômodo, vou rebocar, vou entrar para dentro, vou fazendo outro. Eu aprendi assim, sabe? Vou comprar um terreno e vou demorar 15 anos para pagar. Hoje, eu ganhei o dia desabafando. Para mim, hoje, está bom. Estava pensando em tirar minha vida.